cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11 12 13

F. M. BORDALLO

ROMANCES

MARITIMOS

LIVRARIA DE ERNESTO CHARDRON

Visconde de Benalcanfôr

SCENAS DE VIAGEM:
Na Italia. 1 vol..... 500
De Lisboa ao Cairo. 1 vol..... 600

Alberto Pimentel

Guia do viajante nos caminhos de ferro — De Lisboa ao Porto — Do Porto a Braga — Do Porto a Ponafiel — Do Porto á Povoa de Varzim. — 1 bonito volume, com uma elegante cartonagem e um mappa de Portugal. 700

Tito de Noronha

Passeios e digressões. 1 vol..... 400

Julio Verne

Vinte mil leguas submarinas. 2 v. 1$200
Aventuras do tres russos e tres inglezes na Africa austral. 1 vol..... 600
Viagem ao centro da terra. 1 vol. 600
Viagem ao redor do mundo em oitenta dias. 1 vol..... 600
Heltor Servadac. Viagens e aventuras através do mundo solar. 2 vol... 1$200
A terra das pelles. 2 vol..... 1$200
O Chancellor. 1 vol..... 600
A ilha mysteriosa. O abandonado. 1 volume..... 600
Uma cidade fluctuante. 1 vol... 600
Miguel Strogoff ou o correio do czar. Um drama no Mexico. 2 vol. 1$200
Cinco semanas em balão. 1 vol. 600
Os filhos do capitão Grant. America do Sul. 1 vol..... 600
Australia meridional. 1 vol..... 600
O Oceano Pacifico. 1 vol..... 600
O descobrimento prodigioso e suas incalculaveis consequencias para o futuro da humanidade. 1 vol... 600
Viagens e aventuras do capitão Hatteras. Os inglezes no polo do norte. O desorto de gelo. 1 vol..... 1$000
Da terra á lua. 1 vol..... 600
O segredo da ilha. 1 vol..... 600
Ao redor da lua. 1 vol..... 600
Os naufragos do ar. 1 vol..... 600
As Indias Negras. 1 vol..... 600
O abandonado. 1 vol..... 600
America do Sul. 1 vol..... 600
Descoberta da terra. Grandes viagens e grandes viajantes. 1 vol..... 600
O doutor Ox. Mestre Zacharias. Uma invernada no gelo. Um drama nos ares. 1 vol..... 600

Julio Cesar Machado e Pinheiro Chagas

Fóra da terra. Caldas da Rainha — Festas da Nazareth — Leiria e Marinha Grande — Cintra — Bussaco — Bom Successo — Paço d'Arcos — Espinho. 1 vol..... 500

Conego Alves Mendes

Italia. 1 grosso vol..... 1$500

Gustavo Aymard

OS DRAMAS DO NOVO MUNDO

PRIMEIRA SERIE

Os caçadores do Arkansass. — Os vagabundos das fronteiras. — Os franco-atiradores. — O coração leal. 2 volumes..... 1$280

SEGUNDA SERIE

O grande chefe dos Aucas. 1 vol. 700
O farejador de pistas. 1 vol..... 300
Os piratas das planicies. 1 vol. 300
A lei de Lynch. 1 vol..... 400
Os filhusteiros. 1 vol..... 300
A febre d'ouro. 1 vol..... 300
Curumilla. 1 vol..... 300
Valentim Guillois. 1 vol..... 300

TERCEIRA SERIE

Os outlaws do Missuri. 1 vol... 320
Bala-Franca. 1 vol..... 400
O explorador. 1 vol..... 500

Ponson du Terrail

ROCAMBOLE

—

OS DRAMAS DE PARIS

A herança mysteriosa. 6 vol.
O Club dos Valetes de Copas. 10 vol.
As proezas de Rocambole. 10 vol.
A desforra do Baccarat. 3 vol.
Os cavalleiros do luar. 5 vol.
O testamento de Grão de Sal. 6 vol.
A resurreição de Rocambole. 12 vol.
A ultima palavra de Rocambole. 15 vol.
As miserias de Londres. 10 vol.
As demolições de Paris. 5 vol.
A corda do enforcado. 5 vol.
Maravilhas do homem pardo. 8 vol.
A obra completa, 95 vol., 9$500 rs.

Francisco Maria Bordallo

BIBLIOTECA DO I. L. H. P. ★ ASSIS ★

ROMANCES MARITIMOS

II

Episodios d'uma viagem — Scenas da escravatura — Viagens aos pólos — Quadros maritimos — Dous annos de viagem — Ignoto deo.

Livraria Internacional
DE
ERNESTO CHARDRON — EDITOR
PORTO E BRAGA

1880

46458

UNESP ASSIS - BIBLIOTECA
DATA
TOMBO

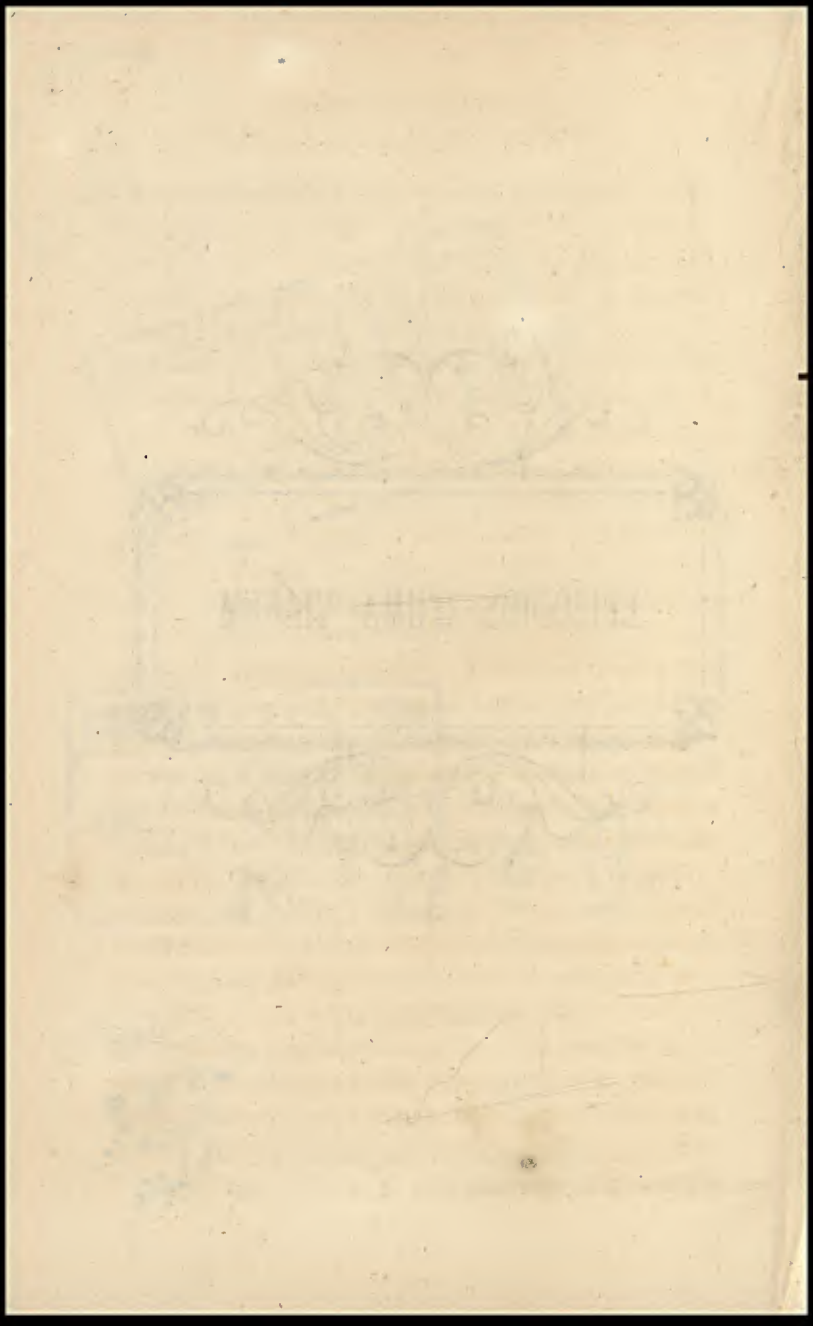
BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS
Data
Tombo

V-II

·869-8
B727n
v.1.R
1428

Porto: 1880 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

EPISODIOS D'UMA VIAGEM



I

BORDEJAVAMOS em gaveas, papa-figos e joanetes, sob o abrasador sol do Equador; ainda estava á vista a formosa ilha de S. Thomé, d'onde haviamos largado algumas horas antes com destino a Loanda, e com uma fraca aragem do sudoeste nos afastavamos vagarosamente da terra.

O mar parecia um espelho; no céo não se enxergava uma só nuvem; o ar era tepido, como costuma ser n'estas paragens, sempre que não ha ventania; e as anteparas do navio rangiam compassadamente ao dôce embate da agua contra o costado.

A marinhagem encostava-se pelas amuradas, bocejando, e a officialidade conversava pouco ruidosamente em volta do cabrestante, quebrada tambem pela molleza que aquella atmosphera abafadiça communicava aos corpos.

O commandante, de pé sobre o degrau do cata-vento, olhava, ora para o horisonte, d'onde esperava vento mais fresco e mais largo, ora para a terra, que tão lentamente, para os seus desejos, se ia apartando de nós.

Navegavamos de bolina cerrada, com a amura a estibordo, fazendo prôa de susoeste, e a barquinha indicava que o navio apenas seguia duas milhas e meia por hora, promettendo á tripolação uma noite de socego, d'essas noites fastidiosas para o homem do mar, quando não vem depois de muitos dias tempestuosos.

Um successo inesperado, ainda que insignificante na apparencia, veio de repente acordar a guarnição, que parecia entorpecida pelo somno; era a voz do contra-mestre, que vigiava á prôa, transmittindo a todo o navio uma noticia importante para o nauta:

— Ahi vai uma garrafa lacrada, por estibordo!

O commandante olhou immediatamente para o mar, e viu com effeito a botelha, que continha em si, talvez, a historia d'um naufragio, d'uma descoberta, ou d'uma revolta a bordo; sem perder tempo, como é mister em todas as manobras navaes, bradou para o timoneiro:

— Orça!... de ló todo o leme!

E logo, volvendo-se para a chusma, acrescentou com voz clara e vibrante:

— Carrega papa-figos... chega muita gente para os estingues... Vá... ligeiro!

N'um momento, os moitões rangiam com o attri-

to dos cabos, e a vela grande e o traquête subiam, franzindo-se, como um pano de theatro.

— Larga bolinas de ré — proseguiu o commandante — ala braços, grande e gavea a bombordo... Olha o que péga n'esse joanete!... Bom; assim; volta. Arria a escota á bujarrona!

E o brigue perdeu instantaneamente o pouco seguimento que levava.

— Arria um escaler — continuou ainda o capitão — salta quatro homens alli... Senhor tenente — acrescentou, virando-se para mim — salte tambem, e tragam aquella garrafa.

D'um pulo estava dentro do escaler, e quatro forçosos remadores o faziam vogar com ligeireza na direcção do fragil vidro, que talvez já houvesse arrostado com cem temporaes. Mal se enxergava a espaços, apesar do espelhado das aguas, porque o tempo necessario para executar a manobra de *atravessar,* posto que levada a effeito com promptidão, sempre nos afastára bastante do mysterioso viajeiro.

Começava a escurecer, e todos sabem como n'estas latitudes a noite succede ao dia, quasi sem interrupção crepuscular — essa tão saudosa hora da tarde nas zonas temperadas! — As trevas desciam como um funereo crepe sobre os horisontes, e tingiam de azul ferrete a superficie do mar, escondendo-nos de todo a procurada garrafa.

O navio tambem já nos ficava longe; porém o commandante que seguia com a vista o escaler, ma-

reou novamente, e virou de bordo, navegando com pouco pano em direcção a nós.

Isto animou-nos a não desistir da caça. Guinada para bombordo, guinada para estibordo, lá fomos buscando, por entre as sombras da noite, aquelle pequenino objecto, perdido nas solidões do oceano. A empresa, comtudo, era já muito difficil.

Afinal o brigue aproximou-se de nós por estibordo, e quando já mais desacoraçoados estavamos de alcançar o fim proposto, ouvimos o commandante, bradando pelo porta-voz:

— Ó do escaler! Rema de bombordo, cia de estibordo, que a garrafa está aqui pelo través do brigue.

E nós logo executando a manobra ordenada.

— Assim — continuou o capitão — direito ao portaló... Ella ahi está!...

De feito, a botelha roçava pelo escaler; lanceilhe a mão, e confesso que poucas vezes tenho tido igual alegria á d'esse momento. — Aqui dentro está um romance tenebroso! — dizia eu commigo mesmo, apertando a garrafa com ambas as mãos, e impaciente por me vêr a bordo do brigue, e fazer cahir o véo d'este mysterio.

Se não fosse a vista experimentada d'um maritimo de profissão, com o poderoso auxilio d'um oculo de noite, a garrafa não teria sido enxergada de bordo do navio, e muito menos do escaler que, mais raso com as vagas, não podia alcançar tão longe, e já ia fóra do necessario rumo.

Em tal caso, quantos annos andaria ainda sobre as ondas aquelle silencioso nadante, ou se iria quebrar-se nas agudas pontas de algum rochedo deserto, sumindo na voragem do oceano, para sempre, talvez uma historia importante, talvez a explicação d'um enigma maritimo!?

Quando atraquei a bordo, fui recebido ao portaló por todos os officiaes, que estavam anciosos por vêr o curioso achado; alguns queriam mesmo alli quebrar a garrafa, e conhecer o seu conteúdo. Entendi porém que devia entregal-a intacta ao commandante, e corri para a pôpa do navio.

O capitão ordenava que içassem o escaler, para o que mandára de novo *atravessar*. Depois, cedendo o lugar do catavento ao official seu immediato, disse-lhe que em estando o escaler nos turcos, puzesse na outra amura, e *orçasse o que o vento désse*. Em seguida dirigiu-se á luz da bitacula, e pegando na garrafa com certa emoção, quebrou-lhe o gargalo com uma malagueta de ferro, apparecendo então a descoberto a extremidade d'um rolo de papeis, perfeitamente bem conservados.

Officiaes, marinheiros e soldados cercavam o commandante em religioso silencio, anhelantes por ouvir lêr aquelle manuscripto, e phantasiando de antemão mil historias, a qual mais lugubre e pavorosa.

O capitão tirou vagarosamente o rolo de papeis de dentro da garrafa, e antes de cortar o *fio-de-vela* que o enleava, disse, sorrindo:

— E se isto estiver escripto em lingua que nenhum de nós entenda?

— Lêr-se-ha em terra — respondi eu — todavia ha a bordo quem conheça os principaes idiomas da Europa.

— Ora vejamos se nos sahe chim ou siamez...

E dizendo isto, o commandante desenrolou os papeis, e achou no topo da primeira pagina estas palavras em portuguez clarissimo:

« Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo para sempre! »

— Amen! — acrescentou o capitão; e sentando-se sobre um paiol volante (dos que costuma haver, com polvora, na tolda): — Graças a Deus que todos nós entendemos este idioma — disse ainda com ar risonho — e mudando em seguida de modo e de entonação, começou a lêr, com gravidade, o manuscripto que tinha nas mãos, e que rezava assim:

« Seja louvado Nosso Senhor
Jesus Christo para sempre!

«Bordo da galera *Amazona*,
7 de março de 1831.

« Eu Carlos Antonio Pedroso, segundo piloto d'esta galera, e hoje, e talvez por poucas horas, seu unico tripolante, vou escrever a minha confissão geral, que depois confiarei ás ondas, e peço a quem quer que encontrar este manuscripto lhe dê a possi-

vel publicidade, para que as orações dos fieis me livrem do purgatorio, já que não tenho aqui um sacerdote que me deite a absolvição ».

Em quanto o commandante voltava a primeira folha, que não continha mais do que este curto prologo, os marinheiros tiravam sucessivamente os chapéos, e rezavam em voz baixa o seu *pater* pela alma do piloto.

Logo depois o capitão proseguiu a leitura n'estes termos:

« Nasci na rua da Paz, em Lisboa, e morrerei, provavelmente, no oceano entre 9 e 10 graus de latitude sul, e em 23 graus, proximamente, de longitude a oeste de Greenwich, posição em que me supponho, pela altura que tomei ao meio dia, e a *derrota estimada*.

« Ai! porque não segui eu o conselho d'aquelles bons parentes que me queriam para frade, ou pelo menos para clerigo? Estaria agora descançado na Graça ou na Trindade, resmungando o meu latim, e sem perigo de me vêr d'aqui a pouco com a barriga cheia d'agua!

« Deus já o tinha destinado assim. Conformemo-nos pois com a sua divina vontade, e tratemos de confessar ao mesmo poderoso Senhor, e aos homens tambem, todos os peccados d'uma vida de trinta annos.

« Therezinha! Therezinha! Dôce companheira da

minha juventude, que ias ser minha esposa, á volta d'esta viagem — como te consolarás da minha perda? Ai, que morres solteira, de certo!

« Meu bom irmão Paschoal, quem te servirá de arrimo quando venha a faltar-te o nosso bom pai, e a nossa santa mãi, que já estão tão velhinhos?

« Oh! como custa a deixar a vida aos trinta annos, quando nos ficam tão fundas raizes no mundo! O coração parte-se de dôr, antes que chegue a fatal hora do passamento.

« A situação em que me vejo é por força castigo dos muitos peccados que commetti. Primeiro: aquelle lenço de sêda, que eu vi cahir na rua, e que apanhei, guardando-o, em vez de o restituir a seu dono.

« Pequei contra o mandamento da lei de Deus que ordena — não furtar.

« Segundo: aquella criada tão novinha que eu tive em casa, e que seduzi com promessas de casamento... Foi outra infracção dos preceitos divinos; pequei contra o sexto mandamento!

« Matar, isso não, nunca matei! Mas desejar a mulher do proximo, cubiçar cousas alheias, mentir... n'esses pontos pequei tambem; sou um grande peccador!

« Porém confesso tudo; arrependo-me; e peço perdão a Deus, e a toda a gente que offendi. A minha ultima diligencia, n'este transe, é salvar a alma, porque o corpo, já agora, vai ser mantimento dos peixes.

«E quantos tubarões andam já em roda da galera, como se adivinhassem que teem presa certa aqui! E sentir-se um homem cheio de vida, e contemplar o brilho d'um dia encantador, como eu estou vendo, e dizer: A agua sobe uma polegada em cada hora, portanto d'aqui a quatro horas terá vencido as escotilhas, e espalhar-se-ha pela tolda, não tardando em afundar o navio.

«E tudo está dito; subirei ainda acima da amurada; treparei depois a esse resto do mastro grande, mas a galera continuará a mergulhar-se no abysmo, e eu ficarei emfim sem apoio, sobre as aguas, para cevar a gula d'um tubarão.

«É preciso aproveitar o tempo, se quero contar o resto da minha vida.

«Aprendi para piloto, e logo na primeira viagem em que embarquei de praticante, naufragou o navio nos baixos do Pará, e a custo me pude salvar n'uma jangada. Voltando a Lisboa, como passageiro, estive quasi resolvido a mudar de profissão, mas a instancias d'um amigo, que era segundo piloto da *Resolução,* aceitei o lugar de terceiro piloto na mesma barca, e fomos vêr as barbas ao Adamastor. Além do Cabo revoltaram-se os degredados que conduziamos para Moçambique, e se não fossem os cestos de cal, com que os cegámos, o caso tornar-se-hia muito serio. Emfim chegámos a Gôa, a salvamento, e na torna-viagem perdemos o leme no parcel das Agulhas, sendo obrigados a ir de *esparella* até á ilha de Bourbon, para metter novo leme. Já

muito proximo da terra, cahiu-nos um dos malditos tufões d'aquellas paragens, e deixou-nos rasos; armámos guindolas, e lá fomos a Deus e á ventura, não só buscar novo leme, mas novos mastros tambem.

« E ainda viemos a Lisboa! E a Therezinha tudo era dizer-me que não tornasse a sahir... mas se isto do mar tem feitiço! Ajustei com a pobre rapariga que faria ainda uma viagem, e que na volta casariamos; e eis-me embarcado como segundo piloto da *Amazona,* velha galera do tempo da *Grã-Cruz d'Aviz,* e do *S. Domingos Eneas,* da *Asia Grande* e do *Grão-Careta.* Para que?... Para vir morrer aqui ao desamparo!

« Largámos do Tejo a 5 de fevereiro, com destino ao Rio de Janeiro. Logo na altura da Linha começou o navio a fazer agua, e por nove graus sul cahiu-nos uma trovoada que fez rebentar os cabrestos do gurupés.

« Partida esta chave do navio, a mastreação de prôa tombou sobre a grande, e a grande sobre a da mezena, deixando a embarcação rasa. A agua cresceu, e tornou-se impossivel esgotal-a, porque se entupiram as bombas. A desesperação apoderou-se de toda a gente. Então, vendo o meu fim tão proximo, recolhi-me ao camarote, e bebi o resto da aguardente que tinha na frasqueira. Poucos minutos depois não considerava no perigo; estava a dormir profundamente.

« Quando acordei no dia seguinte, vi que a

agua já começava a invadir-me o camarote; saltei ligeiro do beliche, e subi para a tolda... mas não encontrei nenhum dos meus companheiros! Corri furioso á borda, alonguei os olhos pelo horisonte, e enxerguei lá muito longe uma vela que se afastava da *Amazona*... Gritei, acenei com o lenço; debalde: não podiam vêr-me, nem ouvir-me, n'aquella distancia! Como a fera encerrada na jaula, percorri o navio em todas as direcções, lançando brados estrepitosos, e alfim depararam-se-me estas palavras, escriptas em grossas letras de giz sobre a *meia-laranja:*

« A *barca* AMAZONA, *de Lisboa, foi abandonada pela sua tripolação, hoje 7 de março de 1831, salvando-se* toda a gente *no brigue inglez* WILLIAMS, *que segue para o Cabo da Boa Esperança* ».

« Salvou-se toda a gente! — bradei eu, desesperado... — então o segundo piloto não é gente? Malvados!

« E escrevi em seguida estas palavras:

« *Não! Nem toda a gente foi salva. A infame tripolação deixou a bordo, dormindo no seu beliche, o piloto* Carlos Antonio Pedroso, *condemnado a uma morte certa, e de incalculaveis tormentos!* »

. . . . . .

« Ai! a agua acaba de arrombar as escotilhas, e derrama-se pelo convés... Está chegada a ultima hora!... E nenhum navio á vista... e o sol quasi a sumir-se no occaso!... Ai! Venha uma garrafa, metta-se-lhe dentro este papel, que servirá de corpo de

delicto aos que me abandonaram traiçoeiramente; e depois de lançar ao mar esta confissão dos meus peccados, esperarei resignado a morte que se avisinha, pedindo perdão a Deus das offensas que lhe tenho feito, e aos homens um Padre-nosso e uma Ave Maria pela minha alma».

Quando acabou a leitura, não se sentia a respiração de nenhum dos ouvintes; o terror e a curiosidade os tinha como petrificado. Na verdade era uma historia horrorosa a que haviam escutado, duplamente horrorosa para o maritimo, que corria perigos semelhantes, sobre as tábuas de fraco baixel.

— Se se encontraria o casco da galera! — disse afinal um dos officiaes.

— E o cadaver do pobre piloto! — acrescentou outro.

— Talvez fosse aquella *alma-do-mestre* que nos seguiu tantos dias! — opinou um velho guardião.

— Tudo é possivel, interrompeu o commandante — porém agora, tratemos de nós. Chega para as obras, que aquella trovoada, que lá vem subindo de léste, promette muito vento. Ferra joanetes; arria a bujarrona, iça a véla d'estay de prôa... Carrega papa-figos, e a vela ré... Não te toques em vento, timoneiro!... Driças de gavea na mão!... Contra o leme... Arria gaveas... ronda os braços... cheio!... cheio mais!... cheio todo!... Andar assim, que é bom andar.

II

A zona torrida que se afigura a muita gente como uma secção do globo perpetuamente decorada d'um céo puro e anilado; d'um mar placido e transparente, sem uma nuvem que obscureça a atmosphera, sem uma bafagem que encrespe as ondas, não goza sempre da calma que lhe attribuem, tem suas borrascas como as demais zonas, e sobretudo apresenta trovoadas de medonho aspecto, ainda que nem sempre tão feias nos resultados como na apparencia.

A trovoada, porém, que apanhámos na altura de S. Thomé, quando se acabava de lêr o manuscripto do piloto da *Amazona*, foi das que justificam a precaução do bom navegador, quando, mesmo n'estas paragens, diminue de pano apenas vê subir

*

do horisonte aquelle negrume, sulcado a espaços por fitas de fogo, e que estende pela amplidão do céo as suas azas alvacentas.

O gigante das trevas crescia como um phantasma, acompanhado pelo ribombar do trovão, que ainda se ouvia muito ao longe; rasgava aqui e alli o seio negro, chispando fogo que alumiava o mar e o navio em sinistro crepusculo; depois abriu na base um arco menos denso, que augmentava de momento para momento, promettendo grossa chuva; e as vagas, antes mesmo de sopradas pelo vento, agitavam-se, como obedecendo a poder sobrenatural, e no embate erguiam flocos de escuma, que a luz dos raios prateava. Grossos pingos d'agua cahiram emfim sobre o convés do brigue: uma detonação horrenda, como de mil bombardas disparadas a um tempo, estalou em seguida á volta do navio, e o vento furioso se precipitou logo sobre elle, assobiando por entre a enxarcia, redemoinhando pelo convés, engolfando-se na coberta, nas camaras e no porão.

Á maneira que a trovoada ia apresentando estas differentes phases, dava o capitão as vozes de commando com que terminámos o precedente capitulo. Em gaveas sobre a pêga da vela d'estay, corria agora o navio mais dez milhas por hora. Como era *a caminho,* porque o vento nos impellia para o sul, pouco ou nenhum cuidado nos dava a borrasca, que não indicava mesmo ser duradoura.

Açoutada pelo bulcão as nuvens sumiram-se em-

fim no horisonte austral; a ventania foi cahindo successivamente; porém as vagas é que ficaram ainda buliçosas por largo tempo, fazendo *enjoar* a embarcação, que jogava de bombordo a estibordo e de pôpa á prôa como um embriagado.

Para attenuar em parte os balanços, e porque a aragem era de feição, içámos de novo as gaveas e a bujarrona, largámos os joanetes e a giba, amurámos papa-figos, e cassámos a vela ré botando a retranca por sotavento fóra.

Posto assim o barco a caminho, volvemos novamente a fallar do achado, que d'alguma maneira nos ligava á aventura d'aquelle desgraçado naufrago.

O commandante, que ainda conservava na mão o celebre papel, não pouco molhado da chuva, entregou-m'o para que tirasse uma copia, *visto eu escrevinhar novellas e contos,* disse elle; e que lh'o devolvesse depois, para ser remettido ao governo de Lisboa.

Mais tarde veremos por que circumstancias não teve lugar a remessa.

Da minha copia já os leitores viram o traslado.

Contar agora miudamente o que passámos durante dezoito dias de viagem, que tantos gastámos de S. Thomé a Loanda, além de ser cousa fastidiosa para o leitor, excedia mesmo a nossa promessa, formulada no titulo d'estes apontamentos: EPISODIOS D'UMA VIAGEM. A parte monotona ficará pois com o author e os seus companheiros de bordo.

. . . . . .

Alvorecia uma formosa manhã dos tropicos. O terral impellia-nos suavemente para longe das praias mortiferas da Africa, e a guarnição debruçava-se pelos bordos contemplando as montanhas, as arvores e as casinhas, que se espelhavam nas aguas, e que pareciam fugir de nós.

Tinhamos á vista essa famosa costa, explorada por Diogo Cão, theatro de tantas façanhas dos soldados de Christo e dos soldados do rei, rico emporio do mais vil dos traficos, tumulo de tantos facinoras.

O terral, diminuindo de força á maneira que nos afastava da costa, expirou finalmente, dando lugar a uma calma *podre;* porém lá no horisonte do sul já se enxergava uma facha escura, salpicada de *carneirinhos;* era a viração que chegava, e fresca, como nos era mister para ancorarmos ainda de dia em Loanda.

Eil-a. Mareemos convenientemente. O cutelo do velacho vai fóra. Vejam se prepara a varredoura. Iça o cutelinho... Voga lá para Loanda, pobre brigue, que vaes vêr a tua guarnição dizimada pelas febres, e o teu bojo atulhado de enfermos, que te não deixarão conservar o aceio de hoje; as tuas manobras serão mais lentas, porque faltará o vigor aos braços dos teus marinheiros e a voz aos teus officiaes... Pobre brigue, voga, voga para Loanda!

Se estes apontamentos não admittem a derrota seguida de viagem, muito menos são destiuados á pintura das costas e povoações que avistarmos.

Não espere, por tanto, o leitor que lhe contemos cousa alguma de Loanda, apesar de termos já fundeado em frente da cidade, e com tentação de nos demorarmos ahi muitos dias.

Vamos, pois, ao segundo episodio, ou antes, segunda parte do primeiro, attenta a connexão que tem com este.

Á nossa chegada não estava fundeado no porto nenhum navio de guerra nacional, cumprindo-nos, por tanto, fazer o registro das embarcações mercantes que alli se achassem ancoradas. Largou logo um escaler para esse serviço, e um outro para terra, com o official encarregado de comprimentar o governador geral da provincia.

Passados, porém, poucos minutos, appareceu por fóra da ilha de Loanda uma escuna portugueza fazendo força de vela para a barra, e um brigue de guerra inglez dando-lhe caça.

O commandante reconheceu logo a aggressiva intenção de John Bull, que pretendia registrar um navio portuguez á vista das fortalezas da cidade, onde tremulava a bandeira azul e branca; e como não tivesse mais nenhum escaler em estado de servir, mandou lançar ao mar a lancha, que vinha dentro do brigue, em quanto treze marinheiros se armavam para a tripolar. Eu fui o encarregado de dirigir esta gente.

Apromptou-se tudo em um momento, e vogámos para a escuna, que já vinha dobrando a ponta da ilha, seguida sempre do implacavel bretão.

— Pica a voga!... Rema força! — bradei eu á maruja, que se encheu tambem de enthusiasmo — Vamos a chegar á escuna, antes que o brigue a atraque.

A lancha voava!

— Ó da escuna... atravessa.

E a escuna atravessou immediatamente.

Lia-se na sua pôpa o nome de *Minerva*.

Pouco depois estava eu, e os meus treze marinheiros, sobre o seu convés, e guinando para a terra, fomos largar a ancora ao alcance da artilheria do forte de S. Pedro. O brigue inglez fundeou em seguida, a distancia de tiro de pistola da escuna, e arriou ao mar um escaler, que se guarneceu tambem de gente armada, commandada por um official de marinha, dirigindo-se logo a nós.

— Marinheiros — disse eu — este navio não se deixa registrar por um official estrangeiro dentro d'um porto portuguez. Estende em linha pela borda... escorvar e carregar.

— Senhor tenente — observou um velho cabo de marinheiros — não seria prudente, visto estarmos ao alcance da artilheria do brigue, pendurar do portaló a bandeira nacional?... Estes perros não se atreveriam a pisal-a.

— Subiam pelo costado — lhe respondi eu — tão alto é elle? Ora anda, meu velho, trata de fazer boa pontaria, para ao menos morrermos matando, se os nossos alliados quizerem violar o direito das gentes.

O escaler inglez atracava n'esse momento ao costado da escuna.

Cheguei ao portaló e perguntei ao official britannico o que pretendia.

— Registrar esse navio, que nos fugiu, dando-se assim a conhecer como negreiro.

— Cá estou eu para averiguar isso.

E mostrei-lhe as minhas dragonas de tenente, e a bandeira portugueza que tremulava na pôpa da escuna.

O inglez hesitou, como quem não tinha instrucções muito amplas, e talvez por vêr os canos dos fusis por cima da borda, o que lhe indicava que acharia séria resistencia contra a pequena força que commandava: Por fim comprimentou, e retirou-se.

D'ahi a pouco recebi reforços de tropa e marinhagem; armei a tripolação da escuna, e esperei pelos acontecimentos.

Quando anoiteceu, e que estavam collocadas as vigias necessarias, e dadas todas as providencias para evitar uma surpreza nocturna, desci á camara do capitão que me havia convidado para tomar algum refresco, e entabolámos conversação sobre varios assumptos de nenhum interesse, como succede noventa e nove vezes por cada cem que fallamos com um estranho.

No fim, porém, de meia hora de palestra, tornou-se o dialogo interessantissimo, graças a um feliz acaso. Houve um verdadeiro reconhecimento theatral.

Lançando, distrahidamente, os olhos para o livro da matricula da escuna, achei que o seu capitão se chamava Carlos Antonio Pedroso.

Este nome não esqueceu de certo aos leitores?

Perguntei com anciedade ao meu interlocutor:

— O senhor é parente d'um piloto d'este mesmo nome, que morreu na galera *Amazona?*

— Sou eu mesmo — respondeu placidamente o capitão.

— O que morreu não é de certo — acrescentei eu, rindo.

— Sou eu o piloto da *Amazona* — replicou elle — mas não morri.

— Isso vejo eu: mas então para que escreveu aquella confissão geral, que entregou ás ondas dentro d'uma garrafa? Foi para caçoar com a gente?

— A garrafa! — clamou o snr. Pedroso, com tres pontos de admiração na voz, e não sei quantas interrogações nos olhos. — A garrafa! — repetiu surdamente, como o echo de si mesmo.

— Sim, a garrafa que continha a confissão geral... Ah! maganão, que lhe não escapou a criada!... Ora, diga, a snr.ª D. Therezinha já é sua esposa?

— Sabe tudo! — balbuciou o capitão, cada vez mais pallido e mais aterrado... E do lenço?...

— Isso são cousas de rapaz, que se desculpam. Lá tem o João Jacques Rousseau, que tambem furtou uma fita, e ainda em cima deixou condemnar em seu lugar uma mulher honrada.

— Que vergonha, meu Deus! que vergonha! — exclamou o piloto, cobrindo a cara com as mãos.

— Qual vergonha, snr. Pedroso! esta historia fica entre nós. O que eu desejo saber é como se salvou.

— Diga-me primeiro como achou a garrafa.

— É simples. No mar; a algumas milhas da ilha de S. Thomé.

— Depois de tantos annos!... Já nem de tal me lembrava.

— Mais tempo andou no oceano uma declaração de Colombo, confiada ás aguas na sua viagem de descoberta ao Novo Mundo, pois só agora appareceu em uma praia do Mediterraneo.

— Contentava-me que a minha confisssão se demorasse tanto tempo á tona d'agua!

— Está em meu poder, e prometto entregar-lh'a, ainda que me comprometta.

— Que excellente rapaz!... Pois já que sabe o principio da minha historia, vou contar-lhe o resto.

— Vamos a isso, capitão, que assim afugentaremos o somno, já que os inglezes nos obrigam a estar álerta.

O snr. Pedroso contou as suas aventuras do seguinte modo (salva a redacção):

— Depois de enrolar o papel que continha a minha confissão, metti-o dentro d'uma garrafa, que achei por acaso na tolda, breei a rolha o melhor que pude, e, fazendo o signal da cruz, atirei com a botelha ao mar. Ajoelhei em seguida sobre as tábuas

do convés, e começei uma fervorosa oração ao Altissimo, isento já de toda a esperança terrestre; porém uma onda que galgou pela pôpa, veio cortar a que eu reputava ultima reza da minha vida, arrojando-me com violencia contra a bitacula. Pelo instincto da propria conservação, que não abandona o homem em quanto lhe resta um sopro de vida, ergui-me rapidamente, e corri para a amurada, segurando-me a uma mesa de malaguetas, para não tornar a cahir quando novas ondas entrassem na galera. Então lançando ainda a vista para o sol que se occultava no horisonte, vi no meio da esteira de luz que os seus raios projectavam na agua... uma véla... uma véla!... A salvação!...

O snr. Pedroso bradava com tal força, e gesticulava com tanta energia, que parecia achar-se ainda no meio do perigo.

— Eram os meus companheiros, que eu accusára injustamente — proseguiu o capitão — que haviam dado pela minha falta, e que voltavam no brigue *Williams* a procurar-me. A culpa não fôra d'elles, fôra da minha embriaguez, pois que em casos taes ninguem se lembra vulgarmente senão de si. Apenas eu tinha saltado para dentro da lancha salvadora, quando a galera mergulhou de todo nas ondas, deixando a superficie da agua coalhada de destroços. Entre os restos da *Amazona,* que iam boiando, notei a parte da meia laranja onde alguem da companha havia escripto com giz: *A barca* AMAZONA, *de Lisboa, foi abandonada pela sua tripolação...*

— Já sei — interrompi eu — e o snr. Pedroso acrescentou-lhe: *Não! Nem toda a gente foi salva.*

— É desgraça minha, que em pondo a penna no papel sahe por força asneira! — atalhou logo o capitão. —Primeiro essa, depois a confissão... veja que duas!

— Da segunda não lhe resulta mal nenhum; ámanhã póde queimal-a.

— Seja Deus louvado!... Pois olhe que a primeira deu-me serios desgostos!

— Talvez seja segredo; e eu não quero ser indiscreto perguntando...

— Nada, nada. Hei-de contar-lhe a historia até ao fim.

Se o leitor tem curiosidade de saber o resto, pode ouvir o capitão, que vai continuar a sua narrativa:

— Cheguei a salvamento ao Cabo da Boa Esperança, aonde encontrei um honrado capitão de navio inglez, que, por caridade, me levou para Bombaim, d'onde me era facil passar a Gôa, pois que não fallando outro idioma senão o meu, só em terra portugueza poderia achar meios de ganhar a vida para voltar a Lisboa. Na India, porém, só havia um navio portuguez para regressar á patria; e este, infelizmente, ia primeiro a Macau, de lá a Timor, e voltava pelo *Cabo* a Lisboa. Como não havia por onde escolher, aceitei o lugar de piloto que me offereceram, e entreguei-me outra vez ás furias do mar. N'esta longa e trabalhosa viagem não tivemos comtudo ne-

nhum desastre memoravel... Os grandes desgostos estavam guardadados para a chegada a Lisboa!

Havia mais de anno e meio que estava ausente de casa; e cinco mezes depois da minha partida publicára a *Gazeta* as malditas declarações, escriptas na meia laranja da *Amazona,* que fôra encontrada logo depois do naufragio por um navio que seguia do Brazil para Portugal. Meu pai e minha mãi apenas souberam da nova, adoeceram gravemente e morreram de desgosto. A Therezinha... casou d'ahi a algumas semanas com um merceeiro gordo, nosso visinho; e meu irmão Paschoal habilitou-se universal herdeiro de nossos paes, e estragou o patrimonio n'um abrir e fechar d'olhos, em companhia da *melhor sociedade* de Lisboa; depois alcançou o posto de alferes para Moçambique, e quando eu cheguei já tinha partido. Estava pois só no mundo, orphão, pobre, e atraiçoado!... Resolvi-me a abandonar para sempre a patria, e buscar fortuna do outro lado do oceano.

Metti-me a negreiro — acrescentou elle abaixando a voz — e duas vezes fui prisioneiro dos inglezes...

— Hoje ia sendo a terceira vez...

— Não, senhor. Ámanhã verá, quando descer ao porão, se encontra algum dos indicios de que trata o decreto de 10 de dezembro de 1836. Fugi ao inglez, porque tenho zanga áquella gente, e mesmo porque elles já teem apresado navios sem o menor signal de se destinarem ao trafico.

Dous tiros de espingarda, dados a bordo da escuna, nos fizeram erguer d'um salto. Subi ligeiro a escada da camara, e vi que amanhecia. Os tiros eram o signal da alvorada.

D'ahi a pouco recebi ordem de velejar a escuna para junto do nosso brigue, manobra a que o capitão inglez se não oppoz, porque já havia conferenciado durante a noite com o commandante portuguez. Passei depois uma rigorosa busca á escuna, e não lhe tendo encontrado o menor indicio de se destinar ao trafico da escravatura, despedi-me do snr. Carlos Antonio Pedroso e do seu piloto, e embarquei com a minha gente na lancha do brigue.

N'esse mesmo dia cumpri a promessa feita ao capitão da *Minerva,* enviando-lhe a confissão geral do piloto da *Amazona*.

III

Que deliciosa vida não passa um official de marinha na estação naval da costa d'Africa! Dous, tres e mais annos, empregados em visitar a mortifera Benguella e o insalubre Novo-Redondo, Ambriz a traiçoeira, o Zaire negro e caudaloso, volvendo de tempo em tempo á capital de Angola, a presencear a chegada do sargento relaxado que obteve a banda de alferes, do clerigo devasso que alcançou uma dignidade ecclesiastica, do vadio que a familia expulsou de si, mas que vem provido n'um emprego rendoso... ao passo que o official de marinha sabe que nenhum premio tira das suas fadigas, que nenhuma remuneração tem a esperar dos serviços em que deteriora a sua saude, luctando com privações de todo o genero, vendo morrer das

febres do paiz os seus companheiros de bordo, em quanto aguarda que lhe chegue a sua vez!

Assim fui eu vivendo, durante mais d'um anno, desde a milagrosa resurreição do snr. Pedroso a bordo da escuna Minerva, até uma calmosa manhã de julho, em que começou um novo episodio d'esta viagem, ou, se quereis, a continuação dos precedentes.

Um nevoeiro cerrado encobria a costa, que não podia estar longe, segundo os nosso calculos, e encurtava-nos o horisonte por todos os outros lados. O pano cahia preguiçosamente sobre os mastaréos, e o navio assentando o bojo ora d'um ora d'outro bordo, em monotona oscillação, sobre as aguas, erguia a espaços, junto ao costado, uma pequena vaga espumosa. Ao cabo, porém, de algumas horas de tão enfadonha espectativa, começou a levantar a neblina da parte do norte, e enxergámos áquelle rumo um elegante patacho, que fazia força de véla para a costa, aproveitando com todo o pano largo a fraca aragem que principiava a soprar em volta d'elle.

No mar, qualquer pequeno acontecimento abre campo a larga e animada conversação; por isso a vista do patacho despertou a gente do brigue do lethargo em que jazia. Varias conjecturas se fizeram immediatamente ácerca d'aquelle navio, porém afinal inclinaram-se quasi todas as opiniões a que era traficante de escravos.

—Arria ao mar o primeiro escaler! arme-se a sua guarnição de pistolas e sabres! e aprompte-se um official para ir registrar aquelle patacho.

Esta ordem do commandante foi executada com velocidade e silencio; e d'ahi a poucos minutos largava o escaler, tripolado por onze marinheiros e um tenente da armada, fazendo força de remos na direcção do vaso suspeito.

Quatro milhas de oceano separavam as duas embarcações, e como a aragem que enfunava as vélas do patacho era mais fresca do que o bafejo do terral, que tentava debalde encher o nosso pano, e além d'isso aquelle navio era mais leve do que o brigue, a distancia augmentava a cada momento, e a gente do escaler tinha que *rapar* para cumprir as ordens do commandante.

— Que horas são? — perguntou o nosso chefe, que não arredava a vista d'um excellente *Dollond*, seguindo os movimentos do escaler e do patacho.

— Nove horas — respondeu o official de quarto.

— Bem, das onze para o meio dia ha-de começar a viração, e até lá não tem tempo de nos escapar. Depois, como ficamos a barlavento, ainda que elle seja mais veleiro, não o perderemos de vista.

— A aragem que o patacho tem é falsa — disse d'alli um guarda marinha — veja como vai acalmando; já o pano começa *a bater*.

— Famoso! — exclamou o commandante — o escaler entra com elle... Se resistirão!?

— Qual! resistem lá! não se tem visto como se entregam aos inglezes?

— A nós é differente; porque os negreiros que aprisionamos são entregues aos tribunaes, em quan-

*

to que os inglezes os lançam em qualquer ponto da costa.

— O escaler entra muito com o patacho — bradou alegremente o mestre.

— D'esta vez temos parte de presa — acrescentou o commissario, com aquelle prazer de quem só frue os proventos, sem se arriscar aos perigos da empresa.

Uma espessa neblina occultou, pouco depois, á nossa vista, tanto o escaler como o patacho, e o receio de que a nossa gente pudesse ser morta, se com effeito aquelle navio se destinava á escravatura, fez nascer em todos os corações uma anciedade cruel.

E assim passou mais d'uma hora, sem que pudessemos tentar cousa alguma a favor dos nossos camaradas.

De repente sentimos um tiro, não muito ao longe, e na direcção do patacho.

Foi um momento terrivel esse!... Mas a viração começava a apontar do sul.

A nossa gente seria salva ou vingada!

Chega, chega, viração!... Assim, assim, fresca... mais rija ainda... Sacode de sobre as aguas este nevoeiro, deixa-nos vêr o patacho...

Eil-o! Com a bandeira portugueza içada, bordejando, com o escaler a reboque, em demanda do brigue!

— Está prisioneiro! — exclamaram cem vozes ao mesmo tempo. — E deixou-se tomar, tendo artilheria a bordo!

— Ó do patacho! bradou o commandante ruidosamente com ajuda do porta-voz — que embarcação é essa?

— É o *Nereyda,* do Rio de Janeiro — respondeu o nosso tenente, assomando á borda do patacho, que já estava muito perto do brigue — não traz *papeis de bordo,* que comprovem a sua nacionalidade e procedencia; e quanto a indicios de escravatura apresenta os bailéos corridos, aguada assente, esteiras, gargalheiras, e celhas em abundancia.

— Muito bem. Navegue nas aguas do brigue, que vamos para Loanda.

Era mais de meio dia, e a terra não apparecia; nem ao menos o sol se mostrou para nos dar a latitude precisa do ponto em que nos achavamos. A *estima,* porém, indicava proximamente a altura de Loanda, o que resolveu o commandante a aproar a léste, buscando avistar a costa ainda de dia.

Só ao sol-posto se enxergou uma arrumação de terra, mas tão *enfumaçada,* que nem os contornos das montanhas se podiam distinguir. Entretanto, um cabo mais saliente que avistámos, pareceu a todos ser o morro das Lagostas. Continuámos pois a navegar ao mesmo rumo.

E a noite estendeu em voltá de nós o seu manto humido de neblina. Via-se aqui e alli o tenue bruxolear d'uma luz através do espesso nevoeiro; e o vento principiava a refrescar. O brigue e o patacho corriam cinco milhas em cada hora, no meio da escuridade.

— Ferra joanetes! — bradou o commandante — obras de papa-figos na mão!...

— Tres braças e meia! — clamou o prumador, com o monotono cantar do estylo, indicando o fundo em que navegavamos.

— Uma luz na prôa! — gritou a vigia do castello.

— Terra por bombordo e por estibordo! — acrescentou outro marinheiro.

Estavamos n'uma posição assustadora!

A luz que o vigia annunciava, e que estava em terra, parecia tocar o pau da giba; por um e outro lado do navio, e a pequena distancia, prolongavam-se duas faxas de terreno, até além das alhetas, e ignoravamos completamente a posição em que nos achavamos.

O naufragio parecia imminente e inevitavel, porém o sangue-frio do commandante salvou-nos d'este mau passo.

— Ó do patacho! — bradou elle — vira de bordo. Marinheiro, onde vai a prôa? — acrescentou, fallando com o homem do leme.

— A lesnordeste — respondeu o timoneiro.

— Entrámos n'este sacco ao rumo de lesnordeste, sahiremos com prôa de oes-sudoeste. Orça todo! Salto ás escotas de prôa! Carrega papa-figos! Ala e larga a ré...

— Tres braças escassas! — clamou o prumador.

— Estamos salvos! Ala e larga a prôa... Alli-

via o leme... Camba a escota á bujarrona... Amura o traquete!... Aonde vai a prôa?

— A oes-sudoeste.

— Andar assim. Aonde está o patacho?

— Não se vê.

— Venha uma tigelinha... Um tiro de peça... Vamos, senhor fiel d'artilheria!

— Prompto! prompto! — respondeu o condestavel, fazendo arder a tigelinha, que inundou d'uma luz sinistra o interior do navio e a atmosphera. — Rapaz! Dá fogo á terceira caronada de bombordo — continuou elle, dirigindo-se ao seu adjunto.

E o ribombo do tiro echoou pelas quebradas dos visinhos montes.

Logo depois, appareceu outra luz pela prôa, e viu-se o patacho, com todo o pano largo, a alvejar entre as sombras, semelhante a um phantasma de antiga ballada.

— Creio que estivemos na enseada do Bengo — disse o commandante, quando já tinhamos navegado uma hora, sempre ao mesmo rumo. — Aquella ultima ponta de terra que se enxerga ao sudoeste, parece-me ser o morro das Lagostas.

— De boa escapamos! — acrescentei eu — mas agora já sabemos aonde estamos, porque aquelle é, sem duvida, o morro das Lagostas. Cá nos fica o Cacuáco pela alheta.

— É certo. Vamos a orçar. Chega para os braços. Aonde vai a prôa?

— Ao sudoeste-quarta de sul.

— Nada mais para o vento. Toca cabos á *maior*. Vejam se o patacho nos segue os movimentos.

— Sim, commandante; já vem todo á orça.

Para não fatigar mais o leitor com termos de manobra, passemos em claro o resto da noite, e apresentemo-nos, ao romper do seguinte dia, ancorados no porto de Loanda.

O commandante foi logo para terra, com o capitão de presa, dar parte ao governador do succedido, e eu fui nomeado para ir tomar conta do *Nereyda*. Figure-se o leitor qual seria o meu espanto, quando reconheci no triste capitão prisioneiro o nosso Carlos Antonio Pedroso!

O homem era o meu *Cabrion*... a minha sombra!

E estava aterrado devéras o pobre capitão! O decreto de 10 de dezembro bailava-lhe na cabeça; via diante de si a grilheta e o barril que o esperavam no trem de Loanda... Mas nem por isso deixou de almoçar; e eu, como velho amigo, fiz *penitencia* com elle. Fiambre, salmão d'escabeche, sardinhas de Nantes, queijo de Chester, biscoutos americanos, compotas do Brazil, vinho da Madeira, e bom chá... tal foi a penitencia.

Animado pelo almoço, o snr. Pedroso resolveu-se a contar o que passára desde o successo da *Minerva*.

Ora, não sei se o leitor sympathisa ou antipathisa com este pobre piloto, e se gosta ou não gosta de o vêr apparecer tão a miude n'esta narração... porém eu só digo a verdade, e a verdade é que o

homem estava a bordo do *Nereyda,* lindo patacho e de muito *bom pé,* aprisionado por nós nos mares de Africa.

Tambem não deve assustar-se com a promettida secção da historia do snr. Pedroso, porque é muito curta; n'estes laconicos termos, pouco mais ou menos, m'a contou elle:

— Desde que nos encontrámos a bordo da *Minerva* tenho sido sempre feliz com os *catamusinhos.* Cinco viagens a salvo!... Duas d'estas, as ultimas, pertencem ao *Nereyda;* e não trazemos passaporte nem matricula, porque andamos ha sete mezes do Ambriz para o *ponto,* e do *ponto* para o Ambriz. Se escapo d'esta, estava a minha fortuna feita; mas a fatalidade não o quiz assim, e veio logo entregar-me nas mãos d'um cruzador portuguez!... Tambem, confesso-lhe, se a tripolação do escaler me não tem parecido ingleza, V... tinha que rezar por alma do seu camarada e da marinhagem que o acompanhava. Quando descobri o meu erro, já elles estavam senhores do navio; era muito tarde!

— O snr. Pedroso é feliz — disse eu, para o consolar — não perca a esperança.

— Que esperança me póde restar, em vista do decreto de 10 de dezembro?... A grilheta!

— A grilheta! — repetiu o piloto, que almoçava comnosco.

— A grilheta! — murmurou o contra-mestre, que chorava á porta da camara.

.....

O *Nereyda* foi julgado boa presa pelo tribunal de Loanda: porém no mesmo dia desappareceram da fortaleza de S. Miguel, aonde estavam presos, o capitão, o piloto e o contra-mestre do navio, acompanhados pela sentinella da porta e pelo cabo da guarda. A nós, os apresadores, nenhum cuidado deu tal evasão, e recebemos do melhor grado o producto da venda do patacho, repartido entre toda a tripolação, na conformidade da lei das presas.

Depois proseguimos na monotona vida de cruzador d'Africa, até que um quarto e ultimo episodio (ultimo, pelo menos, que eu d'esta vez conto ao leitor), veio ainda interromper a uniformidade da nossa prosaica existencia.

IV

NAVEGAVAMOS ao longo da costa occidental de Africa, entre Loanda e Ambriz, tendo sahido do primeiro d'estes portos com destino ao segundo, para verificar se nas barracas de negocio estabelecidas no territorio do marquez de Mosullo havia objectos destinados ao trafico da escravatura.

Era noite; noite escurissima; sem luar, nem estrellas. Uma aragem bonançosa empurrava preguiçosamente o navio para o norte; e a maruja dormia ao longo das amuradas, fazendo travesseiros dos duros trincanizes e cabos da manobra.

Como então lembra a patria! Como o pobre nauta se recorda dos parentes, dos amigos, que deixou a milhares de leguas de distancia, e que, provavelmente, não pensam a essa hora no desterrado!...

Estou de quarto. O relogio da bitacula marca onze horas. Pedem-me licença para tocar seis *ampulhetas* no sino. As vigias bradam *álerta*.

— Chega cá dous á *barca*. Prompto?

— Prompto.

— Vira.

— Tópo.

Anda uma milha e quatro decimos o ronceiro do navio.

— Quem está ahi com o *carritel*?

— Sou eu, senhor.

— Oh! és tu, Leonardo!...

Vou contar-vos como contribui para livrar da mais horrorosa das mortes este pobre mulato... É uma das melhores acções da minha vida, e julgo ter resgatado com ella muitas das faltas de que possa ser accusado.

Chamarei Leonardo ao homem, porque me não lembra n'este momento o seu verdadeiro nome, com quanto lhe fallasse em Lisboa ainda ha bem pouco tempo.

Leonardo era mestre d'uma lancha das que vão buscar agua ao Bengo, ou madeira ao Dande. Passava uma noite, descuidado, por entre os coqueiros do Bungo, dirigindo-se á praia, para embarcar, quando uma patrulha de *empacaceiros* lhe deitou a mão, e sem admittir razões o conduziu ante o chefe da policia de Loanda. É apalpado da cabeça até aos pés, encontra-se-lhe um prumo pequeno, com a competente sundureza, e uma faca sem ponta, objectos

pertencentes á sua profissão; como porém, minutos antes da captura, e no mesmo sitio, fôra roubada a casa d'um rico negociante de escravos, o chefe de policia entende que achou no mulato o procurado roubador, conclue que o prumo servia para medir a altura das janellas sobre a rua, e quanto á faca, apesar de romba, classifica-a de instrumento mortifero, e como tal defeso o seu uso. Vai o pardo para a cadêa, e dá-se parte do acontecido ao governador. Este, um militar valente mas sem alma, dispensa mais esclarecimentos, e remette para bordo do brigue o infeliz Leonardo, ordenando ao commandante que mandasse chibatar este novo Simão Lopes Soliz, até que o cirurgião declarasse que *não podia levar mais!...*

Crêdes que estou inventando um conto horroroso com o fim de vos commover?... Não. Digo a verdade sem adornos. Posso mostrar-vos bastantes testemunhas do facto. O mesmo commandante. A propria victima.

O barbaro governador morreu... Deus o terá julgado!

Não mencionarei o seu nome.

O brigue, elevado por s. exc.ª ás honras de matadouro, já antes tinha recebido a seu bordo outra rez para o sacrificio... Era um velho de sessenta annos! No fim de cem varadas, o nobre cirurgião (que morreu depois, victima da *carneirada*) declarou em nome da arte e da humanidade, que o ancião não podia receber mais castigo.

Porém o caso agora era differente. Leonardo era um homemzarrão, alto, forte, membrudo... quando cahisse, estava morto!

— É preciso salval-o! — disse eu, commigo mesmo, concentrando n'este santo desejo todo o poder da minha vontade.

Fui procurar o cirurgião, honrado mancebo, que era um complexo de virtudes.

— Doutor — lhe disse eu — vamos fallar ao commandante ácerca d'este homem, que deve ser morto ámanhã cobardemente, na nossa presença.

— Vamos, respondeu sem hesitar o joven doutor.

E entrámos na camara do brigue.

O commandante, optimo official de marinha e respeitador da disciplina, tinha genio aspero e modos bruscos, que o tornavam geralmente temido a bordo. Quando ouviu o nosso pedido, para deixar de ser chibatado o preso, rompeu n'uma gritaria infernal, e quasi que nos poz pela porta fóra aos empurrões.

Nós, porém, estavamos familiarisados com aquellas explosões, e sabiamos que o homem não era sanguinario. *Arredmos-lhe fiame* (para fallar em termos maritimos) e só quando elle acabou de esbravejar, tomámos de novo a palavra.

— Pois ha-de matar-se um homem, sem provas de haver commettido crime? — disse eu.

— Pois o commandante quer ficar com os remorsos de ter mandado assasinar um innocente? — acrescentou o doutor.

Nova explosão do commandante!

Já estava rouco de gritar.

— Não sou eu que o mando matar, é o governador.

— Mas o governador não fez as averiguações precisas; não ha processo judicial contra o mulato, e é a Providencia que o quiz salvar, fazendo com que viesse para bordo, em vez de ser dilacerado na frente do esquadrão de cavallaria, ou no quadrado do quartel de Santo Antonio.

A trovoada roncava ainda, mas conhecia-se que ia abonançando.

O commandante já discutia.

Por encurtar razões: a humanidade venceu a disciplina no animo do capitão, e Leonardo não soffreu a tortura das chibatadas. Logo vereis como se provou que estava innocente do crime que lhe imputavam, e calculareis a minha alegria, e a satisfação do commandante.

Navegavamos ao longo da costa entre Loanda e Ambriz, diziamos nós, antes da apparição de Leonardo, e agora acrescentaremos que nos suppunhamos na altura do rio Dande, posto que a escuridade da noite não permittisse enxergar as barreiras brancas e vermelhas, que talham a costa a pique n'esta paragem.

Supponha o leitor que já passou uma hora; que vai dar meia noite na sineta do navio, e que eu me disponho para entregar o quarto, e ir dormir descançado, quando a vigia do portaló de estibordo brada:

— Um navio !

— Em que direcção ? — pergunto.

— Pelo nosso través... á terra.

— É verdade, lá está, parece-me um brigue; talvez cruzador inglez.

Chama-se o commandante, que apparece rapidamente sobre a tolda, munido do famoso oculo de noite. Assesta a lente sobre a embarcação, e diz logo, com segurança:

— Não é navio de guerra.

— Quanto anda o brigue ? — acrescenta.

— Quasi nada — respondo eu — meia milha, se tanto.

— Mande alar ávante a lancha.

(A lancha vinha a reboque na pôpa, como é costume n'estas navegações de cabotagem).

— Arma a sua guarnição. Um official prompto para serviço.

O leitor já tem visto apromptar e largar de bordo do brigue differentes embarcações miudas.

Quando a lancha se aproximou do navio que buscava, e no qual reconheceu um formoso brigue-escuna, bradaram-lhe de bordo:

— Ó da embarcação ! Que quer d'este navio ?

O official não respondeu, e mandou picar a voga.

— Ó da lancha ! Se te aproximas mais, metto-te no fundo.

Os nossos fizeram mais força de remos.

— Fogo ! — bradou uma voz a bordo do brigue-escuna.

Um grande clarão illuminou momentaneamente o espaço, seguido de perto pelo ribombo do canhão, e uma bala veio partir o pau da bandeira da lancha, e levou o chapéo do patrão que dirigia o leme.

Ainda quizeram avançar para o brigue-escuna, porém outro tiro de peça, seguido d'uma descarga de fusilaria, que feriu dous homens, obrigou o official a mudar de rumo.

Lançou ao ar dous foguetes, que era o signal convencionado de correr perigo a embarcação destacada, e o brigue reconheceu logo com identica demonstração, dando pouco depois uma banda d'artilheria, para avisar o inimigo de que estava na presença de um navio de guerra, e que toda a resistencia seria prejudicial para elle.

Largou logo um escaler com onze marinheiros e um guarda-marinha, em auxilio da lancha, levando instrucções para combinar com ella um plano d'ataque.

O plano adoptado foi o seguinte :

Em quanto a lancha, com uma pécinha que levava na prôa, figurava um perigoso simulacro de combate, atacando de costado o brigue-escuna; ia o escaler, com os remos forrados, o pano no lugar das toleteiras, afim de fazer o menor ruido possivel, collocar-se nas aguas do inimigo, e tentar abordal-o pela pôpa.

Entretanto uma aragemzinha do mar aproximava o brigue do atrevido negreiro (não se podia duvidar de que o fosse).

O escaler chegando, sem ser presentido, á pôpa do brigue-escuna, lançou na tolda toda a sua guarnição, armada de espadas e pistolas, que avançou galhardamente contra a tripolação negreira, e foi recebida com igual denodo.

Ouvindo os gritos de victoria de seus camaradas, os da lancha apertaram com os remos, e chegaram ao costado do brigue-escuna, ainda a tempo de prestarem valioso auxilio aos do escaler.

Todavia, a gente do navio negreiro era muita e resoluta. Defendiam-se como leões, atacavam como tigres.

Se o brigue se não aproxima a alcance d'artilheria, nenhum dos contendores ficava de pé. Ainda assim jaziam no convés alguns cadaveres.

— Rende-te!—bradou o commandante pelo porta-voz.

— Rendamo-nos—disse o piloto para os que o seguiam na defeza do castello, á prôa, seu ultimo reducto — o capitão foi morto... rendamo-nos.

— Rendamo-nos — clamaram todos aquelles homens, dignos de pelejar por melhor causa. — E abaixaram os canos das espingardas e as pontas das espadas.

N'esse momento entrava eu a bordo do brigue-escuna, com outro reforço de marinhagem e soldados, e acompanhava-me o Leonardo, que não queria separar-se um momento sequer do seu milagroso protector.

Achando pacificada a contenda, mandei largar

as armas a toda a tripolação do navio apresado, e ordenei que formassem em linha do lado de estibordo; a gente do brigue apresador formou tambem, por determinação minha, do lado de bombordo, e passámos a averiguar quem faltava d'uma e outra embarcação.

Tinhamos um marinheiro morto e quatro feridos; do brigue-escuna succumbira o capitão e um marujo, além de varios feridos e contusos.

Para evitar qualquer roubo no espolio dos finados, mandei logo conduzir para a tolda as competentes malas e caixas; porém qual foi o nosso espanto, quando em um sacco do marinheiro morto appareceram as joias roubadas ao negociante de Loanda, dono do navio apresado, e por cujo furto fôra condemnado a açoutes mortaes o pobre Leonardo!

Não sei se a lição aproveitaria ao aspero governador.

Outra surpreza me esperava ainda a bordo do brigue-escuna. No capitão que baqueára como valente á testa dos seus, reconheci o nosso antigo conhecido Carlos Antonio Pedroso. O naufrago da *Amazona*, o fugitivo da *Minerva*, o prisioneiro do *Nereyda*, fechára a sua carreira maritima, varado por muitas balas, sobre o convés do brigue-escuna *Amphytrite*.

Paz ás suas cinzas, e Deus tenha tido commiseração com elle.

. . . . . .

O *Amphytrite* já tinha escravos a bordo. Mais de

*

seiscentos homens, mulheres e crianças, estavam accumulados no estreito bailéo d'um navio de duzentas toneladas! A tripolação do brigue-escuna passou para nosso bordo, e um guarda-marinha, o apresador, com doze marinheiros foi guarnecer a nova presa, e conduzil-a a Loanda.

Nós seguimos a nossa derrota para o Ambriz, aonde ancorámos no dia seguinte.

Passado mais um anno voltámos a Lisboa.

SCENAS DA ESCRAVATURA

I

Historia d'um negro

Era em novembro de 1844; o calor abrazava a cidade do Rio de Janeiro, e nem a chuva que cahia em torrentes refrescava a atmosphera. Deitados em rêdes, eu e o meu amigo R. ***, locatario d'um lindo pavilhão, defronte do passeio publico, conversavamos em cousas da patria, mirando, descuidados, as arvores que se balouçavam mollemente a pouca distancia, e a chuva que nos invadia a casa pelas janellas abertas; quando um dos escravos do meu amigo veio annunciar-lhe que estava alli o pedreiro, chamado para concertar o fôrno da cozinha. R. *** ergueu-se para determinar a obra que era necessario fazer, e eu accendi um bom charuto *regalia,* e fiquei beatificamente fumando, sem pensar em cousa alguma, e olhando para a côr azulada do

fumo e para o branco da cinza do meu querido charuto. D'ahi a pouco voltou o amphitrião, risonho como sempre estava na minha companhia, porque me era affeiçoado desde o berço, e disse:

— Vou apresentar-te um principe.

— Um principe! — respondi eu meio sério, meio jovial — então deixa-me ir vestir a farda, para o receber convenientemente.

— Não é preciso — replicou elle com uma gargalhada sonora — o nosso principe é o pedreiro que me annunciaram.

— Como assim?

— É um principe de Cabinda, sem tirar nem pôr. Era escravo d'um amigo meu, que lhe mandou ensinar o officio de pedreiro; com as suas economias comprou a liberdade, e hoje é fôrro.

— Estás caçoando commigo — repliquei eu, sacudindo indolentemente a cinza do charuto, e soprando-a de sobre a camisa aonde me cahira — os cabindas não se vendem, nem os vassallos, quanto mais os principes.

— Mas é que este não foi comprado, foi roubado. Elle mesmo te vai contar a historia, e ficarás conhecendo mais uma das façanhas dos negreiros.

Passada meia hora entrou na camara em que nos achavamos um bonito preto, côr de azeviche, alto, bem feito, e que mostrava ter trinta a trinta e cinco annos de idade.

— A obra está prompta — disse elle — o senhor quer mais alguma cousa?

— Demora-te um momento — respondeu-lhe o meu hospede — vaes beber um copo d'aguardente, e contar a este senhor como te apanharam em Cabinda.

Eu sentei-me immediatamente na rêde para ouvir a narração; R. *** estendeu-se o melhor que pôde; e o preto, depois de despejar d'um trago o copo que lhe offereceram, contou a sua historia, pouco mais ou menos, nos termos em que a vamos repetir aos leitores:

— Era feliz o tempo em que eu saltava livremente por aquellas lindas praias de Cabinda, e ia de espingarda ao hombro procurar a caça entre as arvores frondosas dos dominios de meu tio! — E o preto vacillou como assoberbado por aquella recordação; limpou o suor do rosto luzidio, e proseguiu: — Não julgava ter de abandonar jámais aquelles lugares queridos da minha infancia, nem os parentes que tanto me estimavam, nem as mulheres que me pertenciam, e que eu adorava.

— Todas? — interrompi eu.

— Todas — respondeu elle com voz chorosa — porque todas eram bellas e fieis!

— Caso raro! A nós custa-nos a encontrar uma só com esses predicados. Continúa.

— Um dia aportou alli o brigue *Veloz;* vinha receber um carregamento de escravos, que tinha ajustado. Meu tio havia feito com tempo a encommenda para o sertão, e a fazenda estava prompta nos armazens de Cabinda. Veio a terra o caixa e o capitão

do navio, entregaram metade da somma convencionada, em panos, aguardente e polvora, e ajustaram entregar a um commissionado de meu tio o resto da importancia, em dinheiro, logo que a carga estivesse a bordo. Não houve difficuldades n'esta convenção, porque conheciamos bem o caixa, homem sério, de poucas fallas, e que já fizera outras transacções com meu tio; quanto ao capitão, tinha elle um genio tão jovial, que não duvidamos tomal-o pelo melhor homem do mundo. Como as physionomias enganam!

Depois d'esta moralidade, o principe Jaca fez uma pequena pausa, e continuou assim:

— Não havia tempo a perder, porque de manhã apparecêra no horisonte um cruzador inglez; tratou-se do embarque dos negros com toda a actividade, e ao pôr do sol tinha largado da praia a ultima lancha de escravos, com os quaes se prefazia o numero de quinhentos. Meu tio, o rei de Cabinda, chamou-me á sua cubata, e ordenou-me que fosse a bordo do *Veloz* receber o dinheiro que lhe deviam da carregação; e eu, sem demora alguma, embarquei em uma pequena canôa, puxada por quatro *brancos*... o senhor sabe que os meus patricios se chamam a si mesmos *brancos de Cabinda,* porque entre nós não ha escravos!... pois bem, a canôa voava em direcção ao brigue, porém um espectaculo horrivel me fez mudar de rumo; era uma das lanchas que se tinha virado, e os negros, amarrados uns aos outros, deixavam-se morrer, sem fazerem o

menor esforço para salvar-se. Quando cheguei era tarde; aquella cadêa de homens mergulhára, como os élos d'uma corrente solta do escovem, e um cardume de tubarões, saltando entre duas aguas, abysmava-se em seguida dos pobres negros, exactamente como a ave de rapina em perseguição d'outro volatil.

— E morreram todos, com effeito?

— Todos! E até os cabindas, que tripolavam a lancha, e que elles arrastaram ao abysmo. Depois de vãos esforços para salvar alguns dos naufragos, resolvemos aproar ao brigue, que já tinha as vélas largas, e que só esperava por aquelle ultimo barco, e não sei se por mim tambem. Quando subi ao convés do navio, vi o capitão e o contra-mestre, ambos embriagados, maltratando por divertimento os escravos que iam mandando descer para o bailéo; e quando eu contei ao caixa a desgraça que acabava de succeder, aquelles dous malvados clamaram em côro que era roubo meu ou do rei de Cabinda, e que em todo o caso não devia o caixa entregar-me a metade da somma ajustada, que faltava pagar. Eu, que conhecia de ha muito o caixa, homem serio, como já disse, e das melhores contas, reclamei d'elle o cumprimento do ajuste, dando-lhe por testemunhas os remadores do meu bote. — Os remadores do teu bote são bem bons para substituirem quatro dos negros que se afogaram — bradou, entre gargalhadas, o capitão — e tu mesmo entrarás em lugar d'um outro — continuou lançando-me a mão ao pes-

coço. — Indignado d'um tal atrevimento, sacudi-o com força, e fui refugiar-me junto do caixa... Acredital-o-ha, senhor?... O que faz a sêde do ouro! O caixa fustigou-me com uma chibata, que tinha na mão, e mandou-me agarrar por dous marujos. Vendo-me só e desarmado, escolhi o unico partido possivel para me salvar da escravidão e dos tratos, o unico que a desesperação podia aconselhar em taes circumstancias; corri para a borda, e tentei lançar-me ao mar... mas nem morrer me deixaram! Com ferros aos pés e ao pescoço, com o corpo moído de pancadas, fui conduzido ao porão, e seguiram-me ahi os quatro remadores do bote; ainda estavamos peor do que o resto dos escravos, e comtudo o espectaculo que eu presenceava era horrivel!

— Pobre Jaca! Foste victima d'uma traição infame para roubarem teu tio.

— Quando descia as escadas da escotilha, ouvi dizer ao caixa: «Os escravos que se perderam foram cincoenta, e agora não tenho meio de arranjar outros, porque é preciso fazermo-nos ao largo quanto antes; eu não os dava por uma quantia igual á que deixo de satisfazer a esse rei de carapinha; pois bem, vão os cinco cabindas para equilibrarem a conta; como *ladinos* hão-de valer mais. E bom é costumar tambem estes *brancos* a trabalharem nas roças do Brazil... querem fazer-se fidalgos!» Ah! senhor, então lembrei-me de que era bem merecido o castigo que soffria, porque trabalhára com aquelles homens sem alma para escravisar meus irmãos no

sangue, e até na côr... Lembrou-me a religião dos christãos, em que varias vezes ouvira fallar, e pedi perdão a Deus dos meus peccados; porém occorreu-me logo que tambem aquelle caixa do navio, aquelle capitão, aquelle contra-mestre eram christãos... e fiquei perplexo; mais tarde abracei de todo o coração os santos dogmas do christianismo, com elles me fortaleci contra as idéas do suicidio, e graças a Deus sou livre, e sel-o-hei, porque não tenciono voltar mais á Africa. Antes pedreiro ao abrigo da lei, do que principe exposto á rapina da raça vil dos negreiros... a sua unica religião é o ouro!

— Deves estar fatigado, Jaca; bebe outro copo d'aguardente, e conclue já agora a tua historia.

O principe resignatario não se fez rogado, nem para beber, nem para continuar a sua triste narração:

— Senti — disse elle — pelo movimento do navio, e pela algazarra da marinhagem, que já iamos a caminho da America. A primeira noite da viagem foi bem cruel para mim. Depois d'aquelle pensamento christão, veio a duvida, como contei, e o meu unico desejo era suicidar-me; porém estava de tal fórma preso, que nem me podia afogar com as mãos, nem bater com a cabeça contra algum ferro, nem acabar a vida por outro qualquer meio. Não aprendêra a suffocar-me *virando a lingua,* como fizeram tantos dos meus companheiros de escravidão, cerceando com a sua morte os lucros d'aquelles malvados... É o mesmo, hoje sou livre!

A alegria brilhou no rosto do preto. Como é bom dizer: *Sou livre!* Estive indagando d'elle, como era o tal suicidio *virando a lingua,* e Jaca tratou de me fazer perceber o methodo; confesso, todavia, que não fiquei habilitado para o explicar claramente aos leitores... nem mesmo creio que tenham precisão de o saber.

— Que quadro! — exclamou o liberto — vêr tantos infelizes, sem distincção de sexo nem de idade, algemados aos grupos de quatro, seis e dez, inteiramente nus, quasi privados d'ar, e tendo por unica distracção as momices de seus conterraneos, os *bombas,* pagos para divertirem com biocos, ao uso nacional, aquelles desgraçados, que morreriam de melancolia se lhe faltassem os taes bufões encarregados de afugentar ao menos a nostalgia, em meio de tantas privações. Estes homens são indispensaveis em um navio da escravatura. Não é por humanidade que os negreiros querem ter alegres os escravos, é para conservarem a sua fazenda. Se se desenvolve uma epidemia a bordo, lançam ao mar, vivos, os que primeiro são atacados, e o mesmo succede se escasseiam os mantimentos: para salvar os mais robustos, alijam-se os mais fracos...

— Que estaes ahi a dizer!? — atalhei eu.

— A verdade, senhor; tudo isso eu vi fazer, e á minha robustez devi o chegar ao Rio de Janeiro, porque a viagem foi muito longa; perdeu-se bastante tempo a fugir dos cruzadores em ambas as costas, appareceu o escorbuto, e a farinha de pau ia

faltando. Oh! ainda me lembro com horror d'uma pobre negra, a quem arrancaram o filho doente para o lançarem ao mar... cortava o coração ouvir a desgraçada, pedindo em altos brados que lhe restituissem o filho ou a matassem tambem... Qual! se ella era robusta...

— Basta! — clamei eu, saltando fóra da rêde; não preciso ouvir mais!

— Ah... ah!... Parece que vens dos antipodas — disse rindo o meu amigo R.*** — pois tu nunca ouviste d'estas narrações em tres annos que estiveste na Africa?

— Sabia alguma cousa... mas tanto! Assim se dispõe da vida do seu semelhante...

— Ora, tem paciencia — continuou o meu hospede — ouve o resto; o desembarque deve ser interessante.

— Eu conto em duas palavras — acrescentou o preto — e vendo que eu tornava a sentar-me, e accendia outro charuto, proseguiu assim: — É de noite quasi sempre que se vai procurar o *ponto,* o lugar de desembarque; uma luz combinada entre os proprietarios da carga e a gente do navio indica em terra a direcção que devem levar os escravos. O capitão aprôa a embarcação a essa luz, e d'ahi a pouco vê-se cercado de lanchas que, em um momento, o livram d'aquella pesada carga. Quando o *Veloz* desapparecia no horisonte, já nós estavamos a ser examinados pelos compradores, em uma praia perto de Cabo Frio; a mim coube-me a feliz sorte de ir pa-

ra o poder do snr. M.***, e no fim de seis annos de trabalho alcancei a minha carta d'alforria.

Assim terminou o principe Jaca a sua curiosa narração, e tendo-o despedido, com outro copo de aguardente e algumas patacas, ficamos sós, eu e R.***, meditando ácerca do que acabavamos d'ouvir. Foi o meu amigo quem rompeu o silencio n'estes termos:

— Vês tu, Francisco, o que succede, apesar dos cruzeiros inglez, francez, portuguez e brazileiro, com os quaes gastam as respectivas nações tantos contos de reis? Sabes bem que nunca fui negreiro, nem a nossa profissão de officiaes de marinha o comportava; porém, a verdade é que n'esta perseguição ao trafico dos escravos, só lucram os inglezes, e quem mais perde são os negros. Quando o commercio da escravatura era licito não embarcavam em cada navio mais que os homens correspondentes á sua tonelagem, menos talvez do que hoje se carregam nas embarcações de colonos, que são brancos e livres... *na sua terra*. Vinha um padre baptisal-os antes de darem entrada nas alfandegas d'Africa; havia a bordo cirurgião e botica, e tratava-se com esmero da saude d'esses infelizes, que tanto maior valor tinham quanto mais robustos se apresentavam no mercado. Hoje acontece o que acabas de ouvir; como é difficil escapar sempre aos cruzeiros, trata-se de carregar em cada navio o maior numero de negros, para que a viagem dê um lucro extraordinario; e os inglezes fazem servir por dez annos nas suas colo-

nias os escravos que apanham. Será isto philanthropia?

— Não é de certo; mas que querias que se fizesse? Deixar continuar o infame trafico?

— Não sei o que queria; mas o facto é que todas as cousas do mundo tem dous lados por que se encarem, e que não se póde dar absoluta razão a uma das partes sem ouvir a outra.

— Assim é infelizmente... mas que quer esse outro preto?

— Diz que o jantar está prompto... Vamos; e deixemo-nos de emendar o mundo.

II

Senhor preto e servo branco

Duas horas depois d'aquella em que deixámos o leitor, tão sem ceremonia, á porta da casa de jantar, no fim do anterior capitulo, estava o meu amigo R. * * * e eu saboreando o nosso aromatico café, e, não sei como, a conversação veio a recahir de novo sobre a escravatura. Entre outras cousas, que menos me impressionaram, o meu hospede disse no tom amargo do homem que tem soffrido mil desenganos na vida:

— Aposto que ainda não viste um escravo branco e de cabello corredio? Ês capaz de negar que exista!

— Tenho visto muitos — respondi eu — não só na Africa e na America, mas até mesmo na Europa.

— Como assim?...

*

— Açoutados como os negros, agrilhoados como elles... são os soldados e os marinheiros.

— Ora! não se trata d'isso, ahi vens já com as tuas idéas philanthropicas!... Quero mostrar-te um verdadeiro escravo, que a lei reconhece como tal, e que é branco, tão branco como tu; porém o mais notavel é ser elle servo d'um preto.

— Um branco escravo d'um negro!... É justo. Não têem sido tantos pretos escravos de brancos? a razão é a mesma. Vamos vêr esse phenomeno.

— Logo que anoiteça. Tu conheces o dono do pobre branco: é o commendador N.*** que, como sabes, é preto e bem preto, mas honrado homem.

Passámos a fallar de outros objectos.

Ás sete horas da tarde subiamos a uma carruagem de aluguel (que as ha no Rio de Janeiro superiores em luxo ás de qualquer cidade europêa) e partiamos ao galope de dous soberbos cavallos na direcção de *Bota-fogo*. D'ahi a poucos minutos estavamos á porta do commendador N***.

Logo pelo vestibulo e escadaria se adivinhava o luxo das salas do snr. N***. Elle, e suas duas filhas, tambem pretas de ebano, receberam-nos em um elegante *drawingroom*, dando-nos não equivocas mostras da mais apurada educação. Conversou-se por algum tempo ácerca de varios objectos, depois as meninas tocaram piano e harpa com bastante destreza, tomaram-se os indispensaveis refrescos, e ao cabo de uma hora de visita, chegou a conversação, rolando

de banalidade em banalidade, ao fim que alli nos conduzira: *o escravo branco.*

—É verdade—disse R. * * * como se deparára de repente com uma idéa extraviada—póde fazer-me o favor de mostrar a este meu amigo esse escravo, Simeão, de que fallou? quero que elle admire como se apura uma raça.

—Sem duvida... Chamem Simeão—bradou o commendador—vai vêr o resultado d'uma singular mania de meu bisavô, herdada por seus netos até hoje.

—Eil-o ahi—disse R. * * * vendo entrar na sala o escravo—vê se differe de qualquer europeu.

Com effeito, a minha surpreza foi extraordinaria. Havia recuado aos tempos feudaes, e tinha ante mim o servo de gleba, na sua triste realidade; ou transportára-me, sem o sentir, d'um paiz livre como o Brazil para os dominios do autocrata! O escravo estava alli, com a alvura d'um hespanhol, o cabello liso e castanho, olhos da mesma côr, mas fixos, embaciados, como sem vida; bellos dentes e beiços grossos, mas não trombudos á maneira dos negros; estatura regular. Trajava véstia e calças de chita de côres vivas e estranho matiz, porém estava descalço. Deveis comprehender que este espectaculo era bem doloroso para um homem branco, e inimigo da escravidão, mesmo dos negros, como eu o era e sou ainda! Eis-aqui como o *senhor* explicou o motivo da alvura do seu escravo:

—Esteve, haverá cem annos, em Minas Geraes,

um ouvidor, vindo da Europa, que era o modêlo dos magistrados em integridade, mas que nem por isso alcançou as sympathias do povo, porque era homem de poucas fallas, e inimigo de visitas e comprimentos; só um preto livre e mineiro, Gonçalo Dias, tinha accesso aos aposentos particulares do ouvidor; era elle quem tratava de todos os seus negocios, e talvez a unica pessoa de Villa Rica que vira um sorriso nos labios do magistrado. O odio da povoação cresceu contra o seu juiz, quando viram que a predilecção d'elle para com meu bisavô chegava ao ponto de o visitar em sua casa... fazer a um negro o que não fazia aos brancos! Nunca perdoaram nem ao protector nem ao protegido! O preto Gonçalo Dias tinha uma escrava mulata, boa moça, appetitosa, e bem comportada; de pouco servia em casa, mas todos a estimavam. Nunca se lhe conhecêra inclinação amorosa, porém, seduzida talvez pela importancia do lugar do ouvidor, que pela belleza do homem não, pois diziam que era muito feio, fraquejou, como tantas depois de longas provas de virtude, e por fim meu bisavô, que fingia não perceber aquelles amores, achou-se com mais uma escrava em casa, uma filhinha da formosa mulata. O juiz nunca fallou em tal ao mineiro, e este não se atreveu a boquejar no assumpto; o povo porém, que sabe tudo, calumniou o velho preto, e cobria de vituperios, na ausencia, o bom do magistrado. Não era passado muito tempo sobre aquelle escandaloso successo, quando o ouvidor appareceu morto no leito, com uma apoplexia fulmi-

nante, e aberto o testamento achou-se meu bisavô nomeado seu universal herdeiro! A inveja deu novas forças ao odio popular contra o preto, e não houve remedio senão capitular. Com a herança do ministro, Gonçalo Dias podia considerar-se rico, e abandonando Minas Geraes veio estabelecer-se no Rio de Janeiro. O velho era temente a Deus e grato ao finado; começou a parafusar como poderia honrar a memoria do ouvidor, e lembrou-lhe um extravagante alvitre: como elle não deixára filhos legitimos, e tão sómente aquella mulatinha, formosa sim, mas pouco clara e de carapinha, entendeu que devia tratar de dirigir a descendencia do ouvidor ao gremio da gente branca, calculando que seria possivel, ao cabo de algumas gerações, apresentar de novo a raça europêa com toda a sua belleza convencional em um neto do magistrado. Proporcionou pois ao mais gentil mancebo de Portugal, que encontrou no Rio, a posse da gentil mulatinha, filha do seu bemfeitor...

— Da mesma fórma que o inglez apura uma raça de cavallos ou de galgos...

— Exatamente; as raças de escravos tambem se apuram; é por isso que muitos rocéiros tem sempre escravos robustos, e poucas vezes compram d'essa fazenda.

— Cultivam-n'a nas suas terras; é muito melhor do que compral-a!

Eu ria, mas d'um riso convulso, proferindo estas palavras, que me escaldavam os beiços; o bom do commendador achava tudo muito natural, só um

pouco excentrico; o meu amigo R. * * * creio que estava pensando em cousa muito differente; não dava attenção nenhuma á historia, que elle já sabia de cór e a que provavelmente não ligava importancia.

N. * * * continuou:

— A pequena morreu de parto, dando á luz uma menina; e meu avô, que succedeu na casa a meu bisavô, não esqueceu a recommendação que o velho lhe fizera na hora da morte, e uniu a mulata ao portuguez mais branco que aportou ao Brazil. Resumindo, meu pai continuou o apuramento da raça, chegando a conseguir em sua vida que uma neta do ouvidor apparecesse sob a fórma d'uma crioula, côr morena e cabello corredio, e eu tenho o gosto de mostrar-lhes o seu filho unico, que, como vêdes, parece europeu. Estão pois satisfeitos os desejos do velho Gonçalo Dias, e póde repousar em paz na sepultura. Agora o que lhe esqueceu, a elle, a seu filho, e a seu neto, é o que fará o seu bisneto... dar a liberdade ao descendente do homem livre. Simeão, vou dar-te a carta de alforria.

— Bravo, commendador! — clamei eu — é uma nobre acção essa!... Simeão, és livre; queres vir commigo para a Europa?

— É muito longe — disse o servo com um riso alvar — eu não quero deixar o *senhor*.

— Já não sou teu *senhor*. Pódes ficar ou partir, como quizeres.

— Eu quero ficar com o *senhor;* sempre me tratou bem... que hei-de eu ir procurar? Nada... fico.

E foi recuando para um dos cantos da sala, como desconfiado de mim; talvez julgasse que eu o queria ir vender a outra terra... — Tem-se visto d'isso! — continuei dirigindo-me ao commendador.

É pena!... mas a raça não se apurou, degenerou. O physico d'um homem branco alcançou-se, mas a alma d'um homem livre é que se não conseguiu. A escravidão transforma o homem... faz *isso* que ahi se vê!

— A culpa não é minha — disse N. *** — este homem nunca foi açoutado, nem soffreu genero algum de privação. D'hoje ávante passa a ser meu hospede, vai andar calçado, e eu correrei com todas as despezas da sua manutenção... se se conservar solteiro.

Simeão riu-se quando ouviu fallar no calçado; ter sapatos era um dos seus poucos desejos.

Despedimo-nos do commendador, e de suas filhas, e voltámos para o pavilhão do passeio publico, conversando ainda ácerca da estranha scena que tinhamos presenciado, e que, segundo dizem, é muito commum nos Estados-Unidos... isto é, os escravos brancos, não os *senhores* pretos.

Passados dias encontrei Simeão de sobrecasaca, chapéo de palha, e bem calçado... ainda parecia um escravo quando roçava por algum d'aquelles pretos ou mulatas livres e artistas, que giram com tanto garbo e elegancia de vestuario, ao domingo, nas ruas do Rio de Janeiro.

III

O colono

A sorte dos colonos na America tem tanta analogia com a dos captivos africanos, que nos resolvemos a incluir o presente quadro sob a epigraphe geral de Scenas da escravatura. Pela verdadeira narração que vai seguir, o leitor avaliará se tivemos razão em considerar o pobre emigrado europeu como uma das figuras que formam o grande e lastimoso grupo da servidão no Novo Mundo.

O dia primeiro de janeiro de 1845 despontou calmoso, como poucos, sobre a cidade do Rio de Janeiro; ás dez horas da manhã faltava a respiração n'aquellas ruas abrazadas pelo sol, nem á beira da agua se sentia a menor bafagem!... Alagado em suor, e de bocca aberta, procurando aspirar algum ar, atravessava eu, a essa hora, o largo do Paço, fazendo a diligencia por alcançar o mais depressa

possivel uma das ruas que conduzem a S. Francisco, quando um objecto estranho me fez parar de repente. Era um homem semi-nú e descalço, que guiava uma carroça, puxada por magro cavallo, e que chegando-se a mim, tirou da cabeça um esfarrapado chapéo de palha, e dirigiu-me estas palavras:

— V... é official da fragata portugueza?

— Sou — respondi eu — e em quanto esperava pelo que acrescentaria o meu interlocutor, tive tempo de lhe examinar a physionomia n'um relance. Era branco, parecia europeu, estava muito tostado do sol, e magro em extremo; indicava ter soffrido grave doença, e que o enfraquecimento moral seguia de perto o physico. Os seus olhos reflectiam uma boa alma. Quiz ajoelhar n'aquella arêa, que escaldava os pés, mas eu pude impedir-lh'o a tempo, e então continuou:

— Ah! senhor, salve-me da escravidão; obtenha-me passagem na fragata para a minha terra, aonde provavelmente ella irá... a ilha Terceira.

— Creio que não haverá duvida n'isso; já lá temos a bordo outros colonos, que não fizeram fortuna no Brazil. A fragata ainda não parte, porém o commandante não lhe ha-de negar praça a bordo. Espere ámanhã por mim no caes do *Phoroux,* e eu o apresentarei.

— Deus lhe pagará essa esmola — respondeu o desgraçado, querendo beijar-me as mãos.

— Até ámanhã. O sol está muito quente, não convida a conversar exposto aos seus raios.

— Estou bem costumado a elle... e a tudo! — murmurou o pobre ilhéo, afastando-se com a sua carroça na direcção do chafariz, em quanto eu caminhava a largos passos para a rua do Ouvidor, o *Chiado* do Rio de Janeiro.

D'ahi a meia hora, dizia eu ao amigo R.*** entrando no pavilhão fronteiro ao passeio publico: Creio que tenho uma interessante historia para juntar ás do principe Jaca e de Simeão; um escravo de outro genero, que vai ámanhã para bordo da *Diana*... não sei se fica mais livre!

E repeti ao meu amigo o dialogo que o leitor acaba de ouvir. Era um presentimento! No dia seguinte, José de Bettencourt (o colono) ia sentado junto a mim no escaler da fragata; e em quanto oito possantes marinheiros faziam vergar os remos para dar velocidade á embarcação, contava-me elle a sua historia nos seguintes termos (se a memoria me não falha):

— Nasci na villa da Praia; meus paes eram muito pobres, mas apesar d'isso a sua perda foi para mim irreparavel! Ainda era muito criança quando fiquei só no mundo; abandonado de todos, sem parentes, sem protectores... comecei a viver do miseravel producto d'um trabalho violento e mal retribuido. Arroteava os campos d'um morgado, que passeava em Lisboa; e o seu feitor, homem feroz, tratava-nos a mim e aos meus pobres companheiros, como se foramos seus escravos. Elles mudaram de amo, hoje um, outro ámanhã... eu tinha amor

áquelle lugar onde nascêra... e que iria buscar mais longe? Aonde? O que?... Por varios vezes me tinham fallado em emigrar para a America, diziam-me que seria rico em pouco tempo; porém eu receava atravessar o mar, e, apesar de ignorante como era, e ainda sou, nunca me persuadi que pudesse alcançar em outra parte as sonhadas fortunas que me promettiam, e que a minha terra me não dava.

— Raciocinando assim, como emigraste?

— Ah, senhor! A borboleta bem vê que se queima, mas nem por isso foge da luz; isto era destino meu... mas peor foi a causa da minha emigração, do que os tratos que soffri a bordo e na roça.

— Se não é segredo, conta-me isso.

— Vou contar-lhe tudo — proseguiu o colono, enxugando uma lagrima que lhe fugia ao longo da face sulcada pelo soffrimento. — Na villa da Praia havia uma rapariga, modesta e recatada, que eu amava ardentemente, e que tambem muito me queria a mim; porém, infelizmente tinha parentes de quem dependia, não era orphã, e por isso livre, como eu. Quiz casar com ella, mas seu pai, que tinha algumas geiras de terra, admirou-se muito das pretensões d'um simples trabalhador, e não só me negou a filha, mas fez com que fosse expulso da casa onde trabalhava, para me obrigar a fugir d'alli!... Aquelle velho fez a minha desgraça e a de Maria!

— Parece-me que adivinho — interrompi eu com pretensões a esperto — seduziste a filha...

— Não, senhor; muito peor.

— Então, mataste o pai...

— Ainda muito peor!

— Que succedeu pois? — perguntei eu, com muita curiosidade, e ao mesmo tempo corrido por não ter acertado no alvo.

— Isto custa a dizer! — murmurou Bettencourt, e fez uma breve pausa. Depois, creando animo, continuou: — Vendo-me sem trabalho, resolvi emigrar, e fallei para isso com um agente da barca *Feliz,* que se esperava a cada hora; o ajuste fez-se n'um momento, não tinha tempo para pensar nas condições, nem as eu vi; tudo me servia. Porém a lembrança de Maria não me deixou dormir essa noite; e na manhã seguinte fui dizer ao agente que tinha mudado de tenção, que já não ia para o Brazil. Ora, o homem parece que não tinha muita carga prompta, porque começou a indagar o motivo da minha resolução, e de tal finura usou, ou tão parvo era eu, que lhe contei a historia dos meus amores. Então, aquelle monstro teve uma lembrança infernal, mas que eu abracei immediatamente, porque adorava Maria, e aceitava tudo, menos perdel-a; propoz-me que a convencesse a abandonar de noite a casa de seus paes, e a fugir commigo para o Brazil, que lá se faria o casamento. Segui os conselhos d'aquelle Satanaz em figura d'homem, e perdi-me... e perdi-a... pobre Maria! (As lagrimas bailavam nos olhos do colono, e os soluços entrecortavam-lhe o discurso). Quando appareceu no horisonte a barca

Feliz era quasi sol posto; o embarque devia ter lugar ás nove horas da noite; Maria estava prevenida, tinha resolvido seguir-me a toda a parte, e pouco depois das oito horas, largou para sempre a casa de seus paes, e com ella o manto da honestidade que até ahi a cobria; e fomos, com outros muitos infelizes, apinhados em uma lancha, tomar os nossos lugares a bordo da barca, que promettia conduzir-nos a um paraiso d'ouro e d'amor!... A illusão durou poucas horas, e o desengano foi pungente... Custa a crêr como se resiste a certas dôres!

— O senhor sabe — proseguiu elle, depois de enxugar o suor frio que lhe inundava o rosto — que a bordo d'um navio de colonos não ha distincção de sexos; o alojamento é commum, como nas embarcações negreiras: lembre-se o que eu soffreria, vendo a mulher, que respeitava como se fosse minha irmã, em quanto um sacerdote não santificasse a nossa união, confundida entre mulheres e homens, quasi todos de maus costumes, e exposta a soffrer qualquer insulto na minha ausencia. Não tardou que, na minha presença mesmo, o piloto lhe não désse um abraço; porém eu tinha uma faca commigo, e se me não seguram seis ou oito homens, tinha morto o piloto. Fui preso a ferros, e por oito dias condemnado a pão e agua, para amansar, dizia o capitão; porém esses castigos não me affligiam: o que eu queria era ter ao pé de mim a pobre Maria... vãos desejos, que serviram de mofa á tripolação, e aos passageiros tambem! Não podendo salvar Maria,

imaginei perder toda aquella gente: incendiar o navio ou fazer-lhe um rombo, era o que me lembrava; mas não tinha meios de executar nenhum d'esses planos, porque o recinto era pequeno, e havia ahi mais de duzentas pessoas com apêgo á vida... d'ahi a um mez já muitas o teriam perdido!... Sem forças para fazer nem o bem nem o mal, separado quasi sempre de Maria, fui perdendo o vigor por tal fórma que, quando chegámos a Pernambuco, e que os primeiros *senhores de roça* vieram a bordo escolher colonos, disse um d'elles, despois de me examinar miudamente: « Este é bom para deitar ao mar! » Eu ri-me, porque Maria estava junto de mim... mas não era passada meia hora, e a mais cruel das angustias, as mais desesperadoras torturas me dilaceravam o coração! Ainda me parece um sonho!... E foi realidade... oh! se foi!...

Os olhos de Bettencourt estavam agora embaciados, e como fixando um objecto além do horisonte visivel.

— Eu vi — continuou elle — um homem baixo, grosso, vermelho, que parecia vender saude e alegria, aproximar-se da mulher que eu adorava, separar-lhe os beiços para vêr se tinha bons dentes, examinar-lhe o pescoço em procura de signaes de escrofulas, e ia continuar o exame, quando eu, fraco como estava, me lancei a elle e o segurei pelo pescoço: o homem gritou por soccorro, acudiu muita gente, e fui novamente mettido no porão a ferros,

d'onde não sahi senão quando a barca partiu de Pernambuco para o Rio, com os poucos passageiros que não tinham encontrado quem os quizesse para servos. E não enlouqueci! E não morri!... E Maria ficára com o homem gordo que eu maltratei... ficava em Pernambuco, e eu navegava para o Rio; ficava abandonada, sem defeza, perdida, deshonrada... e tinha sido eu que a arrancára de casa de seus paes! Oh! que isto custo muito... muito! E só metade do calix da amargura estava ainda despejado; a outra metade, até ás ultimas fezes, esgotamol-a depois; bem lhe sinto o travo, hei-de sentil-o até á morte! Assim mesmo a mocidade e a creação nos campos podem muito contra os desgostos, os maus tratos e a propria doença; quando cheguei aqui, ninguem me quiz alugar, mas passado um mez, durante o qual estive rigorosamente preso a bordo, appareceu um *senhor de engenho,* que pagou a minha passagem, e fiquei então livre de bordo, mas sujeito ao meu novo senhor... era mudar de escravidão para escravidão, e sempre para peor. Porém eu tinha concebido um plano atrevido; ainda tinha uma vaga esperança de que Maria se conservasse pura, e sonhava dias de felicidade na sua companhia. Tratei de robustecer, apesar do excessivo trabalho que tinha na roça para onde me mandaram, a apanhar café, por estes dias de sol, um homem branco!... Mas robusteci, e ao cabo de dous mezes fugi da roça, alcancei praça n'um patacho brazileiro, que partia para Pernambuco, e escapando ás pesqui-

zas de meu amo, que offerecia um premio a quem descobrisse o meu refugio ou me prendesse, como eu mesmo li nos annuncios dos jornaes, vi com alegria ficar-nos pela pôpa estes morros e estas ilhas, e foi com alvoroço que enxergei as praias do Recife!... Mas ah! como parti segunda vez de Pernambuco!...

O escaler ia atracando á fragata; foi necessario interromper a narração; mas passado pouco tempo, e achando-se já alistado na marinha real portugueza, o nosso Bettencourt, veio procurar-me ao tombadilho, aonde eu já o esperava com impaciencia, e concluiu a narrativa, como o leitor verá no seguinte capitulo.

IV

A louca

O colono proseguiu assim:

— Apenas desembarquei, todos os meus esforços se dirigiram a encontrar Maria; porém debalde percorri, durante oito dias, os bairros do Recife, de Santo Antonio e da Boa-Vista; alonguei-me até Olinda, fiz todas as diligencias possiveis, mas ninguem reconhecia os signaes que eu dava do gordo proprietario e da serva. Emfim, uma noite, atravessando vagarosamente a rua das Cruzes, lancei por acaso a vista para uma porta em que havia luz, e junto á qual estavam dous homens conversando. O som d'uma voz conhecida e execrada fez-me pular o coração! Aproximei-me da porta, e reconheci o amo de Maria em um d'aquelles dous homens: ia para me lançar a elle, porém a desgraça já me ha-

via tornado cauteloso ; passei adiante, e unido á parede, com olhos e ouvidos attentos, esperei que terminasse a conversa. « Se elle mora alli, dizia eu commigo mesmo — fico sabendo aonde o hei-de procurar ; se não mora, ha-de tomar alguma direcção, e vou seguil-o ». Com effeito, dez minutos depois, o homemzinho despedia-se do seu amigo, e passava perto de mim com a maior tranquillidade. D'um pulo saltei sobre elle ; com uma das mãos segurei-lhe a garganta de maneira a impedir-lhe a falla, com a outra mostrei-lhe uma faca de ponta : « Ao menor movimento que tentares fazer, estás morto » — disse-lhe eu ; e acrescentei, deixando-o respirar : « Que fizeste de Maria, a mulher que levaste da barca *Feliz ?*» O velho respondeu flegmaticamente : « Mau negocio foi esse ; a maldita fugiu no mesmo dia em que lhe paguei a passagem, e não soube mais d'ella... ha-de estar ahi por algum bordel ». Acreditei a primeira parte, a segunda ia custando a vida ao malvado. Elle que sentia a minha convulsão, e que conservava toda a presença de espirito, como endurecido já na maldade, bradou com fingido susto : « Olhe esse homem ! » e quando eu virei o rosto para vêr quem se aproximava, escapou-se-me das mãos, e deitou a correr, gritando por soccorro. O infame juntava o escarneo á perversidade ! Corri sobre elle, resolvido a matal-o ; porém um outro homem se apresentou diante de mim, com uma espingarda na mão. « Se não páras, desfecho » — disse elle — e eu creio que ainda assim avançaria, se não reconhecesse a voz

do recem-chegado: era um dos meus companheiros de viagem, e visinho da Villa da Praia.

— Manoel, sou eu, deixa-me passar — lhe bradei — porém elle, que via aproximar-se mais gente, empurrou-me, dizendo: «Foge, foge, que eu ámanhã te darei noticia de Maria... no mercado de Santo Antonio, ao meio dia». Voltei; Manoel lá apaziguou aquella gente, que me não seguiu... traidor!

— Traidor por te livrar? — interrompi eu, admirado.

— Jogava com pau de dous bicos; o senhor vai ouvir o resto. No outro dia encontrei-o no mercado, e eis-aqui em resumo o que contou ter succedido á minha noiva. Violentada pelo velho proprietario, tinha perdido o juizo ao mesmo tempo que a honra, e como já para nada servia, fôra expulsa de casa, e percorria as ruas de Pernambuco mal coberta de andrajos, e apupada pelos moleques, que lhe chamavam *a louca das ilhas*... Imagine, senhor, como eu ficaria, ouvindo esta horrivel historia! E, se é possivel, calcule o grau da minha desesperação, vendo-me em seguida cercado pela policia, preso como colono fugido e suspeito d'outros crimes, pelo testemunho do proprio Manoel, meu patricio, e lançado em uma enxovia, d'onde só devia sahir para regressar ao Rio de Janeiro, e ser entregue ao *meu senhor!*... A hora da partida soou; porém a justiça de Deus ainda não estava satisfeita com o tremendo castigo, que havia soffrido até ahi, por culpa dos meus grandes peccados! Era preciso que visse,

sem lhe poder acudir, a pobre louca, rôta, ensanguentada, cadaverica, ser tirada das aguas, aonde se arremessára voluntariamente; e em quanto a conduziam para o hospital, embarcar eu para o navio que ia transportar-me aqui!...

— Que foi feito da pobre louca?

— Teve Deus piedade d'ella... bem a merecia! Morreu.

Depois d'uma longa pausa, durante a qual o novo grumete chorou bastante, resolvi-me a dizer-lhe:

— Maria está no céo, não se deve chorar por ella. Conta-me o que te succedeu com teu amo.

— O homem contava com o vigoroso colono de outro tempo, mas enganou-se. Como até hoje ainda se não manda um branco ao *tronco* como se faz ao negro, para o carrasco pagar a letra d'açoutes, que sobre elle saca o senhor, e que é endossada pela authoridade policial, sem querer saber qual é o crime do escravo, e importando-lhe tão sómente que se pague a dinheiro, a modo de juro, um tanto por cada chicotada; como o branco, posto que maltratado de palavras, e peor de comida e vestuario, preso por um contracto fraudulento, que só vem a conhecer como tal quando não póde fugir ao jugo, não está comtudo sujeito a ser amarrado no pateo da casa do seu senhor, e fustigado como um pêrro fugidiço; eu tornei-me mandrião por tal fórma, que meu amo expulsou-me da roça, e mandou-me guiar aquella carroça, que o senhor viu, para levar agua

á casa da cidade. Não sei se o meu contracto já acabou, mas estou certo que não tornam a procurar-me.

— Ainda assim não és dos que mais tem de que queixar-se. Os trabalhos que soffreste foram procurados por tuas mãos; ahi estão outros colonos a bordo, que, enganados na sua patria por falsas promessas, vieram gastar o vigor da mocidade n'este clima abrazador, e agora regressam ás ilhas, sem forças, sem dinheiro e sem esperanças, tendo pago os tormentos da passagem por dous e tres annos de serviço violento.

— O mesmo me succederia, se não fosse a immoralidade, que reina a bordo d'estes transportes de carne humana; se me deixassem ir com a minha noiva servir o mesmo amo, teriam encontrado um bom agricultor, e uma boa serva, que trabalhariam noite e dia sem se queixarem. Pois eu na minha terra não trabalhava e muito? E não era a falta de trabalho o que mais temia? Mas era livre; podia deixar de servir a quem me maltratasse. O escravo no Brazil não faz tanto em um mez como qualquer agricultor das ilhas em dez dias, não cuida do proprio sustento nem do vestuario, não está sujeito, como nós, por falta de trabalho ou por escassez de salario, a soffrer a fome ou a mendigar... mas quem não preferirá a todas essas vantagens o ter vontade propria, e não ser mutilado a arbitrio d'um seu semelhante?

— Tens razão — disse eu, sorrindo-me da tirada

philosophica do ex-colono, que mal se lembrava quanto a sua sorte era semelhante á do negro escravo. Acabava de ter a honra de sentar praça na marinha real, como grumete, e estava por consequencia sujeito a ser chibatado, exposto na golilha á irrisão dos seus camaradas, ou preso, com ferros aos pés, n'um lugar humido e escuro; tinha que aturar desde o commandante até ao ultimo marinheiro, seus superiores... Estava livre, suppunha elle, porque não tinha um *senhor* determinado; mas tinha muitos... pobre rapaz!.....

Quando havia terminado a historia dos pobres colonos com as singelas reflexões que acabam de lêr-se, abri ao acaso a primeira caderneta dos recem-publicados *Fastos da Igreja,* e deparei uma imagem da escravidão em Roma, que podia applicar-se, ainda hoje, a muitos paizes:

« O escravo nada possuia, diz o elegante escriptor, nem até o seu peculio, adquirido á custa de trabalho e de vigilias. Na mão do senhor estava sequestrar-lh'o. Não tinha esposa ou filhos. Os seus amores eram casuaes, e o laço conjugal nunca os abençoava. As crianças nascidas do momentaneo ardor dos sentidos e da promiscuidade do ergastulo, pertenciam ao dono da mãi, como as crias dos animaes...»

Não é isto o que acabo de vos contar que succede na America ainda hoje? Não sabeis que na Europa mesmo subsiste a escravidão em alguns paizes? O czar não tem milhões de servos de gleba? O sul-

tão não possue um harem de formosas captivas? E os soldados e os marinheiros não são escravos em toda a parte?... Que tem pois adiantado a humanidade, quaes são os fructos da arvore da civilisação? As machinas a vapor, os caminhos de ferro, o telegrapho electrico, novos projecteis para matar muita gente d'uma vez, sinos mergulhadores, navegação sub-marina, estradas por baixo dos rios, o aerostato imperfeito ainda, o magnetismo só conhecido pelos effeitos, as leis da gravidade e da attracção e do movimento dos corpos celestes... pois tudo isso vale nada em comparação d'esta grande questão da escravatura! E quando reuniu um congresso de paz no Occidente rebenta a guerra no Oriente! E lá vão milhares de homens arrastados para o campo de batalha decidir quem ha-de ter o protectorado dos lugares santos!... E falla-se em progresso!

Não; a aurora da redempção não despontou ainda para o mundo. Os escravos de Roma, a prostituição de Roma, os gladiadores de Roma, ahi estão na velha Byzancio e na moderna S. Petersburgo; correi, d'esse centro de attracção, os olhos por toda a terra, e encontrareis o vicio e a servidão por toda ella, como ha dous mil annos, só com a differença que hoje escondem-se com o fumo das machinas a vapor, não sôam tão claramente, porque lhe abafa as vozes o ruido dos caminhos de ferro, e o ouro, manejado destramente, substitue em muitos casos a força bruta, fazendo calar a consciencia.

Fui longe do meu assumpto; mas volto depressa

a elle, e vou concluir com um pequeno additamento ás scenas de escravatura, que deixei esboçadas, extrahindo d'um dos jornaes do Brazil, que tenho sobre a mesa, do que mais perto estiver, alguns annuncios, que confirmem as idéas expendidas n'estes capitulos, e façam mais execrada ainda dos leitores a escravidão.

« *Jornal do Commercio de 12 de junho de 1845. Annuncios:*

« Vende-se uma ama de leite, bonita mocamba, com uma linda cria a desmamar-se ».

« Vende-se uma cabra com abundante e bom leite, e uma cabrinha de dous mezes ».

« Aluga-se uma mulher branca, para ama de leite ».

« Aluga-se uma preta, que ensabôa, engomma e coze ».

« Aluga-se uma parda para todo o serviço ».

Esta mescla de annuncios encontra-se todos os dias nas folhas do Brazil; aluga-se a branca, a parda e a preta (todas as côres!), vende-se a ama e a filha, a cabra e a cabrinha... Oh seculo commercial!... Salvè! Tres vezes salvè!

QUADROS MARITIMOS

I

Escavando nas minas dos nossos antigos escriptores, em cata de documentos para a historia da marinha portugueza, que emprehendo levar a cabo, se Deus me ajudar de sua mão, deparei um livro, composto de folhetos de diversas datas e authores, em que se relatam alguns dos mais lastimosos naufragios de nossas naus e galeões na carreira da India; minuciosas de mais são aquellas relações para interessarem ao geral dos leitores, e muito extensas para serem trasladadas n'este livro; por isso tratei de as reduzir convenientemente, e vou publical-as, certo de que ha-de agradar a sua leitura, por versar sobre acontecimentos pouco conhecidos hoje.

Começa o livro pela *Historia da muy notavel perda do galeam grande S. Joam,* em que se conta

a morte de Manoel de Sousa de Sepulveda, sua mulher e filhos, e mais gente do navio, na costa do Natal; como porém este successo é muito conhecido, e d'elle se deu noticia n'um volume do *Panorama,* vamos passar á

Relaçam do lastimozo naufragio da nau Conceiçam, chamada Algaravia a nova, de que era cappitão Francisco Nobre, a qual se perdeu nos baixos de Pero dos Banhos, em 22 de agosto de 1555.

De cinco naus que partiram de Lisboa para a India em março de 1555, quatro chegaram a salvamento a Gôa, porém a quinta, chamada *Conceição,* e que os marinheiros denominavam *Algaravia a nova,* passando por fóra da ilha de Madagascar, em demanda de Cochim, foi encalhar nos baixos de Pero dos Banhos, ás tres horas da noite de 22 d'agosto, indo com as vélas largas, e não se sabendo a quem atribuir a causa do sinistro.

Apenas amanheceu viram que a nau tinha assentado em uma restinga d'arêa, que em parte sahia da agua, unico lugar de salvação que enxergavam, ainda que muito precario; tratou-se pois de alliviar a embarcação, a vêr se era possivel desencalhal-a, porém debalde cortaram o mastro grande, e alijaram ao mar quanta fazenda encontraram; o navio abriu agua em grande quantidade, e todas as esperanças ficaram perdidas.

O remedio unico (bem parco!) era desembarcar a gente para a corôa de arêa; sacar para ahi o maior numero de mantimentos que fosse possivel extra-

hir da nau, antes que ella se desfizesse; e ir alguem no batel ao porto da India mais proximo, a vêr se alcançava poderem-se salvar os que ficassem. Assim se fez; e o capitão, com mais dous homens de qualidade, e trinta marinheiros, mettendo-se no barco com os cofres d'el-rei, deixaram furtivamente os seus desgraçados companheiros. «Não se póde explicar (diz n'este ponto o jesuita, que vamos seguindo em sua narração) a grande confusão e tristeza, com repentinos assombramentos da morte, em que ficaram os demais, que eram perto de quatrocentos homens, vendo-se em quatro palmos de terra, tantos em numero e com tão pouco mantimento, sem provisão para viver na terra, nem remedio para sahir ao mar».

N'este transe tiveram aquelles homens uma idéa bem extravagante: elegeram por seu capitão a D. Alvaro d'Athaide, mancebo de dezoito annos, sem experiencia, só porque era sobrinho do conde da Castanheira! E deram-lhe por companheiro um homem experimentado e de conselho, Duarte Rodrigues de Bulhão; ficando assim organisada a governança d'aquella miseravel colonia. Já ella estaria desfeita pela fome, se não foram os muitos alcatrazes que vinham pousar na ilheta, e que se deixavam tomar dos naufragos, bem como alguns mantimentos que o mar arrojava do convés da nau para a praia; porém este ultimo recurso acabou-lhes, porque um forte temporal derrocou de todo a embarcação, e apenas puderam recolher algumas tábuas, com as quaes esperavam ordenar ainda um barco salvador.

E ordenaram! Sem ferramenta, sem carpinteiro nem calafate, faltos de tudo! Em quatorze dias puzeram a nado a improvisada embarcação, a que deram o nome de *Misericordia de Deus,* porém só quarenta e cinco, em cujo numero entravam os dous consules, couberam dentro d'ella, e se entregaram aos perigos do mar da India, despedindo-se mui chorosos de seus companheiros que ficavam em terra.

Depois de muitos trabalhos, fome e sêde, como póde imaginar-se, chegou a vistar terra o barquinho, e no mesmo ponto encontrou dous fustões, em um dos quaes vinha o proprio capitão da nau *Conceição,* Francisco Nobre, por mandado do governador da India a procurar os naufragos. Um dos fustões rebocou para Cochim o milagroso barco, e o outro seguiu com Francisco Nobre em demanda dos baixos de Pero dos Banhos.

Entretanto uma nova tentativa se effectuára na ilheta. Ao cabo de oito mezes das mais crueis privações, alguns dos naufragos imaginaram descobrir por alli perto outros ilhéos menos aridos, e arranjando das madeiras da nau, que ainda encontraram, uma fraca jangada, se entregaram ao mar, promettendo aos companheiros, que ficavam em terra, vir procural-os se encontrassem salvação.

Partiram em abril, e dous mezes andaram sobre as aguas, sem descobrir nenhuma terra, e soffrendo todos os horrores da fome e sêde, quando não podiam pescar algum peixe, ou não chovia. Por fim descobriram uma ilheta, tão esteril como a que ha-

viam deixado, e enxergando d'alli outra, que parecia frondosa, diligenciaram tomal-a. Vento ponteiro e grossos mares tornaram inuteis as diligencias de duas tentativas, e quando os mais corajosos se arrojaram terceira vez a ir na jangada demandar aquelle oásis, o maior numero ficou na ilheta, aguardando o resultado da expedição. D'esta vez aferraram a terra!

Saborosos côcos, differentes hervas, e agua crystallina, mataram alli a fome e a sêde dos aventureiros, porém era tal o seu estado de fraqueza, que a abundancia os fez cahir a todos tão perigosamente enfermos, que não houve quem pudesse tão cedo voltar na jangada a buscar os companheiros. Só passado um mez, tendo feito provimento de agua e côcos, se puderam aventurar de novo no oceano; não encontraram porém na outra ilheta mais do que dous companheiros vivos; o resto havia morrido de fome! Entregues á furia do mar, e sem rumo determinado, os pobres naufragos arrostaram com temporaes tremendos, dentro d'aquella fraca jangada, até que a 27 de novembro de 1556 aportaram a Cochim, depois de quinze mezes de angustia! Já ninguem os esperava; e mais ainda, porque o capitão Francisco Nobre não dera com os baixos de Pero dos Banhos; e assim pereceu ao desamparo a gente que lá ficára, que era mais de metade da tripolação da nau.

Que perigos e trabalhos ha ahi em terra que possam comparar-se com estes? Se quereis ouvir-me, contar-vos-hei outros casos não menos lastimosos, e tão verdadeiros como o da nau *Conceição*.

*

II

Naufragio da nau Santo Alberto

Vamos contar o lastimoso naufragio d'esta nau, que voltava da India ao reino, no anno de 1593, seguindo a narração, que d'este triste acontecimento nos deixou o cosmographo-mór João Baptista Lavanha, e que foi impressa por Alexandre de Sequeira em 1597.

Partiu de Cochim a nau *Santo Alberto,* a 21 de janeiro, sendo seu capitão Julião de Faria Cerveira, piloto Rodrigo Migueis, e mestre João Martins. Trazia a seu bordo muitos passageiros, entre os quaes varias pessoas de distincção, e duas senhoras, D. Isabel Pereira, viuva de Diogo de Mello Coutinho, capitão que fôra de Ceylão, e sua filha, formosa donzella de dezeseis annos de idade. Fez a nau a sua viagem com tempo prospero até á altura de dez graus sul, onde começou a abrir agua, a qual foi crescen-

46458

do de dia para dia, a ponto que em 32 graus de latitude, e tendo á vista á costa de Natal, se viram perdidos; e entendendo que não podiam já arribar a Moçambique, começaram a alijar ao mar toda a carga, que era d'um valor immenso, e entestaram com a terra, para ahi varar a nau, posto que entre cafres não devessem contar com a vida mais segura do que no meio das vagas.

Nuno Velho, um dos passageiros, que fôra capitão de Sofala, tratou de metter dentro d'uma pipa as armas, polvora e chumbo, que pôde encontrar na nau, prevendo de quanta utilidade lhe seriam estes objectos para atemorisar os cafres, e não se enganou, como experimentado que era. Estando já perto da terra, cortaram-se os mastros e enxarcias, aos quaes se lançou muita gente, que toda morreu com pernas e braços quebrados de encontro á nau, que encalhava n'esse momento, e aos paus que se entrechocavam presos pelo massame. Tão furiosas pancadas deu a embarcação pela força da resaca, que separou as cobertas de cima das de baixo, cousa pasmosa! E ficando estas presas na arêa, foram aquellas varar na praia, já subdivididas, aqui a prôa, alli a pôpa, salvando-se 285 pessoas, em cujo numero entraram as duas senhoras, graças ao cuidado de Nuno Velho (o heroe d'este tragico successo) e havendo morrido 62 homens, entre livres e escravos. Ao sitio em que naufragaram chamam os portuguezes o *Penedo das Fontes,* e os negros lhe chamavam *Tizombe.*

Não foram as tormentas do Cabo da Boa-Esperança que fizeram naufragar esta nau, mas, como succedeu a muitas outras, o mal atamancado do seu concerto, e receber carga superior ao seu porte. A quilha do *Santo Alberto* encontrou-se completamente pôdre! Horrorisa passar pelos olhos estas relações de tão repetidos naufragios, com tanta perda de vidas e de fazendas, quasi sempre por descuidos ou teimas dos artifices, dos pilotos ou dos carregadores; e não causa menor afflicção considerar os grandes trabalhos que muitos dos naufragos passaram por baixios estereis, praias aridas e desertos sertões: na resumida conta que vamos dar do que soffreram estes homens em cem dias de marcha, por caminhos desconhecidos e sertanejos, debaixo do sol ardente de Africa, avaliarão nossos leitores que não foram mais felizes os que sahiram vivos em terra, do que os que ficaram logo sepultados nas ondas.

O naufragio teve lugar a 25 de março, e logo ao outro dia começaram a recolher os mantimentos e armas, que ainda se conservavam nos pedaços da nau; entrincheiraram-se contra os cafres, que pudessem apparecer, e fizeram tendas de ricas alcatifas de Cambaya e Odiaz, de preciosas colchas e caixas e esteiras das Maldivas... embarcadas para bem differente uso!

Custa a acreditar como, em tão criticas circumstancias, soldados, marinheiros e passageiros se sujeitassem a formalidades de disciplina! Porém aqui temos um exemplo pasmoso: uma eleição de capi-

tão-mór para toda aquella gente, feita na melhor ordem, e de certo com mais liberdade de consciencia do que em nossos dias se fazem nos grandes povoados: a soldadesca escolheu dez eleitores e a marinhagem dous, e todos juraram de obedecer áquelle que os doze eleitores escolhessem para seu chefe. Foi proclamado capitão-mór, por unanimidade de votos, o nosso conhecido Nuno Velho Pereira, por sua nobreza, prudencia, esforço e experiencia (diz a chronica). Recusou elle a eleição, e propunha para chefe o capitão da nau, Julião de Faria; porém o povo não lhe aceitou a escusa, e jurou-lhe de novo inteira obediencia. Obrigado pois a servir aquelle trabalhoso cargo, Nuno Velho nomeou a Julião de Faria para director do arraial, a Diogo Nunes Gramacho para provedor, e a João Martins (o mestre) para thesoureiro, dando-lhes como adjuntos Antonio Godinho, que tinha muita experiencia do commercio dos cafres, e frei Pedro da Cruz, agostiniano, porque sem o conselho d'um frade se não podia passar.

Um rei d'aquellas cercanias veio com sessenta negros, como elle, visitar os nossos, logo ao terceiro dia de estada alli; trataram-se bem mutuamente, e fizeram-se alguns presentes de parte a parte; os nossos deram-lhe uma bacia de cobre e outras bagatellas, e elles dous bons carneiros e mais comestiveis e agua.

No primeiro dia d'abril emprehenderam a viagem pelo sertão para a bahia de Lourenço Marques,

lugar o mais proximo onde pudessem encontrar navio portuguez; e não seguiram ao longo da costa por lhes lembrar Nuno Velho, que essa fôra a perdição de Manuel de Sousa Sepulveda, e da gente da nau S. Thomé em 1552 e 1554, visto ser mais longo o caminho costeando a Cafraria, mais doentio, e mais falto d'agua e comestiveis. Assim mesmo era uma jornada de cem dias que iam emprehender. Foram acompanhados até ao rio do Infante pelo rei cafre, que ahi os recommendou a outros negros de diverso senhorio; e comprando vaccas e outros mantimentos nas povoações que iam encontrando, a trôco de missangas, botões e avelorios, caminharam a pequenas jornadas, ora ao sol, ora á chuva, por muitos dias, deixando na estrada os que não tinham forças para acompanhar a hoste (excepto D. Isabel e D. Luiza, que vinham ás costas de escravos, em uma especie de machilas), e vadeando o caudaloso rio de S. Christovão, encontraram formosos campos, arvores frondosas, e muitas aves e bom leite, mas em seguida um deserto safaro e temeroso. Ahi deram parte de fracos os escravos do capitão-mór, e porque tinham pouco que comer, declararam que não podiam continuar a carregar com as senhoras; porém dezeseis grumetes mediante a promessa de mil cruzados se encarregaram da sua conducção até Lourenço Marques.

Com vária sorte foram seguindo seu destino aquelles pobres naufragos, ora encontrando quem os guiasse na desejada derrota, ora vendo-se sem guia

em lugares despovoados, e servindo-se dos instrumentos nauticos para dirigirem o rumo, como se estiveram em pleno oceano. Já o mez de maio era entrado, e se não chegavam a Lourenço Marques antes do fim de junho, novos trabalhos se lhe apparelhavam, pois era esse o tempo de largar d'aquella bahia para Moçambique o navio do resgate annual, e se alli o não encontrassem, teriam de esperar um anno, que viesse outro navio, ou atravessar a bahia e caminhar até Sofala! Agora começou a apertar o frio com os nossos, e viram grandes e altas serras cobertas de neve; alguns escravos morreram por falta de abrigo, e com elles ficou tambem o cadaver de Alvaro da Ponte. Houve impacientes que se amotinaram, reprovando a jornada pelo sertão, e clamando em altas vozes que queriam seguir a direcção do mar, ao que accedeu o capitão-mór, ouvindo o piloto e o mestre. Ao cabo de quatorze dias de deserto, acharam o mais fertil valle da Cafraria, a que puzeram nome da *Misericordia,* e onde se demoraram dous dias a descançar, ficando ahi por sua livre vontade quatro escravos; e mais adiante toparam com tão fresca ribeira, que lhe deram o nome das *Flôres formosas*. Se em uma parte encontravam pretos mansos, que trocavam o seu gado pelo cobre e pregos que os da nau levavam, em outras tinham de fazer uso das espingardas, de cujos tiros haviam grande terror os negros bravios e ladrões. Dormir na terra humida, passar rios com agua pelo pescoço, soffrer o ardor do sol durante o dia, e ás vezes

a fome, eis as continuas diversões d'este punhado de homens, perdido nos sertões de Africa!

A côr branca dos nossos muita admiração causava n'aquelles povos. Em uma aldêa, tendo-se contado do naufragio, por via d'um intreprete, clamaram os negros: «Estes homens são filhos do sol, e o vão buscar». E muito os obsequiaram. Logo adiante lhes quizeram roubar o gado outros pretos, e foi mister castigal-os ás lançadas. Em um lugar de cafres pobres, ficou Alvaro Gonçalves, velho de setenta annos, que vinha muito doente; e seu filho, o contra-mestre do navio, queria ficar com elle, mas não lh'o consentiram; dous grumetes, já moribundos, ficaram em outra aldêa, e assim mais alguns brancos e escravos. Muitos dos reis d'aquelle sertão sahiam ao caminho a comprimentar Nuno Velho, que reputavam seu collega na realeza, e serviços valiosos lhe prestaram, a troco d'alguns objectos salvos da nau.

Fôra assás fatigante seguir passo a passo esta longa jornada dos naufragos do *Penedo das Fontes*, acompanhal-os em todas as occasiões de desespero, e nos momentos de fagueira esperança; subir com elles ingremes montanhas, e descer a profundos valles, vadeando ribeiros apressados; alternando o frio e o calor, segundo as localidades e as horas; soffrendo a fome e a sêde... Não: galgaremos um grande lapso de tempo, e folgaremos com os nossos aventureiros, vendo, no dia 23 de junho, a foz do rio de Santa Luzia, que já haviam passado longe da

bocca. Foi ahi que, quarenta annos antes, se afogou Fernão Alvares Cabral, capitão da nau *S. Bento,* que havia naufragado no Cabo da Boa-Esperança. Perto o enterraram os seus, ao pé d'um outeiro.

Na manhã seguinte descobriram d'um alto povoações de differente aspecto que as precedentes, e acharam-se em terra de amigos; tiveram logo novas de que o navio do resgate ainda não partira, e viram emfim o mar... Estavam na paragem dos *Medãos d'ouro*. Os negros d'ahi já conheciam os portuguezes, que iam á compra do marfim, por isso não faltaram aos naufragos nem guias nem mantimentos; continuaram o seu caminho vadeando o rio da *Abundancia* (nome que lhe puzeram os perdidos da nau *S. Thomé*) e logo adiante os veio comprimentar da parte do *Inhaca* um cafre que fallava portuguez, por ter alli ficado do naufragio do galeão *S. João,* o qual certificou que ainda estava no rio a embarcação do resgate, dando grande alegria aos pobres aventureiros, que a não ser isso teriam de caminhar a pé mais dous mezes até Sofala. D'ahi a pouco viram dous marinheiros do navio, e por elles mandou o capitão-mór cartas para o respectivo capitão.

Estavam emfim na bahia de Lourenço Marques, que foi testemunha do desbarate e morte de dous heroes, Manoel de Sousa de Sepulveda e D. Paulo de Lima, mas que vai ser a salvação de Nuno Velho e dos mais que restavam do naufragio da nau *Santo Alberto*. Como porém o piloto do navio do resgate, que se chamava *Nossa Senhora da Salvação,* não

julgava ainda o tempo opportuno para ir na volta de Moçambique, vinte e oito dos portuguezes, que tanto haviam soffrido, resolveram ir por terra para Sofala, levando por capitão Balthazar Pereira, de alcunha o *Reynol das forças,* o que effectuaram ; mas tantas desordens fizeram no caminho, que só dous chegaram ao seu destino, sendo todos os outros mortos pelos cafres.

Vindo a monção partiu o navio salvador a 22 de julho, mas tal foi a tormenta que lhe deu na altura do Cabo das Correntes, que os nossos aventureiros se tiveram por mais perdidos do que na nau *Santo Alberto.* Alijaram muitos mantimentos ao mar ; porém a bonança voltou no fim de dous dias, e a 6 d'agosto chegaram a Moçambique, desembarcando em procissão com os frades dominicos, para irem a Nossa Senhora do Baluarte dar graças de se acharem salvos.

No seguinte capitulo contaremos o desastrado fim de quasi toda esta gente, que acabava de salvar-se á custa de tanta fadiga e privações: é a outro author que devemos a conclusão da sua historia.

III

Incendio da nau Chagas

Conjuntamente com a nau *Santo Alberto,* cujo naufragio contamos, partiram da India, no anno de 1593, outras duas naus, *Nossa Senhora da Nazareth,* e *Chagas,* nenhuma das quaes chegou ao reino. A *Nazareth* vinha tão carregada, que logo abriu agua com o primeiro temporal que apanhou, e arribando com grande custo a Moçambique, ahi foi condemnada. A *Chagas,* uma das maiores naus da carreira da India, que n'aquelle tempo havia, encontrou tanto mar no Cabo da Boa Esperança, que depois de alijar muita parte da rica carga que transportava para Lisboa, viu-se obrigada a virar para Moçambique, aonde invernou. O seu capitão-mór, Francisco de Mello, encontrando n'aquella insalubre ilha os naufragos da *Santo Alberto,* e a tripola-

ção da *Nazareth,* recolheu-os a bordo, e, exceptuando aquelles que preferiram regressar a Gôa, toda a gente das tres naus reunida, em numero de quatrocentas pessoas (cento e trinta portuguezes e duzentos e setenta escravos), velejou para o reino, já em principio do anno de 1594.

Vinham a bordo da nau *Chagas* algumas senhoras, entre as quaes D. Isabel Pereira e D. Luiza de Mello, já nossas conhecidas do naufragio do *Penedo das Fontes;* D. Francisca da Fonseca, mulher de D. Tristão de Menezes, capitão de Gôa; e sua filha D. Luiza de Menezes, que era (segundo a opinião de Melchior Estacio do Amaral, a quem seguimos n'esta narração) uma formosa donzella. Tambem entre os passageiros encontrámos o nosso heroe, Nuno Velho Pereira, o capitão da nau *Santo Alberto* (Julião de Faria), e Diogo Nunes Gramacho, conhecidos dos leitores; e outros homens notaveis, taes como D. Duarte de Eça, que foi capitão de Gôa; Antonio de Povoas, capitão de Diu; Braz Corrêa, capitão da nau *Nazareth;* e D. Rodrigo de Cordova, castelhano.

A nau começou logo no porto a fazer agua, porque a fazenda salva da outra nau, a *Nazareth,* lhe augmentava demasiadamente a carga; e logo que sobreveio o primeiro temporal teve de alijar ao mar muita d'ella, e até os mantimentos que trazia em cima, e que mais tarde bastante falta lhe fizeram. Contra esta estupida ambição de sobrecarregar os navios clamam debalde todos os escriptores do tempo: era mal irremediavel aquelle! Emfim a nau *Chagas*

dobrou o Cabo das Tormentas, e tocou em Loanda para se refazer de mantimentos e aguada, porém de tal fórma, foi atacada a tripolação pelas febres de Africa, que metade da gente morreu nos muitos dias que se demoraram com calmaria pela costa de Guiné, e a outra metade de tal maneira ficou quebrada que mal podia ter-se de pé, ainda quando avistaram os Açores.

O regimento d'el-rei dado ao capitão-mór da armada, ordenava-lhe que demandasse a ilha do Corvo, onde ercontraria uma frota portugueza; porém já na India constava que os inglezes haviam tomado a nau *Madre de Deus*, e obrigado a queimar outra, a *Santa Cruz*, n'aquellas paragens; por isso foram de voto os mais experimentados, que se prescindisse de avistar o Corvo, e se aproasse a Lisboa; porém a soldadesca que vinha a bordo, de combinação com a maruja, amotinaram-se, gritando que não havia mantimentos para se procurar directamente a costa de Portugal, isto (diz o chronista) porque suspiravam pelas aguas frescas e pelas fructas das ilhas! Em tal conjunctura o capitão formou conselho, e resolveu-se procurar a ilha do Corvo, o que combinava assim com os votos dos amotinados, como com o regimento d'el-rei; e de facto eram poucas ás vitualhas que tinham na embarcação.

Francisco de Mello tratou de apparelhar-se para guerrear, no caso de se encontrarem inglezes, e repartiu os diversos postos do navio pelos mais esforçados; assentando todos que antes morreriam do

que se entregariam, em qualquer circumstancia que fosse.

Emfim, no dia 22 de junho de 1594, tendo avistado o Corvo, mas contrariada pelo vento, a nau fez-se na volta do Fayal, e para logo encontrou tres naus, conhecidas immediatamente por inglezas, de trezentas a quatrocentas toneladas cada uma, com grossa artilheria de bronze e muita gente e petrechos de guerra... O momento era chegado; os pobres doentes da nau *Chagas* juraram de novo morrer na agua ou no fogo, mas não se renderem!

Ao meio dia estava travado um sanguinolento combate. As bombardas e mosquetes trabalharam de um e outro lado, sem interrupção, até ao outro dia, á mesma hora, em que os inglezes se desenganaram de que os nossos se não rendiam, e assentaram de abalroar a nau *Chagas* com as suas tres naus ao mesmo tempo.

É tão viva a pintura que d'este choque faz Melchior Estacio, que não queremos privar d'ella os leitores; eis as suas palavras:

« . . . Investindo assim todas tres, se disparou artilheria de parte a parte, com roqueiras, pelouros de cadêa e de picões; houve em todos grande estrago, juntamente com a mosquetaria e munição; das gaveas choviam as panellas e alcanzias de fogo, os dardos e pedras; e pelos bordos ardiam as bombas e lanças de fogo, cahindo de todas as quatro naus feitas um vivo incendio, e rios de sangue, quaes

eram os fortes combatentes, ateimados os inglezes pela presa, e os portuguezes pelos desenganarem d'ella. O mar estava rôxo com o sangue cahido dos embornaes, os convéses juncados de mortos, e o fogo ateado nas naus por algumas partes, o ar tão occupado com fumaças que não só se não enxergavam uns e outros, mas mal se conheciam muitos de tisnados e mascarrados do fogo e polvora ».

D. Rodrigo de Cordova, que defendia a pôpa da nau *Chagas,* foi o primeiro que cahiu com as pernas espedaçadas, mas ainda morrendo animava com palavras de valor os que ficavam. Nuno Velho mostrou-se tão valente no combate, como fóra prudente nos sertões da Cafraria; o nobre cavalleiro acudia aonde o perigo era maior, e por duas ou tres vezes fez recuar os inglezes, que já se achavam a bordo do nosso galeão. Todos os fidalgos e soldados se houveram como guerreiros de primor, e o grito geral a bordo era: « Abrazemo-nos, vamos ao fundo, mas não nos entregaremos! »

Com effeito já os bretões se faziam ao largo para compôr as grossas avarias que soffreram, quando se deu pelo fogo na prôa da nau *Chagas;* pegára n'um cochim de cairo do gurupés, todo alcatroado, e logo se erguêra em chammas, consumindo o traquete e abrazando a gavea, de tal fórma que as enxarcias e poleâme cahindo no convés faziam lavrar o incendio por toda a nau: e os inimigos não deixavam aproximar ninguem da prôa para lhe acudir; as

*

suas bombardas faziam contínuo fogo para aquelle ponto.

Desenganados os nossos de que a nau ardia toda irremissivelmente, começaram de lançar-se ao mar em jangadas feitas á pressa; outros, que não sabiam nadar, arremessavam á agua barris ou paus, com intenção de se segurarem a elles, o que a muitos falhou, morrendo afogados; dos que os alcançaram, muitos pereceram nas pontas das lanças inglezas, que ahi mesmo os perseguiam de dentro dos seus bateis.

D. Luiza de Mello, e sua mãi, que haviam escapado do naufragio da nau *Santo Alberto,* foram apparecer, já cadaveres, nas praias do Fayal, ligadas ambas com um cordão de S. Francisco, como se haviam lançado ao mar; todo o resto da gente da nau morreu a golpes de espada ou de lança, atravessada por pelouros, queimada na embarcação ou afogada nas ondas: só treze pessoas escaparam d'esta tremenda catastrophe! Os inglezes tambem soffreram bastante, como era de suppôr, e mesmo dos seus capitães, dous ficaram feridos e um morto.

Dos treze salvos da nau um foi ainda Nuno Velho! Sem saber nadar, com grande custo se segurou ao gurupés, quando este cahiu na agua, e ajudado por Braz Corrêa, que tambem escapou, foi recebido em uma lancha ingleza. Os outros salvos milagrosamente do fogo e do mar foram o guardião da nau *Nazareth,* um estrinqueiro, um soldado da India, dous calafates, dous marinheiros, e quatro escravos; os

quaes, já de bordo do vaso inimigo, viram sumir-se nas ondas a nau *Chagas,* quando o fogo lhe chegou ao paiol da polvora, tendo ainda a bordo alguma gente! Depois foram desembarcados na ilha das Flôres, seguindo só para Inglaterra, como prisioneiros, Nuno Velho e Braz Corrêa, trophéos vivos do successo, que esperavam resgatar por bom dinheiro.

Ainda os trabalhos de Nuno Velho não estavam concluidos... devia ser de rija tempera aquelle homem! Encontrando-se as tres naus inglezas com um galeão da India, commandado por D. Luiz Coutinho, travou-se nova peleja; e Nuno Velho e Braz Corrêa foram atados e mettidos dentro d'uma lancha para irem junto á nau portugueza dar testemunho da sorte que tivera a *Chagas*. D. Luiz porém não se atemorisou, e tendo partido o mastro a um dos navios contrariòs, furtou de noite o rumo aos outros dous, e veio a salvamento ao Tejo.

Velho e Corrêa estiveram um anno prisioneiros em Inglaterra, mas bem tratados; e a final resgataram-se por tres mil cruzados, voltando á Hespanha, aonde o rei Fillippe lhes fez mercê. Não soubemos mais de Nuno Velho; quanto a Braz Corrêa, tão pouca lembrança lhe ficou do naufragio, combate e incendio soffridos no mar, que logo em 1604 voltou á India, despachado védor da fazenda de Gôa.

IV

Encontro do galeão S. Thiago com tres naus hollandezas, na ilha de Santa Helena

A 25 de dezembro de 1601 partiu de Gôa para o reino o galeão *S. Thiago,* barco muito franzino e de pouco porte, o qual todavia carregou na India quatro mil quintaes de pimenta e muitos fardos, com que vinha empachado até aos chapitéos, e, como costuma dizer-se, mettido debaixo d'agua, de tal fórma que andava pouco, gorvernava mal, e custava a marear; e sobre tudo isto trazia a seu bordo trezentos homens, entre maruja, officiaes, soldados, fidalgos, padres e escravos; e por capitão-mór Antonio de Mello e Castro. Logo á sahida de Gôa se viram obrigados a alijar parte da carga, para tornar o galeão mais boieiro, pois de outra sorte nada seguia; e achando o vento contrario para tomarem Moçambique, como lhe era determinado, seguiram

costa abaixo, e passaram o Cabo da Boa Esperança, a 25 de fevereiro de 1602, com tanta bonança como até áquelle tempo não passára nenhuma outra embarcação. Assim que se viram d'este lado do cabo começaram a aperceber as armas para qualquer encontro de naus inimigas, por saberem que algumas hollandezas se haviam no precedente anno dirigido ao canal de Sunda; e desejando aproar directamente a Lisboa, por terem agua e mantimentos bastantes, não puderam todavia prescindir de soltar o rumo para a ilha de Santa Helena, visto assim o determinar expressamente o regimento do capitão-mór, fundado na razão de que havia corsarios na costa de Portugal, e que esperando o galeão por outros dous, que estavam para velejar da India, poderiam melhor os tres, em conserva, arrostar com o inimigo. Esta ordem da côrte foi a perdição do *S. Thiago!*

A 14 de março avistaram a ilha de Santa Helena, e com vento favoravel demandaram o seu porto; quando porém se aproximavam, enxergaram tres naus hollandezas, que alli estavam ancoradas. O terror dos nossos foi grande, calculando a desigualdade das forças... para que é negal-o? Alguns propunham virar de bordo, e fugir ao inimigo, porém o capitão-mór mostrou-lhes que esse expediente nenhum effeito salutar sortiria, porque as naus, veleiras como deviam ser, e escoteiras, como de certo estavam, com facilidade alcançariam o galeão, e a sua gente crearia novo animo vendo que lhe fugiam. Resolvido pois a affrontar todos os perigos, mandou

governar para onde o regimento mandava; e mal havia surgido no porto, quando viu junto a si uma das naus hollandezas já velejada. Os portuguezes deram o primeiro tiro, e para logo se travou um renhido combate entre estas duas embarcações. O galeão *S. Thiago* tinha apenas dezesete peças d'artilheria (das quaes a maior era uma meia-espera) empachadas na tolda com fardos e caixões, e laborando em estreitas portinholas. As naus hollandezas eram construidas de proposito para a guerra; uma d'ellas tinha trinta e duas peças, e cada uma das outras trinta, divididas em duas baterias, arrojando balas de calibre 24. «Tinha cada nau perto de cem homens (nota o escriptor portuguez, a quem seguimos n'esta narração) que faziam officio de soldados, marinheiros e bombardeiros, como é costume d'aquella nação, com que fazem grande vantagem aos nossos». Depois passa a enumerar as demais vantagens dos hollandezes: as invenções d'armas, e a muita provisão de munições de guerra; a praça d'armas e o convés desembaraçados; as portinholas bem rasgadas, os bons reparos das peças, e apenas dous mil quintaes de pimenta no porão. Comparai isto com o nosso galeão, que trazia ao todo trinta pelouros de picão e cadêa!...

O primeiro que cahiu mortalmente ferido na acção foi um filho do capitão, o joven Francisco de Mello e Castro; muitos marinheiros, soldados e escravos pereceram depois, até que a noite fez cessar o combate, e que a nau hollandeza se foi unir ás

suas companheiras. O galeão, tendo reparado como pôde as avarias, velejou logo ao romper do dia seguinte, por achar mais vantajoso o seu capitão-mór combater em mar largo e sobre vela, e muito provavelmente porque lhe restava alguma esperança de poder escapar a um inimigo tão superior em forças. Porém as tres naus seguiram logo na sua esteira, e duas d'ellas, acercando-se-lhe das alhêtas, começaram de novo a bombardeal-a. Assim passou este segundo dia sendo bastantes os mortos e feridos do galeão, muitos os destroços nas enxarcias, nas vergas e no mastro grande, e abundante a agua que lhe entrava no bojo, proveniente dos muitos rombos ao lume d'agua, de tal fórma que as bombas lhe não davam vencimento. Os hollandezes nada soffreram, porque a nossa artilheria não se podia conteirar para ré, pelos motivos que já apontamos, e querendo dar uma banda sobre o inimigo, tinham de lhe apresentar todo o costado, com o que maior damno receberiam!

Durante a segunda noite mandou o capitão-mór abrir duas portinholas na pôpa do galeão, e trazer para alli duas pequenas peças, visto aquelle lugar estar inteiramente desguarnecido; e entendendo outrosim que o que lhes convinha era vir ás mãos com o inimigo, mandou largar uma bandeira vermelha no tope, para que percebessem que o galeão se não rendia ás bombardas, e que se queriam tomal-o era mister resolverem-se á abordagem. Ao amanhecer viram os hollandezes o signal, e perceberam o intento dos nossos, porém continuaram com o seu systema

de guerra, um pouco mais de largo, porque as péc-inhas da pôpa do galeão já os incommodava. A presa era certa! A olhos vistos se afundava a pobre nau portugueza; e ainda os hollandezes não sabiam o reboliço que lá ia a bordo! A marinhagem e os soldados com um frade, de cruz alçada, á sua frente, intimava da parte de Deus ao capitão-mór que se rendesse; e este, ajudado por alguns fidalgos, resistia corajosamente a toda a proposta de paz! A pimenta sahida d'um paiol que se arrombou, entupia de tal maneira as bombas, que para mais nada serviam; e os rombos augmentavam, e as velas e os mastros estavam crivados de balas... que esperança de salvação podia haver?

O maior numero venceu emfim. Atropellando o capitão, foram á pôpa substituir a bandeira vermelha por outra branca, e para logo cessou o fogo do inimigo; vindo em seguida o almirante hollandez a bordo do galeão, com muita gente, tomar refens. Este almirante (a quem Melchior Estacio chama Cornelius Sebastianus) tratou muito bem a Antonio de Mello, e o conduziu comsigo para a nau capitania, bem como a seu filho, ainda mal ferido, e outros. Apesar do trabalho que, amigos e inimigos, tiveram para vedar a agua do galeão, nada conseguiram; e logo que anoiteceu os hollandezes se retiraram aos seus navios, deixando os nossos sós, a trabalhar toda a noite para salvarem as vidas que tanto estimavam.

No seguinte dia voltaram os hollandezes a bordo

do galeão; mas desacoraçoados de poder tomar a agua que n'elle entrava, e vendo cerrar-se a tarde, lançaram-se aos seus escaleres, e trataram de fugir á morte que julgavam propinqua alli; então os portuguezes, desanimando, pediam com lagrimas que os salvassem, e alguns se arrojaram ao mar, procurando aferrar as lanchas... porém foram mortos a sangue frio pelos inimigos! excepto alguns que lhes mostraram pedras preciosas, diz o historiador; mas custa a crer! Antonio de Mello, sempre valente e portuguez, pediu ao almirante que o deixasse ir morrer com aquelles desgraçados, com os homens que lhe haviam desobedecido!... Roma não viu maior grandeza d'alma nos seus tempos de heroicidade! Eram assim aquelles portuguezes, ainda avexados pela oppressão de Castella: sempre grandes, na victoria como na adversidade!

Sobrevindo a noite, os do galeão, em vez de perderem de todo a esperança, cobraram maior animo; lançaram-se aos gamotes a botar agua fóra, alijaram fazendas e artilheria, e rezando sempre uma devota ladainha, chegaram a vêr surgir a nova aurora! Maravilhados ficaram os hollandezes quando enxergaram o galeão ainda sobre as aguas, e acudindo de novo ao trabalho conseguiram desentupir as bombas, tapar varios rombos, e a final arranjar-lhe algum pano á prôa, com o que pôde acompanhar as naus até á ilha de Fernando de Noronha.

N'estas asperas penedias lançaram, depois de bem revistados e basculhados, os portuguezes; causa riso

lêr na relação d'este naufragio, a que nos reportámos, até onde os inimigos levavam a curiosidade de procurar perolas ou outros objectos pequenos e valiosos! Não lhe faremos ccho. Na ilha só havia um portuguez com 12 ou 13 escravos, que nenhum agasalho deu aos seus desvalidos compatriotas, e os hollandezes pouco mantimento lhe deixaram, e esse mau: novos trabalhos começavam para os pobres salvados do galeão *S. Thiago*.

Depois de gastarem alguns dias em apparelhar-se para a viagem, partiram as naus e o galeão na volta de Hollanda, levando á força alguns marinheiros nossos; e achando-se os que ficavam na ilha desassombrados d'aquelles maus visinhos, trataram de arranjar um batel o melhor que puderam, no qual se embarcou Antonio de Mello, D. Pedro Manoel, o piloto João Ramos, o mestre Simão Peres (que tambem antes queria morrer do que render-se, na occasião do tumulto) e alguns marinheiros, e largaram-se em busca da costa do Brazil e de embarcação que viesse terminar aquelle desterro de tanta gênte. Novo exemplo aqui se deu do espirito de ôrdem, que notamos em outro capitulo: os que ficaram na ilha trataram primeiro que tudo de escolher capitão que os commandasse, e a eleição recahiu em Francisco de Mello, posto que ainda estivesse muito doente; logo porém no dia seguinte, largou tão pouco invejavel cargo, porque arribou o batel com agua aberta. Concertado de novo, como foi possivel, tornou a partir, poucos dias depois, este mensageiro de desditas, dei-

xando porém na ilha o capitão-mór, que estava gravemente enfermo; e ao cabo de dous dias avistou a costa do Brazil, e tomou o porto da Parahiba, d'onde D. Pedro Manoel avisou para Pernambuco ao governador Diogo Botelho, que logo mandou duas caravelas a buscar os desterrados. Ainda assim passaram trabalhos no mar antes de surgir no Rio Grande do Norte; e na volta para Portugal alguns foram prisioneiros dos inglezes; n'este numero entrou D. Pedro Manoel. O capitão foi ter a Galliza, onde lhe notificaram que não entrasse na côrte, sem permissão d'el-rei, porque se lhe instaurára um processo, do qual todavia sahiu immaculado, e com grandes elogios; e tendo-se já começado a proceder contra os revoltados do galeão, cessaram os castigos, por considerar el-rei, ou alguem por elle, que os pobres homens não eram a mais obrigados em vista do estado da embarcação, e que haviam cumprido o seu dever. Os dous galeões, que o *S. Thiago* ia esperar a Santa Helena, chegaram alli pouco depois da sua partida, e encontraram na ermida da ilha um quadro representando a peleja do primeiro dia, com seu letreiro em hollandez; comprehenderam pois o successo, confirmado por alguns despojos que encontraram, e trataram d'evitar igual sorte, aproando a Lisboa: estes dous galeões eram o *Salvador* e o *S. João.*

V

Mil e um naufragios

Deixamos esboçados alguns quadros maritimos, em pequeno numero para fugir de repetições; não era para os limites d'este livro desenvolver o vastissimo painel dos naufragios, combates e incendios dos nossos galeões da India, e os trabalhos dos valentes navegadores do Cabo das Tormentas, não só por mar, nos insalubres sertões da Africa, sempre combatendo, e soffrendo a fome e a sêde. Agora vamos concluir estes apontamentos com algumas palavras ácerca de outros notaveis naufragios e desgraças succedidas a varias naus da India; o leitor, que mais larga noticia quizer d'este assumpto, póde procural-a na *Historia tragico-maritima,* e outros opusculos soltos de diversos authores, taes como Diogo de Couto, Manoel Godinho, Lavanha, Amaral,

Mesquita, Mascarenhas, Manoel Barradas e Henrique Dias.

O descobridor do Cabo da Boa Esperança foi logo a primeira victima das furias do Adamastor, porém d'essa perda não temos particularidades; muitas outras desgraças succederam ás naus portuguezas logo no começo da descoberta e conquista, porém o naufragio mais afamado d'esses primeiros tempos foi o do galeão *S. João* na costa do Natal, pela circumstancia de perecer ahi o grande Sepulveda, e sua esposa a formosa D. Leonor, com seus filhos, e tanta outra gente da India; mereceu elle ser cantado por Camões e Côrte-Real, e commemorado em prosa por differentes escriptores, tanto nacionaes como estrangeiros; nada acrescentaremos pois ao muito que sobre o objecto ha para lêr. Logo em 1554 se perdeu na bocca do rio do Infante proximo ao cabo da Boa Esperança, a nau *S. Bento,* uma das mais possantes que até áquella época passára á India, cujo capitão, Fernão Alvares Cabral, morreu vadeando a ribeira de Santa Luzia, e foi enterrado perto, como contamos na relação do naufragio do galeão *Santo Alberto;* e dos navios que sahiram na mesma monção de Cochim só um chegou ao reino; porque a nau *Barrileira,* depois de arribar a Moçambique, emprehendeu no seguinte anno a viagem, e nunca mais se soube d'ella; a nau *S. Thiago* perdeu-se já na travessia dos Açores para Lisboa; e a nau *Serveira* arribou á India. Em 1555 succedeu o desastre, que já referimos, da nau *Conceição* nos bai-

xos de Pero dos Banhos; e o piloto, que dera o nome a esse parcel, foi morrer desastradamente afogado em outro naufragio! Em 1559 foi perder-se a nau *Framenga* em S. Thomé, destroçada pelos temporaes que apanhára no Cabo; e a nau *Graça* afundou-se na altura do cabo das Correntes, salvando-se a gente em outra nau, a *Aguia,* a que tambem chamavam a *Patifa,* e que conduzia ao reino o grande governador da India Francisco Barreto. Esta nau, já bastante velha, por duas vezes arremetteu com as furias do Adamastor, e de ambas teve que fugir, com agua aberta, para Moçambique, aonde ficou sepultada. No mesmo anno se perdeu tambem na costa Oriental da Africa, vindo da India, a nau *Santa Maria da Barca,* de que era capitão-mór D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, filho do arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes. O navio foi-se ao fundo com a agua que abriu, e os poucos que se salvaram no batel andaram largos dias peregrinando por aquella costa, até que encontraram dous navios portuguezes, no porto de Avo, aos quaes se acolheram.

A nau *S. Paulo,* indo de Lisboa para a India em 1561, foi perder-se na ponta da ilha de Sumatra; e mal se podem calcular os soffrimentos passados pela sua tripolação e passageiros n'aquelle paiz inhospitaleiro; a fome, o frio, as traições dos naturaes da terra, que os assoberbaram; foi um martyrio de muitos dias e com bastantes victimas, entre os quaes deve contar-se uma formosa senhora casada, D. Francisca d'Azevedo, que ficou captiva

entre os negros, tendo visto morrer seu marido por defendel-a.

Em 1582 perdeu-se no parcel de Sofala o galeão *S. Luiz,* que ia para a India. Em 1585 a nau *S. Lourenço,* em Moçambique, quando regressava ao reino; e no mesmo anno o galeão *S. Thiago* encalhou e desfez-se no baixo da Judia, indo de Lisboa, e tendo já dobrado o Cabo das Tormentas; pouca gente se salvou em uma jangada, e cincoenta e sete homens no batel, que foi ter a Rios de Sena. Do numero dos salvados era o nosso celebre chronista Diogo de Couto, que logo quatro annos depois (1589) naufragou outra vez, em companhia de D. Paulo de Lima (que morreu entre os cafres), tendo escapado na terra dos Fumos da nau *S. Thomé,* que ahi se perdeu. Elle mesmo escreveu a circumstanciada relação d'este tristissimo successo. Antes d'este perdera-se em Ormuz o galeão *Salvador,* no anno de 1587; e no mesmo anno de 1589 desappareceu a nau *Santo Antonio* que ia de Lisboa para a India; dizem que ardeu no mar. Em 1590 sumiu-se o galeão *S. Lucas,* d'esta carreira, sem que nunca mais d'elle houvesse novas. A nau *S. Francisco dos Anjos,* construida na India, perdeu-se em Moçambique, quando vinha para o reino, no anno de 1591; sorte que tiveram quasi todos os galeões construidos em Goa para as viagens de Portugal. Em 1593, ao mesmo tempo que se perdia a *Santo Alberto* no Penedo das Fontes, ia a pique a nau *S. Christovam* no canal de Moçambique, e naufragava a *Nazareth.*

A nau *Madre de Deus,* voltando ao reino, perdeu-se nos baixos das Desertas, aonde toda a sua gente foi morta pelos arabes, com excepção de dezeseis pessoas (1595). A *Nossa Senhora do Rosario,* vindo tambem da India, abriu agua e foi varar em Moçambique (1596). A *Nossa Senhora da Encarnação* ardeu em Cochim, aonde estava prompta e carregada para conduzir a Portugal o vice-rei Mathias d'Albuquerque; e n'este desastre morreram alguns homens (1597). No mesmo anno deu á costa na ilha de S. Miguel, indo arribada para Lisboa, a nau *S. Francisco,* por se livrar de cento e quarenta velas d'uma armada ingleza; e a nau *Nossa Senhora do Castello* perdeu-se perto de Moçambique, aonde o capitão e poucos mais chegaram a salvamento. Em 1600 desappareceu o galeão *S. Filippe,* indo de Lisboa para a India, sem que se saiba como e onde se perdeu. Em 1601 naufragou em Socotorá o galeão *Santo Antonio,* salvando-se pouca gente; n'este numero entreu o capitão Manoel Paes da Veiga, sua mulher e uma cunhada. Muito navegavam as nossas portuguezas d'este tempo! não ha naufragio em que não appareçam mulheres, e a darmos inteiro credito aos chronistas, muitas d'ellas formosas e gentis.

Em 1621, mesmo sobre a barra de Lisboa, investiram dezesete naus turcas com a nau *Conceição,* que vinha da India, e depois de largo combate a queimaram, levando captiva para Argel a pouca gente que escapou do destroço. Em 1622 perdeu-se

*

no Cabo da Boa Esperança a nau *S. João Baptista,* como tantas outras, e a sua gente, como tanta outra, marchou a pé pelo sertão até Sofala! Em 1635 succedeu o mesmo á nau *Nossa Senhora de Belém,* de cujo naufragio o proprio capitão, Joseph de Cabreyra nos deixou uma extensa relação; e em 1647 vararam em differentes pontos da costa, proximo do cabo, as duas naus *Sacramento* e *Nossa Senhora da Atalaya,* que haviam sahido juntas de Gôa para Portugal, e que a tempestade desgarrára por differentes rumos, indo encontrar-se os que escaparam de cada um dos navios, com grande pasmo, em meio dos sertões da Cafraria!

Quantos naufragios, que innumeras desgraças de portuguezes não tem presenciado o Cabo da Boa Esperança!...

> Pelos nossos desastres és famoso,
> Maldito Adamastor! Maldita fama!

Este anno de 1647 foi terrivel para os navegadores da India. Em Gôa perderam-se, estando surtos, um patacho e uma caravella, que iam seguir para a China, com a grande riqueza que tinham a bordo; sete navios de soccorro, carregados para Ceylão; e doze embarcações da armada do Canará, sem de nenhuma d'ellas se salvar cousa alguma. Tambem se perdeu o galeão *Santo Milagre,* d'onde apenas se salvaram quarenta pessoas; e a nau *Pata,* que vinha do reino, deu á costa nos rios de Cuama,

salvando-se a gente para um patacho de Moçambique, que naufragou em seguida, morrendo todos. Que fatalidade!...

Em 1649 se perdeu ainda o galeão *S. Lourenço* nos baixos de Moxincale, e logo abaixo das ilhas de Angoche o galeão *Nossa Senhora do Bom Successo do Povo,* que juntos haviam largado do Tejo. D'este morreram trezentas pessoas no naufragio, d'aquelle poucas. Os que escaparam foram encontrar-se em Moçambique, e ahi se finaram bastantes com as febres do paiz; de tal fórma que d'ambos os barcos só chegaram a Gôa duzentas pessoas, tendo sahido de Lisboa com mil e trezentas! D'esta vez castigou-se a negligencia dos officiaes; alguns foram presos; o piloto do galeão *S. Lourenço* condemnado em dez annos para as galés de Portugal, e o mestre do mesmo galeão, Domingos Henriques, foi enforcado no Mandovi. Já antes havia sido enforcado tambem o contra-mestre do galeão *Santo Milagre,* que se perdeu nas Maldivas; e creio que nenhum outro d'estes exemplos ainda houve.

Outros muitos naufragios succedidos n'esta carreira da India deixo de mencionar, e os innumeros das armadas do Brazil e de Angola, de Malaca, China e Japão, e das Molucas; e tantas naus roubadas e queimadas por inglezes, francezes, belgas e argelinos, com o que se faria a mais lastimosa das historias. Hoje temos pouca navegação para o Oriente, e por isso são raros os desastres que succedem ás nossas embarcações n'aquellas partes; assim mesmo

ainda em nossos dias soubemos como ardeu em Macau uma fragata, que fôra com carga á India. Essa esteira, por onde tantos annos só passaram quilhas portuguezas, vê hoje com assombro tremular no tópe d'algum navio desgarrado as quinas de Portugal. O que nos resta é conservar a memoria das façanhas de nossos avós, imitando aquelles nautas dos circulos polares, que antes de se deixarem envolver pelo gelo, lançam a historia das suas descobertas, cuidadosamente lacrada, ás ondas do mar, confiando que alguem a encontrará, e que se perecerem n'aquellas frias regiões, a posteridade saberá até onde ao menos chegou a sua audacia.

VIAGENS AOS PÓLOS

I.

Partida. — O Douro. Cidade do Porto. — O mar do norte. O Sunda e Copenhague. O Baltico e Stockolmo. — Aproximação do polo arctico. — Passagem do noroeste. — Entrada no oceano Pacifico.

Antes de investirmos com os gelos do polo é mister repousar em terra amiga, e prover de novas vitualhas a despensa do *Protheu*. Não iremos a nenhum dos portos de França ou de Inglaterra, porque esses lugares são demasiadamente conhecidos do leitor, pelas repetidas relações de innumeros viajantes: porém, entranhando-nos no mar do Norte, agora livre de borrascas, por haver passado a estação invernosa, demandemos a peninsula de Jutland, a antiga Chersoneso cimbrica, e dobrando a sua aguda ponta septentrional, o cabo de Skagen, entremos no Cattegat, que banha as costas da Suecia e da Dinamarca. D'estes lugares, hoje pacificos, e que contemplam de braços cruzados, e armas em descanço,

a passagem das esquadras do Occidente, que vão levar a guerra aos seus visinhos, sahiram outr'ora aquelles terriveis normandos, que impuzeram o seu nome a uma provincia de França, assolaram Paris, conquistaram a Grã-Bretanha, infestaram as costas de Hespanha e de Italia, descobriram a Islandia e a Groenlandia, e reconheceram, provavelmente, o norte do continente americano.

O Cattegat communica com o mar Baltico por tres estreitas passagens, das quaes a mais frequentada é a de Sunda, entre a costa da Suecia e a ilha dinamarqueza de Seeland; por essa entraremos, e pagando no porto de Elseneur o direito a que, por consenso unanime de todas as nações, são obrigados os navios mercantes que se dirigem ao Baltico, visitemos na mesma ilha de Seeland a formosa cidade de Copenhague, que é ao mesmo tempo a capital, a melhor praça de guerra, e o principal arsenal da Dinamarca.

Situada sobre um optimo porto, bem defendida por extensas linhas de fortificação, e uma vasta cidadella, a cidade de Copenhague attrahe as sympathias do viajante. Ruas excellentes, palacios soberbos, igrejas, uma antiga universidade, bibliothecas, theatros, fabricas e estaleiros de construcção; e em meio da grandeza dos edificios uma população de 120:000 almas, que se agita: eis a perspectiva da capital de Dinamarca. E comtudo o seu poder maritimo cahiu no principio d'este seculo. A esquadra dinamarqueza pagou a alliança do seu rei com o imperador Napo-

leão contra a Grã-Bretanha. A principal fonte de receita do paiz é o imposto de que fallamos, que pagam os navios na passagem do Sunda, e do grande e pequeno Belt; o que ascende a mais d'um milhão de cruzados annualmente, visto que não se póde entrar no Baltico sem passar pelas aguas da Dinamarca. Parece que a Providencia quiz livrar a Europa de ser surprehendida pelo gigante do norte, estreitando-lhe a sahida maritima pelas duas extremidades do colossal imperio: aqui, tem o rei de Dinamarca, guardando as passagens do Baltico para o mar do Norte; além confiou as chaves do mar Negro ao sultão da Turquia, que no estreito do Bosphoro, com um pé na Europa e outro na Asia, vigia a passagem para o Mediterraneo.

O Baltico, depois de banhar o Jutland, o Holstein, e as ilhas de Dinamarca; os dous ducados de Meklemburgo, que confinam com o Holstein; a Prussia oriental e a Pomerania; a grande ilha de Gothland e costa da Suecia, encontra a peninsula de Finlandia e divide-se em dous braços de mar: um que se entranha para o norte até quasi ao circulo polar, com o nome de golfo de Bothnia; outro que corre direito a léste, com a denominação de golfo de Finlandia, no fundo do qual está S. Petersburgo, tendo por sentinella avançada a formidavel Cronstadt. No Baltico não ha marés.

A esquadra alliada, que bloqueia os portos da Russia, não permitte que nos aproximemos a esses lugares, indigitados para theatro de grandes façanhas;

encostando-nos pois á costa da Suecia, tanto quanto o permitte a aspera cinta de ilhotes e restingas, defeza natural do paiz em caso de guerra: e passando o estreito de Calmar, que separa a cidade d'este nome da ilha de OEland, vogamos para Stockolmo, através d'um labyrintho inextricavel de ilhas de todos os tamanhos, com o soccorro d'um piloto da costa, sem o que ser-nos-hia impossivel sahir d'este archipelago de doze leguas, cortado de innumeros canaes, que se torcem em complicadissimas voltas.

A capital da Suecia foi edificada sobre differentes ilhas, unidas por solidas pontes, á semelhança de Veneza. O seu porto, cuja entrada defendem temerosos rochedos, é todavia bastante amplo e seguro. A formosura da cidade propriamente dita briga com a miseria dos arrabaldes. Alli vêem-se templos sumptuosos, palacios, um arsenal consideravel, fabricas, escólas, e outros ricos estabelecimentos; aqui toscas cabanas, disseminadas por entre duros penhascos, e apenas algum breve jardim a esmaltar a paizagem. Comtudo a Suecia, depois mesmo de haver perdido a Finlandia, que cahiu em poder do autocrata, ainda fórma com a Norwega um reino muito mais importante do que a Dinamarca, e que só lhe é inferior na aspereza do clima.

Todavia, este paiz, que soffre seis mezes de inverno, quatro dos quaes coberto de permanente neve; cujos rios gelam todos os annos, e com elles o mar que a vista alcança até ao distante horisonte; que supporta, n'essa estação, intenso frio, em dias

apenas de seis horas; quasi que não conhece agora a noite, porque no estio o crepusculo da tarde acaba quando o da madrugada está para começar. O verão apparece de repente, sem que a primavera o preceda, e um sol abrazador faz desabrochar instantaneamente uma vegetação luxuriante. Vêde como as paizagens do norte se tornam então magnificas. Contemplai esses campos e prados d'um verde desconhecido no meio-dia da Europa, e os castellos pittorescos que se erguem á beira-mar sobre rochas de granito côr de rosa, de porphyro vermelho ou claro, cercados de grandes arvores resinosas, de pinheiros gigantescos, e de pyramidaes abétos. As ilhas, que precedem a costa, parecem ramalhetes perdidos sobre as ondas. Na região glacial, como nos tropicos, os aspectos da natureza são inteiramente novos para o homem dos climas temperados. É preciso vêr as diversas zonas para apreciar essas differenças.

É tempo, porém, de deixar o Baltico, volver pelo Sunda ao Cattegat e ao oceano, e aproar ao norte, em demanda da ponta meridional da Groenlandia, que nos ha-de servir de baliza para a navegação polar. Começam a apparecer em grande numero as phocas e baleias, principaes habitantes d'estes mares, que arrojam a agua a grande altura em espumosos repuchos; eis a primeira avalanche que se aproxima, como vedeta das neves do arctico; lá está a terra que procuramos, pobrissima de vegetação, e coroada de eternos gelos. Marcando o cabo da Desolação, demos a pôpa á Groenlandia, e entestando com o cabo Wal-

singham, da terra de Cumberland, vamos sulcando o temeroso estreito de Davis.

Aqui se encurva a bahia Merchant; além surge o cabo Roper; estas aguas já são do mar de Baffin.

Coragem, amigo leitor! Vamos investir com o estreito de Lencaster; passaremos o canal de Barrow; costearemos as ilhas de Parry, umas solidas e fixas outras quebradiças e errantes; e buscaremos emfim a passagem que Beckey, Dease, Simpson e Mac-Clure julgaram ter descoberto em differentes explorações.

Entretanto reconheçamos esta melancolica região, a Boothia Felix, onde invernou o capitão Ross, e que apesar da alta latitude em que jaz, tem habitantes da raça humana. Observa, leitor, um d'esses esquimós cobertos de grande japona com capuz, formada de duplas pelles; calçado de botas felpudas, e cujos calções de gamo acabam de lhe dar a apparencia d'uma fera. Apesar d'isso, o selvagem que tendes diante dos olhos é manso, e pensa mais em adornar-se de pelles de phoca e de arminho, ou em fabricar collares de ossos dos animaes que apanha, do que em fazer-vos o menor damno.

O maior inimigo do homem n'estas paragens, cá vem aproximando-se á beira d'esta ilha de gelo, que nos fica no caminho: é o urso branco!... Como a sua carne nos parecerá saborosa n'este deserto, se o pudermos matar! Fogo contra o monstro do polo... eil-o prostrado; e os echos da solidão repetem de montanha em montanha o estampido do tiro.

Não avançaremos mais para o arctico, em busca

do continente, que o capitão Brag assegura ter enxergado além dos 87 graus de latitude; mas, inclinando para oeste, entranhemo-nos n'esse estreito canal, que une o Atlantico com o Pacifico, d'entre cujos gelos retrocedeu ainda ha pouco o intrepido Mac-Clure depois de se haver julgado perdido sem remedio. Confiados no auxilio divino, tentemos, os primeiros, a grande empresa, reputada até hoje como superior ao esforço humano.

Não te assustes, leitor complacente, que nos tens seguido em tão difficil senda, sem experimentar o menor revés, não te assustes com a vista d'essas formidaveis ilhas de gelo, que vagueiam em torno de nós: a Providencia ha-de livrar-nos do seu contacto, que nos esmagaria de certo; nem tremas vendo resvalar, sobre essas superficies crystallinas, enormes madeiros, que, inflammados pela violencia da fricção, erguem fugazes chammas no meio de perpetua neve. Deixa que estalem com sinistro ruido essas massas de gelo, rotas talvez pela força d'um extraordinario calor: mais facil nos será a derrota por entre os fragmentos d'uma grande ilha, do que tendo de rodeal-a em toda a sua extensão. Entre as imagens da morte que nos cercam, surgem ás vezes maravilhosos artefactos da natureza. Olha essa prodigiosa avalanche, brocada pelas aguas em todo o seu comprimento, apresentando o aspecto d'um *tunnel* ou galeria subterranea, forrada interiormente de lapis-lazuli, e figurando no exterior a portada d'uma cathedral gothica, fabricada do mais puro alabastro. Vê mais

longe essa torre de esmeralda, inclinada como a de Pisa, mais fulgente que as de Nankin, cujos arabescos parecem recortados por mãos das fadas. Aqui, um ilhote vermelho, semelhante a um grande banco de coral; alli, outra mole gigantesca, que parece marmore negro, como se fôra o sarcophago do genio guardador do polo, morto de despeito pela audacia dos navegadores modernos. O gelo polar toma todas as côres do arco iris, imita todo os caprichos da architectura: não apresenta, como geralmente se suppõe, uma perspectiva monotona de serras de crystal.

O caminho torna-se cada vez mais estreito; os obstaculos amontoam-se n'esta passagem, encontrada ha alguns annos, mas ainda não transposta até hoje. Comprimida pela avalanche, a agua murmura e esbraveja nos apertados canaes por onde póde escoar-se. Um raio de sol tibio vem da orla do horisonte, correndo sobre a superficie polida do gelo, mas sem força para aquecer esta região onde reina o frio da morte!...

De joelhos, leitor. Descubramos a fronte, que por aqui devem ter ficado as ossadas de mais d'um navegador, cuja sorte nos é desconhecida. Oremos pelo eterno repouso dos nossos compatriotas Gaspar e Miguel Côrte Real; de John Franklin e seus companheiros, que morreram de fome e de frio, depois de chegarem aos ultimos excessos do canibalismo, segundo as noticias que d'elles alcançou John Arat; e de tantos outros, cujos baixeis ficaram entalados entre os gelos, ou naufragaram n'estas tenebrosas plagas,

e que serviram de pasto á voracidade dos ursos e dos rangiferos, se é que os seus cadaveres se não conservam sob a neve, isentos de putrefacção.

Voguemos com toda a força da machina de vapor, com todas as vélas largas, antes que a longa estação invernosa comece, e que tenhamos de passar muitos mezes sobre a costa septentrional da América russa. Enfiemos por entre esses dous continentes que oscillam, em quanto se não reunem em um só, pois nos esmagariam n'essa fatal aproximação.

Parabens! parabens, companheiros de viagem! Lá se divisa terra da Asia. É a inhospitaleira costa da Siberia. Abracemo-nos, que somos os primeiros a passar pelo norte da America d'um para outro oceano.... E, Deus louvado, sem perigo e sem fadiga!

Se não fôra o inverno que começa a entrincheirar-se em inexpugnaveis baluartes de gelo, executariamos ainda outra façanha, mostrariamos ao mundo a passagem do nordeste, buscada em vão por Cabot, como acabamos de lhe franquear a do noroeste! Costeando a Siberia do oriente para o occidente, regressariamos á Europa pelo cabo Norte; e seriamos tambem os primeiros a percorrer este caminho, se é fabulosa, como geralmente se suppõe, a viagem do hespanhol Lourenço Ferrer Maldonado, que disse ter passado do Atlantico para o Pacifico, pelo norte do continente europeu, em 1588.

O mez d'agosto toca o seu termo. É mister procurar um clima mais temperado, e fugir das avalanches que nos rodeiam, mais altas do que os mastros

do navio. Derivemos para o sul. A corrente que nos afasta do pólo, talvez porque já alli se accumulam grandes massas de gelo, ajuda o *Protheu* na sua derrota para o estreito de Behring.

Eis o cabo Oriental, descoberto por Cook; estamos entre os dous mundos, onde elles mais se aproximam. Diante de nós estende-se a cadêa das ilhas Aleotinas, que descrevem um arco de circulo desde a Asia até á America em altura de 50 a 55 graus de latitude norte. O gelo desappareceu. Costeemos a peninsula de Kamtchactka e o archipelago das Korillas; e apesar dos estorvos que possa oppôr-nos um governo desconfiado, visitaremos o celebrado imperio do Japão.

II

O Japão. — A China. — As Filippinas. — Manilla. — Bornéo. — Os piratas malaios. — Corta-se a linha no estreito de Macassar. — Celebes. — As Molucas. — Timor. — Nova Guiné. — Nova Hollanda. — O grande oceano Equatorial. — A ilha de Taiti.

Se a ilha de Cypango, que Marco Polo visitou em 1269, é uma das que constituem o imperio do Japão, segue-se que foi aquelle nobre veneziano o primeiro viajante da Europa que aportou ao referido imperio; aliás cabe aos portuguezes a gloria d'este descobrimento, em 1542, posto que ahi fossem arrojados por um temporal, e não em busca de novas terras, com designio determinado, como succedeu com a navegação da India, de Malaca e da China. É certo, porém, que os portos do Japão estiveram exclusivamente abertos ao nosso commercio por longo tempo, e que foram portuguezes os primeiros missionarios que introduziram a religião christã n'es-

*

te longinquo paiz, muitos dos quaes obtiveram o martyrio, quando os japonezes quebraram comnosco todo o genero de relações.

Das ilhas que compõem este famoso estado a principal é a denominada Niphon. Uma cinta de rochedos, sobre os quaes se quebra com furia o mar, quasi sempre tempestuoso n'estas paragens, bloqueia a maior parte do paiz, torna muito difficil a sua aproximação, e como que separa o Japão do resto do mundo. A natureza prodigalisou cegamente os seus thesouros a estes remotos lugares, d'uma riqueza fabulosa, mas em compensação expôl-os a continuos tremores de terra. Encontram-se aqui, ao lado de abundantes minas de metaes preciosos, as crateras de vulcões em perpetua ebullição, como, na ordem moral, se acham entre o povo japonez as maiores virtudes a par dos mais feios vicios. Os homens são baixos, morenos, reforçados, e, em geral, repugnantes; tanto elles como as mulheres usam de opas de sêda ou algodão, tanto mais compridas quanto maior é a categoria de quem as veste. Os templos dos seus idolos são quasi todos sumptuosos, e collocados nas mais formosas eminencias; porém as casas particulares, que não teem janellas para a rua, são de pessima apparencia, e mesmo no interior não teem genero algum de *confort*. O estado tem dous chefes supremos, um politico, outro religioso, além de muitos principaes secundarios, magistrados, nobres e sacerdotes. O frio do inverno é excessivo no Japão, e da mesma sorte experimenta

um calor intenso no estio. Chove e troveja quasi todos os dias n'este archipelago. A cidade de Yedo é a sua capital.

Fernão Mendes Pinto e S. Francisco Xavier foram dos primeiros portuguezes que devassaram o Japão. Seguiu-se depois a expulsão dos jesuitas, e de todo os europeus, á excepção dos hollandezes, que para terem feitoria em um dos portos do imperio, se sujeitaram ás mais aviltantes condições. Chegou a tal ponto a barbaridade d'estes insulanos, que até os naufragos estrangeiros tem sido por elles cruelmente assassinados; porém uma nova era desponta para este povo, porque as esquadras da Russia, dos Estados-Unidos, da França e da Gran-Bretanha, mostrando além de todas as razões de humanidade, a *suprema ratio* da sua artilheria, teem entabolado negociações com o governo japonez para que os seus portos se abram ao livre commercio de todas as nações.

Não aconselho, porém, ao leitor que se demore muitas horas em terra, visto que os protocollos ainda não estão assignados. Compre alguns d'esses ricos objectos de porcelana, que a não encontra mais fina n'outra parte do mundo, assim como não achará algures tão brilhante matiz de charão. E larguemos da bahia de Nangasacki, soltando o rumo para a China.

Mau será se o tufão nos apanha n'estes mares! Sabeis o que é o tufão? É a prova da maior ira de Deus!... Porém a estação vai adiantada, para havermos de temer a sua furia.

Eis-nos em frente da ponta meridional da peninsula de Corêa; para o norte engolfa-se o mar Amarello; para o sul estende-se o mar da China, propriamente dito. Escolhei qual dos portos d'este vasto imperio pretendeis visitar (isto é, d'entre os que estão abertos ao commercio europeu, ou em poder de estrangeiros), pois que em qualquer d'elles vos serão patentes o caracter, costumes, religião e extravagantes especialidades d'este povo singular. O mysterioso véo que desfigurava o imperio do Cathay, começou a adelgaçar-se roçando pelos saquiteis de ouro dos commerciantes portuguezes, e foi despedaçado junto aos muros de Nankin pela metralha da Gran-Bretanha. A revolução politica e religiosa que hoje lavra na China, é talvez o principio da transformação d'esse povo, que, mais tarde ou mais cedo, tem de se assemelhar com as outras nações civilisadas do mundo. O governo despotico de tantos seculos, tem tornado o caracter dos chins servil e traiçoeiro; sempre com o sorriso nos labios, os vassallos do celestial imperador enganam o europeu em todo o genero de relações, e se poderem cravar-lhe-hão um taifó pelas costas. O castigo das bastonadas, do qual nem os primeiros mandarins estão isentos, abastardou completamente esta raça de homens, aliás intelligentes e activos. Desconhecendo a santidade do Evangelho, e adulterando as sabias doutrinas de Confucio, os grandes tornaram-se idolatras, e apenas conservam o uso d'alguns preceitos moraes do famoso mestre; os pequenos fizeram-se pagãos

da seita de Boudha, a quem elles chamam Fo, e seguem os erros d'essa religião indiana. A habilidade dos chinezes não ha ninguem que a desconheça; são igualmente diligentes na cultura das terras; e entre as obras publicas de que tem decorado o paiz, devem mencionar-se os magnificos canaes e pontes, que tanto facilitam o commercio interno, e os soberbos pagodes onde se adora o *Tien* por intervenção de diversos idolos. Quanto aos palacios encantados de Pekin e á celebrada muralha da Tartaria, deixo aos herdeiros de Marco Polo, de Fernão Mendes, de Gutzlaf e de outros não menos veridicos narradores, o cuidado de vos descreverem as suas maravilhas.

Aonde queres desembarcar, amigo leitor? Em Shanghai encontras um aggregado de palacios constituindo o bairro europeu, obra do commercio inglez; porém a revolta tem progredido por esse lado do imperio, e ainda não ha muito tempo que os marinheiros francezes, indo em auxilio dos tartaros, foram batidos pelos insurgentes. Será prudente, pois, o evitarmos este porto. Em Amoy, Fuchaw ou Ningpó não vale a pena de ancorar, porque são povoações muito mais insignificantes do que Shanghai. Se queres vêr a bandeira portugueza fluctuando n'estas regiões, aproemos a Macau; se pretendes achar em pequena ilha, ha pouco deserta, uma miniatura de Londres, volvamos para Hong-Kong... Ah! preferes visitar Cantão? Pois bem. Passemos o estreito de Fou-Kian, que divide a ilha Formosa do continente chinez, e inclinando para o sudoeste encon-

traremos a bocca do rio Tigre. Tapa os ouvidos para não ensurdeceres no meio d'esta gritaria que resoa de milhares de barcos; extasia-te ante esse movimento, como não viste igual em nenhum outro ponto do globo.

Tens lido muito a respeito da China, querido leitor, não é verdade? Pois então avalia por ti mesmo as bondades e defeitos da civilisação chineza, e darás razão a quem a tiver. Entretanto tomaremos chá preto, compraremos alguns preciosos artefactos de porcelana, de marfim, de madre-perola, de filigrana de prata e d'ouro, que em parte alguma se fabricam melhor; prover-nos-hemos de peças de sêda e de nankin, e de outras seductoras curiosidades do celestial imperio. Toma conta em não fumar opio, que é vicio difficil de desarraigar.

Quando quizeres deixaremos a China. O vasto oceano Pacifico, com seus mil archipelagos, por tantos seculos occultos aos europeus, nos está convidando a vêr novas maravilhas, inteiramente desconhecidas da maior parte dos homens. Ao frio polar, que soffremos ainda ha pouco, succederá uma deliciosa temperatura, porque a aragem do mar refresca o clima de fogo que se estende d'um a outro tropico.

Demandemos as ilhas Filippinas, principio d'essa longa successão de archipelagos que matizam o grande oceano Equatorial até ao opposto continente da America. Tomaremos o necessario combustivel para a machina, e fumaremos excellentes charutos de Ma-

nilla. Largue-se a ancora junto á ilha de Luçon, e visite-se a capital d'esta importante colonia, conquistada para a corôa de Hespanha por Miguel Lopes em 1571. A sua principal população compõe-se de indios, sujeitos ao leão de Castella, e as casas em que habitam são quasi todas de madeira, por causa dos frequentes tremores de terra que agitam este sólo. Os arredores de Manilla são deliciosos, e a estrada que conduz d'esta capital a Cavite, segunda cidade das Filippinas, apresenta as mais romanticas perspectivas que é possivel imaginar. Todas as familias hespanholas que ahi se acham estabelecidas, tem carruagem sua, porque os cavallos são d'uma barateza sem igual. Manilla é talvez a cidade mais bem situada de todo o globo, diz La Peyrouse. Corta-a pelo meio um rio navegavel, que vem desaguar em uma extensa bahia. Os comestiveis e o tabaco encontram-se aqui pelo mais infimo preço. A terra não se recusa a genero algum de cultura. O seu clima é quente e humido, mas não insalubre. A união entre raças disparatadas faz que nos rostos dos habitantes se não encontre uma côr definida, uma feição caracteristica. A par de innumeras ruinas que se enxergam a cada passo admiram-se magnificos conventos e igrejas ricamente adornadas, como as fabricavam por toda a parte os senhores do Mexico e do Perú. Manilla é séde d'um arcebispado e d'uma universidade. Ninguem póde visitar esta ilha sem lhe ficar affeiçoado. A população das Filippinas, segundo os mais modernos calculos, sobe a seis milhões de almas.

Reconheçamos de passagem a ilha de Bornéo, uma das maiores da Oceania, cujos ferozes habitantes mal consentem aos europeus passar além do litoral. O seu clima ardente é temperado por chuvas periodicas e pelo reparador vento do mar, mas ainda assim o paiz é doentio, por causa dos muito pantanos que contém. Diz-se que o interior da ilha é cortado por uma cadêa de montanhas, ricas em crystaes, diamantes, ouro, cobre e ferro, e que ao sopé d'ella existe um grande lago, d'onde nascem diversos rios. Não tentaremos, porém, examinar de perto a importancia d'esses thesouros, porque além da ferocidade dos indigenas, as florestas e lagôas da ilha são povoadas de serpentes. Se quereis educar um orang-otango para vos servir á mesa, comprai-o aqui, que vol-o darão muito em conta, ainda mesmo que seja quasi do tamanho d'um homem.

N'estes mares é preciso estar álerta contra os piratas malaios. Vêdes aquella canôa, muito comprida e estreita, que voga para nós com a força de cem remos? É uma embarcação de salteadores e assassinos. Afastal-os-hemos mostrando-lhes apenas a nossa artilheria; mas se nos apanhassem descuidados, prolongariam, sem ruido, o seu ligeiro bareo com o costado do *Protheu,* e duzentos homens armados de erises saltariam na tolda como uma aleatêa de trigres, degolando sem piedade toda a tripolação até ao ultimo homem.

Eis-nos cortando o equador no estreito de Macassar. Bornéo já fica longe pela alheta de es-

tibordo; e por bombordo da prôa apparece-nos a ilha de Celebes. Ancoremos na rada de Macassar, á beira da qual se estende a cidade do mesmo nome, capital das possessões hollandezas n'estas paragens. A povoação divide-se em duas partes distinctas: o bairro malaio e o bairro hollandez. Este compõe-se de ruas largas, bem alinhadas, e cortadas em angulos rectos; a principal é um verdadeiro bazar, onde se encontra uma immensa variedade de industrias.

A ilha de Celebes compõe-se de quatro peninsulas, ligadas por pequenos isthmos, e separadas por tres profundas bahias. Alguns ribeiros a cortam em differentes direcções, por entre montanhas de phantastica apparencia, e banhando os pés de arvores singulares. No meio de formosas paizagens, vê-se crescer n'este sólo abençoado a mais variada collecção de saborosos fructos, e flôres de embriagantes aromas. A camphora, o sandalo, a pimenta, a teca, o cedro, a noz moscada, o cravo da India, dão ainda maior riqueza a Celebes do que as suas minas de ouro, ferro e cobre, do que os preciosos crystaes que coroam as suas montanhas. Concluiremos, quanto a esta ilha, citando as palavras de Rienzi: «O faisão dourado, o ádem, o ganso, as rolas, as gallinhas e pombos (diz o elegante escriptor) encontram-se aqui em grande abundancia, e por preço modico, bem como o peixe de mar e o d'agua dôce. As chuvas frequentes e o ardor do sol equatorial dão a toda a vegetação uma tal fecundidade, uma graça,

uma verdura, um vigor desconhecidos em nossos tristes climas; os animaes multiplicam-se rapidamente, os passaros encantam os ouvidos, os insectos deslumbram a vista, e os peixes descrevem circulos de ouro, de rubis, de saphira e de opala sobre a esmeralda das aguas».

Não examinaremos detidamente o archipelago das Molucas, antigo theatro da gloria portugueza, e rico manancial de lucrativo commercio, que herdaram de nós os hollandezes. Contemplemos de longe essas duas ilhas, famosas nos fastos da nossa historia:

> Assombroso Tidor, Ternate ardente,
> Que embalsamando estão o céo fervente.

E inclinando para o austro, tocaremos em Timor, unico padrão de gloria que conservamos na quinta parte do mundo. A capital do nosso estabelecimento é Dilly, na costa do norte: insignificante povoação, que cahe em ruinas. Os hollandezes possuem ao sul a cidade de Cupão, florescente como todas as colonias d'este povo commercial. O paiz é montanhoso, e posto que cortado por varios rios, escasso de agua potavel; o seu clima é humido e doentio. Devemos evitar o orvalho e o ardor do sol. O aspecto da ilha não denuncia a sua insalubridade: muita vegetação, excellente pau de sandalo, especiarias, a arvore do pão, que ahi se encontra a cada passo, e com dimensões gigantescas, a mandioca, o café, o betel, que se masca em toda a India e China como tabaco,

os ninhos de passaros, que exporta para o celestial imperio, minas de cobre em abundancia, taes são as riquezas de Timor, quasi inteiramente desaproveitadas pelos portuguezes de hoje. A maior parte dos habitantes d'este extenso paiz são negros e mestiços, porém à principal cultura está confiada a colonos chins, sob a direcção dos poucos europeus aqui estabelecidos.

Passando pelo estreito de Torres, entre a Nova Guiné e a Nova Hollanda, digamos algumas palavras ácerca d'estes dous paizes, antes de nos enredarmos no labyrintho de archipelagos, que se estende ao sul do equador por toda a largura do Grande oceano.

A ilha que os hespanhoes denominaram Nova Guiné, em vista da côr negra dos seus habitantes, é povoada por uma raça particular de homens, a que chamamos *papuas*. N'isso se distingue ella das outras ilhas da Oceania, com as quaes partilha a fertilidade do sólo. A Australia, porém, ou Nova Hollanda, impressionou vivamente os seus primeiros visitadores, porque tudo que ahi observaram lhes pareceu differente do que haviam encontrado nas outras partes do mundo. A natureza caprichou em desprezar n'esta grande ilha, a maior do globo, ou antes, n'este terceiro continente, as regras que a si mesmo se impoz no resto do orbe. Vêem-se alli cerejas com o caroço para fóra; um animal monstruoso, direito como uma estaca, mas com cabeça de coelho; outro do tamanho d'um gato, com olhos e pelle de toupeira, porém com cabeça e pés de pato; uma espe-

cie de papagaio com pernas de gaivota; o celebre kangurú, cuja pequena cabeça está em desproporção com o corpo e com a extensão da cauda; um quadrumano semelhante a uma lebre, mas com a particularidade de poder voar! Até os cães da Nova Hollanda differem dos nossos em não ladrarem. Nos seus rios e enseadas encontram-se cysnes pretos, tartarugas verdes, e rans azues; crocodilos, tubarões e outros peixes vorazes, entre os quaes um que salta em terra, ajudado por formidaveis barbatanas.

A botanica tem sido consideravelmente enriquecida pelas numerosas plantas descobertas na Australia, e todavia os europeus pouco tem explorado o sertão d'este mundo novissimo. Nas suas costas, visitadas successivamente pelos mais celebres navegadores modernos, erguem-se hoje sumptuosas cidades ao lado de riquissimas minas, que rivalisam com as da California. Milhares de aventureiros correm todos os annos a augmentar a população dos estabelecimentos inglezes da Nova Galles do Sul (costa oriental da Australia), e as linhas de vapores tem posto este longinquo paiz em communicação immediata com a Europa. Sidney, a capital da colonia britannica, que talvez brevemente seja a séde d'um governo independente dos estados unidos da Oceania, é uma cidade rica e populosa, cujo engrandecimento tem sido rapido e assombroso n'estes ultimos tempos.

Os indigenas d'esta região são da raça dos negros, preguiçosos, desconfiados e immundos; usam de ossos passados pelas cartilagens do nariz, e es-

fregam o corpo com azeite de peixe, o que produz um cheiro repugnantissimo para os europeus. Quando um d'estes selvagens tem escolhido a mulher que lhe convém para esposa, espera-a no campo, derriba-a ás pauladas, e leva-a para casa... Que singular maneira de patentear o amor!...

Sahindo do mar de Coral, e deixando pela pôpa o archipelago de La Peyrouse, onde se perdeu o intrepido circumnavegador francez, e o archipelago dos Navegadores, descoberto por Bougainville, aproêmos ás ilhas da Sociedade ou de Taiti, e d'entre ellas busquemos, para repousar alguns dias, e tomar refrescos, a formosa insula *Sagittaria* de Queiroz, a *Nova Cythera* de Bougainville, a *Taiti* das rainhas Pomarés.

Quem, tendo lido as enthusiasticas narrações dos primeiros exploradores de Taiti, não arderá em desejos de visitar este eden, que a chamada civilisação tem diligenciado transformar n'um inferno!?... Olha, amigo leitor, como se elevam em amphitheatro essas engraçadas montanhas, cobertas de frondoso arvoredo, que não deixa perceber a arida nudez dos rochedos; admira esse magestoso pico, cujo cimo isolado se corôa de vegetação, e que parece de longe uma pyramide gigantesca, ornada de grinaldas verdejantes pela mão de habil armador; contempla as planicies entrecortadas de prados e risonhas selvas; e toda a beira-mar plantada de bananeiras, coqueiros, e outras arvores carregadas de fructo, sombreando as graciosas cabanas dos insulares; vê essa sober-

ba cascata, que se precipita escumando do alto de erguido monte; pasma da abundante variedade de productos naturaes, que se te apresenta aos olhos em toda a extensão da ilha, e confessa que nem se podem sonhar taes maravilhas nas pobres campinas da Europa!

Das pirogas que nos cercam erguem-se os braços de muitos homens robustos e airosos, offerecendo-nos côcos, bananas, e outros fructos e viandas do paiz; e acompanham-nos formosas mulheres, que, segundo a opinião de Bougainville, não cedem na graça do rosto ao maior numero das europêas, e excedem a todas ellas na belleza do corpo. Seus olhos, accrescenta Cook, são cheios de expressão, ou scintillantes de fogo, ou maviosamente dôces; seus dentes, quasi sem excepção, muito iguaes e alvissimos; e o seu halito perfeitamente puro.

Todos os fructos de que se alimentam os taitianos, são producções espontaneas da natureza, ou dependem apenas d'uma singela cultura; de fórma que se póde reputar este povo isento do anathema geral que impõe ao homem «comer o pão com o suor do rosto». Affaveis e civis os encontraram os primeiros navegadores que descobriram as suas praias, posto que o estado primitivo da natureza em que viviam lhes não fizesse suspeitar a idéa do que fosse indecencia, e que todos os seus desejos e paixões se satisfizessem em publico, sem o menor escrupulo. Esta felicidade descreve poeticamente Deslandes nos seguintes versos:

Sous ce ciel éthéré, sur ces jeunes rivages,
Les maisons sont sans murs, les toits sont des feuillages;
L'air avec ses parfums rend le sommeil plus doux;
Les frères et les sœurs, et l'épouse et l'époux,
Sur un sol que jamais n'ont foulé les reptiles,
Ont des jours enchanteurs et des nuits plus tranquilles;
Ont des fêtes, des jeux, ont la paix et l'amour,
Et tous les vrais plaisirs enchantent leur séjour.

Não se encontram em Taití animaes venenosos, nem os impertinentes insectos que infestam os paizes tropicaes. O clima é muito saudavel; e apesar de situada na zona torrida, esta ilha não soffre calores excessivos. Differentes dos povos selvagens, os taitianos não encarregam as mulheres do trabalho da cultura; o bello sexo vive na ociosidade, e só trata de agradar aos homens. Antes que os inglezes transportassem a Taití a semente do *spleen,* o prazer era a principal occupação d'estes insulares, costumados ao repouso e á paz.

O christianismo tem abalado o uso da polygamia, outr'ora geral na ilha, onde o amor era a paixão predominante, e conseguiu extinguir a barbara usança dos sacrficios humanos. Mas em troca quantos males levaram os europeus áquelle paraiso terrestre, á flôr da Oceania?... Basta a syphilis que elles ahi introduziram, para marcar a sua passagem como calamitosa para aquelle povo, além de muitas perdas moraes em seus innocentes costumes!

Os taitianos são valentes e sinceros, sem reserva, e incapazes d'uma perfidia; nada inclinados á

vingança, nem á crueldade. De estatura um pouco acima do commum dos europeus, os seus movimentos revelam ligeireza e vigor, as suas maneiras são agradaveis e nobres. Foi-lhes fatal o contacto dos povos civilisados: primeiro com as missões inglezas, depois com o protectorado da França.

Imaginaste nunca que, entre os milhares de ilhas que esmaltam o vasto oceano Equatorial, se encontraria este Elyseo? No meio de tão risonhas collinas tereis saudades do aspecto severo das nossas montanhas?... Só se a idéa da patria, a lembrança d'um objecto querido que lá vos ficou, tiver força para velar tantas bellezas, cerrando-vos os olhos corporaes.

O pavilhão francez fluctua hoje sobre os estados da rainha Pomaré, mas a Nova Cithera ainda é um eden como appareceu a Queiroz, a Bougainville, a Wallis, a La Peyrouse, a Cook! Esta rival da ilha de Calipso, ou antes esta realisação do sonho mythologico, não abdicou o seu justo titulo de rainha do Pacifico!... Examinai miudamente todos os encantos que encerra, e achareis que vale mais do que a pitoresca Italia, a romantica Andaluzia, e o fabuloso Oriente!

Custa-vos por certo ter de deixar este paraiso? Porém a nossa viagem não termina aqui. É mister seguir em busca de outros paizes; teremos ainda muito que ver e que admirar, antes de volver a Lisboa.

Lisboa! Quanto mais longe de ti nos achamos,

mais querida és para nós! O prisma, através do qual se enxerga a patria, aviva tanto mais as côres dos campos da nossa infancia, quanto mais nos alongamos d'elles! É que foi ahi que vimos o primeiro alvorecer do dia; foi ahi que as mais santas affeições nos embalaram; foi ahi que apertamos os dous laços do amor e da familia!... Lisboa, minha terra natal, quantas vezes tenho desejado fugir para sempre do teu seio; e quantas mais vezes, distante das tuas ribas, tenho suspirado por te vêr, desdenhando outra qualquer ventura!... Ainda que desamorada sempre és mãi; e um filho não renega sua mãi!...

*

III

Archipelagos do mar Pacifico. — A colonia de Pitcairn. — Estatuas colossaes da ilha de Pascoa. — A ilha de João Fernandes e o seu Robinson. — Cabo de Horn. — O pólo antarctico.

Novas ilhas nos apparecem successivamente n'esta facha intertropical, dando idéa de que houve outr'ora aqui um grande continente. De muitas d'estas ilhas é perigosa a aproximação, porque as cingem temerosos bancos de coral; algumas carecem de portos abrigados, e outras, finalmente, não foram ainda exploradas de espaço, e Deus sabe que mysterios em si occultam. Obliquando sempre para o sul, em demanda da ponta meridional da America, vamos dar vista da ilha de Pitcairn, descoberta por Carteret em 1767, e habitada hoje por uma singular colonia.

A equipagem d'um navio inglez, que navegava de Taiti para as Antilhas em 1789, revoltou-se contra o capitão e piloto, no alto mar, metteu-os em uma

lancha, abandonando-os ao furor das ondas, e desappareceu com o navio. Perseguidos por ordem do governo, alguns dos amotinados vieram a soffrer a pena de morte em Inglaterra, outros voltaram ao archipelago da Sociedade, onde foram mortos, e nove, finalmente, que restavam da tripolação, tendo roubado algumas mulheres d'aquelle archipelago, partiram em busca d'uma ilha deshabitada em que pudessem estabelecer-se. Passaram vinte annos sem que se ouvisse fallar de taes homens. Ao cabo, porém, d'este tempo, um navio inglez que se aproximou casualmente da ilha de Pitcairn, foi visitado por homens que fallavam o idioma do seu paiz: eram os filhos dos marinheiros revoltados e das mulheres taitianas, robustos moços de seis pés d'altura, e de bella presença. Tinham optimas plantações de coqueiros, bananeiras e inhame, e possuiam muitos porcos, cabras e aves domesticas. Um velho marinheiro tinha servido de magistrado e sacerdote, cumulativamente, em a nova colonia, onde se rezavam piedosas preces antes e depois da comida. Logo que esta noticia chegou a Inglaterra, tratou-se de enviar aos colonos os precisos utensilios de lavoura, e livros religiosos e instructivos; porém são poucos os navios que visitam a ilha, por causa dos recifes que a cercam.

Seguindo proximamente o mesmo rumo, vamos encontrar a ilha de Pascoa, tambem pouco frequentada, por identica razão, e pela escassez d'agua potavel e de lenha, que ainda a torna inferior a Pit-

cairn. Os seus habitantes vem a nado trocar comnosco batatas, cana d'assucar e bananas, por pedaços de ferro e outras bagatellas, que elles tem em subido preço. O rosto d'estes insulares é côr de cobre muito claro, mas pintam-no de branco e vermelho, e apresentam orelhas disformes, atravessando-as com rôlos de folhas d'arvores. O mais curioso, porém, que ha a vêr n'esta ilha, e que surprehendeu muito os seus descobridores, é a serie de estatuas colossaes, de grosseira esculptura, que ahi se encontram, quando em nenhuma outra ilha da Oceania se deparam taes monumentos. Cook e La Peyrouse fallam muito d'estas estatuas.

Já perto da costa occidental da America, avistamos a ilha de João Fernandes, descoberta por um portuguez d'este nome, em fins do seculo XVI, segundo é fama, e celebre pela residencia de Alexandre Selkirk, marinheiro escocez, que ahi viveu solitario durante alguns annos, e cujas aventuras deram origem ao bem conhecido livro de *Robinson Crusoé*. Eis como se conta esta tocante historia:

Selkirk era mestre a bordo do navio inglez *Cinco-portos*, com cujo capitão andava em desintelligencia, quando passaram á vista da ilha de João Fernandes, em 1705. Farto já de aturar *master* Stradling, o escocez proferiu ficar só n'aquelle rochedo, e pediu que o lançassem em terra. Nenhuma proposta podia ser mais bem recebida pelo capitão; immediatamente fez arrear o bote, para o qual desceu o pobre Alexandre; deu-lhe uma espingarda, polvora, ba-

las, tabaco, uma enxada, uma Biblia, e outros objectos; disse-lhe adeus, e mandou vogar a embarcação para a ilha. Quando elle voltou a bordo, deixando Selkirk na praia, o *Cinco-portos* mareou convenientemente, e seguiu sua viagem. D'ahi a pouco perdeu-se, morrendo o capitão e quasi toda a equipagem. Entretanto o marinheiro solitario caçava para se sustentar, e construia para si uma singela habitação de troncos e folhas d'arvores, o sufficiente n'aquelle excellènte clima. Habituado á monotonia de seu novo viver, Selkirk considerava-se quasi feliz, procurando na Biblia as passagens mais consoladoras, quando aportaram á ilha dous navios hespanhoes. Estes porém, estavam em guerra com os inglezes, e o nosso Robinson tratou de evitar o encontro dos seus hospedes, o que todavia lhe foi impossivel. Os hespanhoes fizeram-lhe fogo, mas elle fugiu para um bosque, escondendo-se entre as folhas d'uma arvore, até que as embarcações desaferraram do porto. Emfim, no anno de 1709, dous navios inglezes, commandados por Woodes Roggers, e tendo por primeiro piloto o celebre navegador Guilherme Dampier, aperceberam o fogo que Selkirk accendia todas as noites para pedir soccorro, e salvaram d'aquella solidão o seu compatriota e camarada.

Deixando a ilha de João Fernandes, o *Protheu* dá vista da Patagonia, costeia o archipelago da Mãi de Deus, para a bocca occidental do estreito de Magalhães, e dobra o cabo de Horn, prôa do Novo-Mundo, como o cabo da Boa-Esperança é prôa do antigo

continente, segundo a feliz expressão de Alexandre Dumas.

E pois que estamos em janeiro, verão no hemispherio austral, vamos investir com os gelos do pólo antarctico, buscando augmentar o catalogo das descobertas nos mares do sul, que immortalisaram os nomes de Queiroz, Tasman, Weddel, Cook, Kerguelen, Smith, Wilkes, Biscoe, D'Urville e Ross. Descobrindo as ilhas da Candelaria e a terra de Sandwich entre 57 e 58 graus de latitude austral, diz o capitão Cook: «A natureza condemnou estes lugares a um frio perpetuo; aqui jámais se sente o calor benefico do sol; e não conheço, em lingua humana, termos que exprimam quanto é horrivel e selvagem o seu aspecto. Se são taes terras que havemos descoberto, o que se poderá esperar das que jazem mais ao sul!?»

Dumont d'Urville, achando além de 63 graus a terra de Luiz Filippe, esteve um mez prisioneiro entre os gelos, e descreveu assim essas medonhas ilhas fluctuantes, que estiveram a ponto de lhe esmagar o navio: «A côr mais vulgar d'estas massas de gelo é o cinzento, em consequencia d'uma nebrina quasi permanente que as reveste; mas se succede levantar-se esta nevoa, e que os raios do sol possam illuminar a scena, apparecem então os maravilhosos effeitos da miragem. Dir-se-hia uma grande cidade, destacando d'entre a geada os palacios, as fortificações e os campanarios que a decoram. Ás vezes mesmo crêr-se-hia ter diante dos olhos uma bo-

nita aldêa, com seus castellos, suas arvores, e suas risonhas selvas, tudo salpicado de neve. O silencio o mais profundo reina em meio d'estas planicies geladas, e só dão idéa da vida alguns passaros girando sem ruido, e as baleias cujo halito surdo e lugubre rompe a intervallos esta penosa monotonia».

Biscoe não encontrou na terra de Enderby nem gente, nem vegetação alguma, isto já para dentro do circulo polar antarctico. Imagine o que veria James Clark Ross na terra Victoria, em muito maior latitude!

Cercados de montanhas de gelo, mais altas do que o tope dos nossos mastros, vamos demandando o cabo da Descoberta, na terra Adelia, que appareceu a d'Urville em 1840. Bandos de aves aquaticas vôam em roda de nós, e grande numero de phocas agitam as aguas que o *Protheu* vai sulcando. Cada uma d'essas ilhas de crystal apresenta uma configuração particular: do alto d'esta despenha-se um ribeiro, que tomba em espumosa cascata sobre o mar; aquella eleva-se aprumada para o céo, como um obelisco; est'outra agita-se sobre as vagas como abalada por um vulcão. Que espetaculo brilhante o d'uma aurora austral n'estas paragens! O céo rasgando-se em fitas de fogo multicôres, dá um colorido phantastico áquellas regiões semi-mortas, e cruza o terror com a alegria no coração do observador.

Navegando sempre para o sul, novas barreiras de neve, não já ilhas soltas, mas grandes massas agglomeradas, se atravessam diante de nós. Como,

porém, se enxerga um estreito canal entre dous altos paredões de gelo, tentaremos por ahi passar além da terra Adelia, e mesmo, se fôr possivel, além dos ultimos marcos austraes plantados até hoje pelos homens.

O aspecto das visinhanças do pólo antarctico é mais horrivel do que o do seu antipoda: aqui é o verdadeiro imperio da morte. Tudo é mudo em volte de nós!

Eis-nos em 80 graus de latitude; e o caminho das aguas está inteiramente cortado por altas montanhas. Posto que não enxerguemos mais do que gelo, a configuração d'estas serras induz a crêr que formam uma verdadeira terra, talvez o continente antarctico, tão procurado ha tres seculos, e que mais d'um navegador já suppoz ter achado. Como é provavel que elle exista, para contrapesar as terras do arctico, daremos a este novo paiz, suppondo que não é de gelo, a denominação de *Terra do Protheu,* em honra do nosso excellente navio; chamaremos bahia da *Imaginação* a essa parte que mais recolhe para o sul, baptisando igualmente com os nomes de cabo do *Sonho* e morro da *Idealidade* as duas pontas que fecham esta angra. Todo o resto das enseadas, cabos, picos e ilhotes que estão á vista, ficam á disposição das amaveis leitoras e benevolos leitores para lhes darem os nomes que forem mais do seu grado.

E agora, deixando pela popa estes sinistros lugares, dirijamo-nos a visitar os nossos antipodas, d'onde proseguiremos a torna-viagem para a Europa.

IV

Nova Zelandia. Os antípodas. — Mar da India. A ilha de França. — Paulo e Virginia. — Cabo da Boa-Esperança. — Santa Helena. — Ascensão. A caixa da posta. — Passagem do Equador. — O pico de Teneriffe. — Terra!

Eis-nos á vista da Nova Zelandia. N'este momento, complacente leitor companheiro de viagem, estás com os pés virados para os pés dos teus amigos de Portugal, e com a cabeça em opposição com as d'elles. Se entendes, como eu, que tudo no nosso paiz anda ás avessas desde muito tempo, consola-te agora, porque estás ás direitas a respeito d'elle. Aqui começa o inverno no mez de maio, a primavera em setembro, o verão em novembro, e o outono em março. Quando lá é noite temos aqui a luz do sol a alumiar-nos; estamos em trevas quando lá brilha o dia. Todo o volume da terra nos separa da patria.

Não nos demoraremos n'estas paragens, porque,

segundo a opinião do intelligente Dumont d'Urville, em nenhuma outra parte do mundo os ventos reinam com tanta furia, como sobre as costas da Nova Zelandia; mas nem por isso deixaremos de contemplar as physionomias de alguns dos nossos antipodas.

Aproximemo-nos da peninsula de Banks, que já vogam para nós algumas canôas, guarnecidas de naturaes do paiz. São homens vigorosos e bem feitos, mas que parecem mais trigueiros do que na realidade são, por se untarem com azeite de peixe e ocre. As mulheres, mais baixas comparativamente do que os homens, passariam, em geral, por bonitas entre as europêas. Os primeiros viajantes que fallaram d'este povo, pintam-no com côres carregadas, e é fóra de duvida que todo elle tem um singular appetite pela carne humana; porém encontra-se no seu gremio a probidade, a generosidade e outras virtudes, a par de implacaveis idéas de vingança contra os seus inimigos. Vêde como riem os novos zelandezes que estão diante de nós, arremedando os gestos que fazemos; mais longe outros saltam, ao som de grosseiras flautas, e saudam-se reciprocamente esfregando os narizes uns contra os outros.

Passando pelo estreito de Cook, que separa Tavai-Pounamou de Ika-na-Mawi, as duas grandes ilhas que constituem a Nova-Zelandia, e transpondo, alguns dias depois, o canal de Bass que divide a Australia da Terra de Van-Diemen, entremos n'esse fa-

moso mar da India, que banha as mais ricas plagas do Oriente, e toca em tres das cinco partes do mundo.

Tendo avistado os rochedos de S. Paulo e Amsterdam, aproemos ás ilhas Mascarenhas, e d'entre ellas escolhamos para repousar alguns dias a graciosa ilha de França, ou Mauricia, como lhe chamam os inglezes, seus actuaes possuidores. Bernardim de Saint-Pierre tornou para sempre celebre este lugar, com o seu precioso livro de Paulo e Virginia. Elle nos servirá de guia na ilha de França.

Fundeemos em Porto Luiz, e precavendo o navio contra os furacões que devastam esta ilha e a de Bourbon, saltemos sobre as praias d'este afortunado paiz, onde reina uma eterna primavera. As suas altas montanhas estão cobertas de arvores sempre verdes, esmaltadas todo o anno de fructos ou de flôres; seus valles sulcados por numerosos rios mostram abundantes plantações de café, cana d'assucar, tabaco, algodão, noz moscada, cravo da India e anil, que trepam por engraçadas collinas a entestar com vetustas florestas. Sobre o lado oriental da montanha que se ergue por traz do Porto Luiz, se viam outr'ora as cabanas de madame de la Tour e de Margarida; perto da ilha de Ambar, reconhecereis a *passagem do Saint-Geran,* em cujos cachopos se perdeu o navio que trazia da Europa a desgraçada Virginia; mais adiante o *cabo Desgraçado,* que o Saint-Geran não pôde dobrar, na vespera da tempestade que o despedaçou contra os rochedos, quando

tentàva entrar no porto; alli a *bahia do tumulo,* onde se encontrou o cadaver da graciosa menina, pudicamente envolvido em arêa: e perto da igreja de Pamplemousses, pelo lado occidental, podeis ainda adivinhar a sepultura dos dous amantes, que ahi foram enterrados, com intervallo de dous mezes, ao pé d'uma moita de bambú, muito querida de Paulo e de Virginia.

Seja-nos permittido traduzir para aqui as elegantes palavras de Bernardin de Saint-Pierre, que pintam tanto ao vivo o horroroso naufragio, causador do infortunio d'estes dous entes:

«Ás nove horas da manhã, ouviu-se um ruido espantoso para o lado do mar, como se torrentes de agua, despenhando-se das montanhas, fizessem côro com o bramido do raio. Todos clamaram: «Eis o furacão!» E no mesmo instante uma terrivel ventania sacudiu a cerração que encobria a ilha de Ambar e o seu canal. O Saint-Geran appareceu então, com a tolda coberta de gente, com as vergas e mastaréos arreados, bandeira colhida, quatro amarras pela prôa e uma pela pôpa. Estava fundeado entre a ilha de Ambar e a terra, áquem da linha de recifes que cerca a ilha de França, linha que elle transpuzera passando por onde nenhum outro navio ainda havia passado. Aproando ao mar, as ondas erguiam-lhe a prôa até mostrar a quilha, e n'esses momentos desapparecia a pôpa, como se estivesse submergida. N'esta posição, impellido para terra pelo mar e pelo vento, era igualmente impossivel ao navio sahir por

onde tinha entrado ou encalhar na praia, d'onde o separavam temiveis baixios. Cada vaga que vinha quebrar-se sobre a costa, avançava bramindo até ao fundo das enseadas, e arrojava pedras a cincoenta pés de distancia pela terra dentro; depois, recuando, descobria uma grande porção de praia, e arrastava após si com sinistro fragor quantos calhaus alli encontrava. O mar, batido pelo vento, engrossava a cada instante, e todo o canal comprehendido entre esta ilha e a ilha de Ambar não era mais que um vasto lençol de alva escuma, sulcado de vagas negras e profundas. A escuma elevava-se a mais de seis pés d'altura, accumulando-se no fundo das abras, e o vento que lhe varria a superficie lançava-a por cima do declive da praia a meia legua de distancia. Estes innumeros flocos brancos, correndo horisontalmente até ao sopé das montanhas, pareciam neve que sahira do mar. O horisonte mostrava todos os signaes d'uma duradoura tempestade, e confundia o céo com as aguas. Nuvens medonhas atravessavam o zenith com a ligeireza d'um passaro, outras pareciam immoveis como grandes rochedos. Não se via nenhum pedaço azul do firmamento; um clarão pallido e tetrico alumiava unicamente a terra, o mar e o céo.

«Com o arfar do navio succedeu o que se receava. As amarras da prôa rebentaram; e como não tinha mais nada que o segurasse, foi varar sobre os rochedos a sessenta braças da praia. Todos soltaram um grito doloroso. Paulo ia lançar-se ao

mar, quando eu o segurei pelo braço: — Meu filho, lhe disse, queres morrer? — Soccorrel-a ou morrer! exclamou elle. — Como o desespero lhe offuscava a razão, Domingos e eu lhe atamos á cintura uma longa corda cuja extremidade nos ficou na mão. Paulo avançou para o Saint-Geran, ora nadando, ora caminhando, sobre os recifes. Esperava chegar junto d'elle, porque as ondas movendo-se irregularmente deixavam ás vezes o navio quasi em secco, de maneira que se poderia andar em torno do seu costado; mas logo depois, voltando com maior furia, cobriam-n'o de enormes massas de agua, que lhe faziam erguer toda a prôa, e sacudiam para a praia o desgraçado Paulo, com as pernas em sangue, o peito ferido e meio afogado. Porém logo que o mancebo recuperava o uso dos sentidos, tornava com mais ardor para a embarcação, que o mar começava a despedaçar. A equipagem, desesperando de outra salvação, precipitava-se nas aguas, agarrando-se a vergas, a tábuas, a capoeiras, a mesas e a barris. Viu-se então um objecto digno de eterna lastima: uma menina, que, da grinalda da pôpa do Saint-Geran, estendia os braços para aquelle que tanto se esforçava por chegar junto d'ella. Era Virginia. Reconhecêra o amante pela sua intrepidez. A vista d'esta amavel creatura exposta a tão horrivel perigo, encheu-nos de tristeza e de desespero. Virginia, com ar nobre e de plena segurança, agitava as mãos, como a dizer-nos um eterno adeus. Todos os marinheiros se tinham lan-

çado ao mar; só restava um sobre o convés; estava inteiramente nú, e era musculoso como Hercules. Aproximou-se de Virginia com respeito; nós o vimos ajoelhar ante a donzella, e esforçar-se mesmo por lhe arrancar os vestidos; mas ella repellindo-o com dignidade, afastou a vista do marinheiro. Então ouviram-se os gritos repetidos dos espectadores, clamando: — Salvai-a, não a deixeis! — Porém n'esse momento uma serra de mar de espantosa grandeza, rebentou entre a ilha de Ambar e a costa, e avançou rugindo para o navio, a quem ameaçava com seu bojo negro, franjado de escuma. Vendo-a, o marinheiro atirou-se ás vagas; e Virginia, comprehendendo que para ella a morte era inevitavel, segurou com uma das mãos o vestido, pousou a outra sobre o coração, e erguendo seus olhos serenos, parecia um anjo que ia voar para os céos!»

.....

Partamos da ilha de França, e iremos descançar d'aqui a alguns dias na colonia do Cabo.

Eis-alli o gigante Adamastor, immortalisado pelos versos de Camões. Está diante de nós esse tormentoso cabo, a cuja descoberta se acham vinculados os nomes de Pero d'Alemquer, Bartholomeu Dias, João Infante, e Vasco da Gama, e que recorda ao mesmo tempo o triste fim de D. Fransisco d'Almeida e Manoel de Sousa de Sepulveda. Eil-o, o cabo da Boa-Esperança, onde fluctua o pavilhão de Santo André sobre uma formosa cidade ingleza, no meio de ferozes tribus de hottentotes. Um coração portuguez

*

palpita com mais força ao aproximar d'este temeroso promontorio, que tanta gloria e tanta desdita lhe recorda!

Conta Herodoto, que uma esquadra phenicia, equipada por Neco, rei do Egypto, sahiu d'um porto do mar Roxo (cêrca de 604 annos antes da era de Christo) e que dobrando o cabo meridional de Africa, volveu, depois de tres annos de viagem, pelo estreito de Gades á embocadura do Nilo. Se a noticia fosse verdadeira, lá se ia a gloria dos pilotos portuguezes como descobridores do cabo. E Plinio o naturalista ainda pretende que Eudoxio de Sirico executou tambem esta perigosa navegação, seguindo a derrota dos phenicios, isto é, em sentido inverso á viagem de Pero d'Alemquer. Não existe, porém, nenhum documento comprovativo d'estas navegações; e Strabão que, por um lado, attribue essa falta ao ciume dos phenicios e carthaginezes que guardariam a noticia dos seus descobrimentos, não só como um mysterio de commercio, mas como um segredo de estado, duvida elle proprio, por outro lado, de semelhantes viagens, pois que confessa não conhecer a verdadeira configuração da parte meridional da Africa. Polibio, um dos historiadores mais serios da antiguidade, e que escreveu muito depois das fabuladas viagens dos phenicios e de Eudoxio, tambem ignorava se a Africa era cercada de mar pelo sul, ou se se estendia até ao pólo; e Ptolomeu ainda levou mais longe o erro, affirmando que a peninsula africana avançava até ao pólo, e que se ia

alargando n'essa direcção'; porém este mesmo erro do celebre geographo prova que elle não acreditava nas circumnavegaçõcs a que nos referimos. Parece por tanto averiguado que foram os nossos que determinaram a verdadeira configuração da Africa, e quc sulcaram, os primeiros, essa parte do oceano que sc estende para o sul do cabo Tormentorio.

Larguemos ancora diante da cidade, que se recosta n'essa amena collina, entre alcantiladas serranias. Receberemos carvão, compraremos refrescos para o rcsto da vigem, e não hão-dc esquecer algumas caixas de vinho de Constança, que é excellente.

Deixando o porto, e vogando já no oceano Athlantico, que divide a Africa da America, busquemos esse rochedo isolado que o moderno Promethcu fez para sempre celebre. A ilha de Santa Helena é o cume d'uma montanha immensa, de origem vulcanica, sahindo fóra das aguas como um oásis d'este deserto. Apontamol-a tão sómentc ao leitor dispensando qualquer particùlaridade ácerca d'um lugar de nomeada historica.

Mais alguns dias de navegação, e avistaremos a ilha da Ascensão, de feio aspecto e sólo esteril. Antigamente era moda, na volta das Indias, vir refrescar ao seu porto, que é na verdade excellente, c cada navio inscrevia o seu nome, qualquer particularidade que o commandante quizesse fazer saber aos que o seguissem n'este ancoradouro, deixando

o registro fechado dentro d'uma garrafa, como já encontrava os de seus predecessores. Por isso chamavam á ilha da Ascensão a *Caixa da posta*. Dumont d'Urville aperfeiçoou um estabelecimento semelhante no estreito de Magalhães.

Vamos passar a linha pela ultima vez, n'esta viagem, e faremos a festa que é d'uso executar-se quando sahimos da patria, e que cortamos o equinocial em direcção ao sul. É um innocente brinquedo, que, todavia, já tem por muitas vezes acabado em tragedia. Expliquemos em poucas palavras este phenomeno, em quanto se preparam as figuras do auto a bordo do *Protheu*.

A festa da passagem da linha tem por fim arrancar áquelles que nunca sahiram do hemispherio em que nasceram, alguma pitança em proveito dos velhos navegadores d'áquem e d'além do equador; é uma especie de *patente*, como pagam os *caloiros* nas escólas. Ora como succede, ás vezes, que um dos novatos não queira exhibir os *conquibus*, ou não tenha real de seu, é então martyrisado pelos veteranos; segue-se a resistencia, e brilham as facas á luz do sol, entre as fracas tábuas d'um navio, que se balouça n'aquelle abysmo incommensuravel. A bordo, porém, do *Protheu*, não ha que recear desgraça, porque toda a tripolação passou já n'esta mesma viagem a linha equinocial, como o leitor se lembrará. Faz-se a festa, simplesmente pela festa, e pela alegria de estar proximo o regresso á patria.

A um apito do contra-mestre carregam-se todas

as velas, e apparecem na prôa os actores d'esta comedia maritima. Um membrudo grumete de côr amulatada, com metade do corpo nú, e tocando uma trombeta, precede o cortejo de Neptuno. Segue-se a guarda de corpo do mesmo deus, composta de marinheiros armados, e que, por um costume immemorial, traja sempre á mahometana: depois vem um juiz e o seu escrivão, um barbeiro e o seu aprendiz, um padre e o respectivo sacristão, quatro meirinhos, e o diabo com sua grande cauda e vestuario de pelles de carneiro. Todos estes personagens, inuteis no caso especial do *Protheu*, teem graves obrigações a desempenhar no commum dos casos da passagem da linha; são elles os encarregados de prender, sentenciar, barbear, confessar, e atazanar os novatos. Fecha o cortejo o proprio deus dos mares, acompanhado de seus filhos, sobre um carro triumphal. Chegados á tolda, Neptuno occupa o lugar do commando, e começa a dar vozes de manobras disparatadas; um dos seus guardas vai tomar conta do timão; outros postam-se de sentinella aos officiaes do navio; e o sacristão apresenta uma bandeja aos passageiros, sobre a qual cahem voluntarias esmolas. Depois como não ha ninguem a sentenciar, o juiz e o sacerdote largam a beca e a batina, e ficando em trajos de mulher dão as mãos ao barbeiro e ao aprendiz, e começam uma dança extravagante, ao som de varios instrumentos discordes, que surgem da escotilha grande, tangidos por inexperientes tocadores.

Agora, minhas senhoras, se quereis tambem aproveitar a musica, podemos dar uma volta de polka ou de walsa, e vereis como é agradavel este exercicio sobre a tolda d'um navio, que caminha dez milhas por hora, impellido pela força do vapor.

Só nos resta tocar em um porto de escala antes de voltarmos ao Tejo, para se cumprir o programma d'esta longa viagem, traçado por nós em imaginação, antes de convidarmos os leitores a acompanhar-nos. Essa ultima estação será a ilha de Teneriffe.

O grupo de ilhas a que pertence Teneriffe, que a mais remota antiguidade conheceu pelos nomes de Athlantides e Hesperides, Elysias ou Fortunadas, e que hoje se chama *Canarias,* é de todos os archipelagos do Athlantico o primeiro que a Europa conheceu, e quasi o unico, por muitos seculos, de que o mundo teve noticia. Os phenicios e os carthaginezes visitaram estas ilhas, que criam ser a extremidade occidental do mundo; alguns homens da Mauritania lhe augmentaram a população; depois vieram os normandos e hespanhoes, mais tarde os portuguezes, e ao cabo de longa contestação ficou o senhorio das Canarias á corôa de Castella, aonde se tem conservado até hoje.

A ancora do *Protheu* cahe pesadamente no fundo do amplo porto de Teneriffe. A cidade de Santa Cruz estende-se pela beira-mar, mostrando-nos suas torres, cupulas e sotéas, e mais além ergue-se o famoso pico de Teyde, que se avista do mar a qua-

renta leguas de distancia! Faremos uma ascensão a esta altissima montanha, e seja esse o ultimo trabalho, em que nos acompahe o complacente leitor.

Sahindo de Santa Cruz com direcção a Laguna, encontra-se durante uma legua caminho regular, posto que já em subida; depois seguem-se montanhas asperas, e já não ha mais do que o trilho para guiar o viajante. Chegando, porém, ás proximidades da capital, descobrem-se magnificas plantações, e o paiz toma um aspecto risonho. Laguna é uma cidade formosa e aceada como Santa Cruz, mas contém menos população do que esta. Seguindo por uma senda difficil, atravessando mesmo alguns leitos de torrentes, alcançamos *Agua Garcia,* um dos sitios mais pitorescos da ilha, e o unico aonde se encontra agua n'esta trabalhosa ascensão. Continuando a subir, e descobrindo sempre povoações pequenas mas engraçadas, e as celebres vinhas da parte occidental da ilha, vamos tambem conversando com esbeltas raparigas, que a cada passo se encontram no transito, e que nos pedem esmola sorrindo com graça, até chegarmos a repousar na pobre estalagem do lugar de *Matanza,* assim chamado pelo destroço que ahi soffreram os hespanhoes ás mãos dos guanchos.

De Matanza a Victoria o caminho é de difficil accesso, mas orlado de vinhas. Victoria é uma povoação insignificante, e o seu nome deriva-se da vingança que alli tomaram os hespanhoes da precedente desfeita. Encontram-se n'esta senda muitos

nichos, abrigando imagens de santos, venerados pelo povo; e depois, a meia encosta d'uma formosa collina, depara-se-nos a cidade de Orotava, cercada de lindas casas de campo e de arvoredo. Não visitaremos o seu extenso jardim botanico, porque todo o vigor das pernas nos será necessario mais acima, para galgarmos até ao pico; dormiremos na unica hospedaria do lugar, e logo que amanheça proseguiremos a marcha.

D'aqui para cima a vegetação começa a ser menos vigorosa, e o caminho cada vez peor; assim chegamos á *Região das nuvens,* d'onde já se não vê, quasi nunca, o paiz que fica para baixo, nem o mar. Alguns raios de sol penetrando por entre as nuvens, nos mostram apparições phantasticas. A caça é abundante n'estes sitios. Eis-nos emfim na povoação mais alta da ilha; e ao seu lado o magestoso pico, destacando da planicie arida de *Canadas,* onde já não se encontra nenhum signal de vegetação. Subindo sempre, e cada vez com mais custo, alcançamos a *Estancia dos inglezes.* Massas de basalto agglomeradas pela natureza, formam alli o unico abrigo para viajantes fatigados; e pois que não ha outro, n'esse passaremos a noite. O frio já incommoda muito n'este deserto, mil e seiscentas toezas acima do nivel do mar.

Ao romper do dia dirigimo-nos vagarosamente até *Alta vista,* e tornámos a descançar. Depois observámos a gruta denominada *Cueva de las nieves,* onde se encontra agua gelada todo o anno; e

ao cabo d'uma penosa subida por entre as asperezas da montanha, descobrimos o *Pilão,* especie de pão de assucar, e ponto culminante da serra. Para attingir agora o tomo do cóne, servir-nos-hemos tanto dos pés como das mãos; pararemos de momento em momento para tomar a respiração, e para vedar o sangue que nos rebenta do nariz. Eis o cume da montanha, com a sua cratera, d'onde se exhalam vapores sulfurosos; as nuvens rodeiam lá em baixo a base do pico de Teyde, e rompendo-se aqui e acolá deixam vêr as ilhas visinhas, como pequenos pontos na amplidão do oceano. O calor, porém, incommoda sobre-maneira n'este ardente lugar. Desçamos, muito mais depressa do que subimos, e voltando a Santa Cruz, embarquemos de novo no *Protheu,* e soltemos o rumo para Portugal.

— Terra! — brada o gageiro, quatro dias depois de deixarmos Teneriffe.

Terra! É o vocabulo que tem feito pulsar maior numero de corações com mais sincera alegria.

Terra! E terra da patria! Lá está o cabo da Roca, e a serra de Cintra, Cascaes, S. Julião, Belem... Lisboa!

Parabens, companheiros de viagem, chegamos a salvamento.

DOUS ANNOS DE VIAGEM

I

Introducção. — Ilhas da Madeira e Açores

Ahi vai mais uma relação de viagem augmentar o já tão crescido numero de publicações d'este genero, que tem inundado o mundo litterario, — não portuguezas, que até os roteiros do Gama e do Cabral estiveram em olvido por largos annos, — mas francezas, inglezas, batavas e allemãs, — tão despidas d'interesse algumas, que dá lastima vel-as! — Não será mais curiosa esta relação, mas pergunto: Não temos nós olhos e coração? — porque não contaremos tambem o que vimos e o que sentimos em nossas peregrinações? — Terão só licença para escreverem semsaborias a respeito dos paizes remotos — e quando Deus quer dos proximos — aquelles felizes mortaes que foram embalados nas margens do Rheno, do Tamisa ou do Sena? — Não ha-de ser assim. É necessario desenganar os homens do norte de que os portuguezes tambem correm o

mundo com a fronte levantada, como os demais filhos de Adão que fallam diverso idioma, e que irmãmente comnosco repartiu o Eterno um raio da sua divina intelligencia. Á falta de melhores producções, sahirá a lume a tosca relação dos meus trabalhos, diversões e sensações durante o espaço de dous annos que ultimamente vagueei longe da patria; — embora muitos a julguem pouco importante, e por isso indigna de occupar a attenção do publico, que precisa mais tempo para pensar em politica — impellem-me dous motivos assás fortes para publical-a: *primò,* a extrema indulgencia, com que foram acolhidos no Rio de Janeiro alguns fragmentos que estampei no *Jornal do Commercio,* traduzidos em seguida para hespanhol pelo *Constitucional* de Montevideo; *secundò,* o bom acolhimento que acharam as compilações de acontecimentos maritimos portuguezes, com que mimoseou o seu paiz — o meu illustre camarada, o snr. Celestino Soares. — Creio que dei cavaco sufficiente, e que é tempo de encetar a narração.

*

Era em maio de 1844: depois de largo tempo ancorava nas aguas do Tejo a fragata *Diana,* prompta a seguir viagem, mas sem que soubesse o seu verdadeiro destino. Um dia correu a voz de sahida repentina, — e não foi falso o boato — que passado pouco tempo, — na manhã de 17, sahia com

effeito a fragata, a reboque do vapor *Terceira,* pela barra de Lisboa fóra.

Tinhamos ainda á vista as torres da barra, o palacio da Ajuda, e todos esses saudosos cumes de montanhas que fecham o panorama do Tejo, — seguiamos com todo o pano largo, á popa, correndo cinco milhas cada hora, estranhavamos é verdade os grandes balanços que dava a fragata — quando de repente o mastaréo da gata se precipita feito em tres pedaços, e as vergas de gavea, joanetes e sobregrande, os paus de cutelos do velacho e joanete, cahem igualmente quebrados. — O balanço havia sido mui forte, e os madeiros estavam resequidos, por isso desarvorámos em bonança.

Mal principiada viagem! exclamaram alguns, descontentes deveras com esta introducção — porque os maritimos são em geral supersticiosos, apesar do seu fallar solto em terra, d'onde muita gente tem inferido, que os pobres diabos não professam religião, nem temor de Deus, nem nada. — Mal principiada viagem! repetiam os fatalistas, acrescentando: — Não acabará bem!

Mas a prophecia não se realisou, porque a fragata regressou a Lisboa ha quasi um anno, sem ter soffrido grandes desastres, e talvez deixando saudades a algum dos fatalistas.

Compoz-se a mastreação como foi possivel, e com tres dias de viajem aportamos á ilha da Madeira. Um quadro sublime apresenta esta ilha ao viajante — montanhas descommunaes d'um magestoso aspecto —

altos pincaros denegridos, misturando-se com as nuvens alvacentas — uma vegetação robusta por entre as mais escabrosas sendas — torrentes de agua crystallina precipitando-se das rochas — eis os primeiros traços que avultam n'este painel: depois — um clima sempre temperado, onde a intensidade do sol é moderada pelos halitos da fagueira briza, — um céo puro e suave, em que produzem de igual fórma as plantas d'áquem, e d'entre-tropicos, — campos abençoados em que a bananeira cresce no meio da vinha, e floresce o ananaz ao lado do pecegueiro.

São tantas as descripções que por esse mundo correm, d'este torrão portuguez, que pouco nos demoraremos nas suas aguas, — e posto o ferro em cima seguiremos viagem para outros paizes. Entretanto deixarei aqui registrada uma observação minha — e creio que de muita gente boa — abstendo-me todavia de moralisar sobre ella; e em breves palavras concluirei o meu esboço descriptivo.

Uma grande parte das propriedades da ilha são inglezas, e é numeroso o concurso de familias d'aquella nação, que vem todos os annos passar alli o inverno — por doença ou por distracção; as senhoras madeirenses fallam todas o idioma inglez, e os homens — não só das classes elevadas, mas os burriqueiros e barqueiros, os caixeiros e até trabalhadores do campo — se entendem no fallar com os nossosos alliados; — o doutor Kalley ha alguns annos que préga o protestantismo — a religião da Gran-Bretanha (bem exaltados tinha elle os animos na oc-

casião em que eu aportei ao Funchal, e por sua causa esteve a fragata *Diana* em tom de guerra no Machico): finalmente ouvi a mais d'um natural da ilha, exclamar: — Quando será ingleza esta terra? Como seriamos felizes! — E de tudo isto eu não tiro conclusão nenhuma, mas afianço a sua veracidade.

Quem desembarca no Funchal, procura logo um cavallo, e sahe da cidade a galope: por toda a parte gozará de vistas magnificas. — Ou suba á *Senhora do Monte, Santo Antonio,* ou *Pico,* — ou vá mais longe vêr a grandiosa quinta de *Palheiro-Ferreiro:* ou destinado todo o dia a gozar das maravilhas da natureza, trepe até ao *Jardim da Serra,* para de lá abysmar a vista no tremendo despenhadeiro que tem o nome de *Curral das freiras* — o quadro é sempre grande, sempre variado.

Estive alguns dias na villa de Machico (como já disse, por intervenção do doutor Kalley) — este lugar, o primeiro povoado pelos colonos portuguezes, sepulchro de Machin, e primeiro templo christão de toda a ilha, onde Zargo fez celebrar o sacrificio da missa, — tem uma perspectiva risonha, mas nenhum d'esses paineis grandiosos que nos mostram as cercanias do Funchal, por isso o viajante, apesar das recordações historicas e tradicionaes, difficilmente se resolve a demorar-se nas suas praias; nem mesmo o prende a fama das mulheres d'esta villa — que passam por ser as mais formosas da ilha; — e, digamol-o em confidencia, o forasteiro tem razão — que não espantam ellas por demasiada belleza.

*

A *Calheta,* e a *Magdalena,* que apenas vi do mar, são pequenas e pobres villas, — e o *Porto do Moniz,* na extremidade da ilha opposta ao Funchal, é tambem uma miseravel povoação. Alguns dias que alli me demorei (porque o mau tempo me não consentia voltar por mar á cidade) nada observei notavel — a não ser um homem que trouxe um officio meu para o commandante da fragata, que estava no Funchal, e regressou com a resposta em 22 horas, isto é — tinha caminhado, a pé, n'aquelle espaço de tempo (descontadas as demoras inevitaveis) trinta e seis leguas d'um paiz montanhoso, tendo que subir no transito á altura d'uma das maiores montanhas, e descer depois á beira do mar, por ser esse o unico caminho praticavel. Chamava-se José... mas não me recordo do cognome.

Em agosto fomos ás ilhas de S. Miguel e do Fayal. Receberam-nos ahi (como na Madeira) cordial e francamente: alguns dos officiaes eram rapazes, e consequentemente morriam pela dança, — pois o bello sexo de todas as ilhas a que aportamos, nos deu o prazer de vir a bordo da fragata, e aquelles corpos aéreos voltearam em alegres walsas e contradanças, sobre a tolda costumada ao pesado pé do marinheiro.

Estas duas ilhas afiguram-se jardins puramente de recreio, ao navegante que as avista por qualquer das faces — tanta é a belleza das suas costas. — A inconstancia do clima contribue para conservar sempre verdes e floridas aquellas deliciosas planicies, que debalde se procurariam iguaes em outra parte

do mundo. — A cidade de Ponta Delgada (S. Miguel) é extensa, magestosa, e rica, — mas a da Horta (Fayal) se lhe faltam essas preciosas circumstancias, é todavia coroada de tão bellas perspectivas, circumdada de tão lindas paizagens, — que não sei se ainda gósto mais d'ella!...

S. Miguel ufana-se de ter em seu seio *As furnas,* producção maravilhosa da natureza, cujos banhos variados, são efficaz remedio para mui diversas doenças; e o Fayal menciona com orgulho a sua *Caldeira,* voragem portentosa tão frequentada dos viajantes. Entre ellas, lá jaz o baluarte da liberdade (Terceira) que vimos de passagem, e a *Graciosa,* cujo nome tão bem lhe quadra, e o *Pico* elevando ás nuvens o cume gigantesco, e *S. Jorge* — a desprezada — apesar do excellente gado que possue, do precioso leite que todos nós temos gostado em saborosos queijos que d'alli vem.

Mas em nenhuma das ilhas ha um theatro regular; apenas na Madeira uma academia philarmonica, e nenhuma carruagem elegante — aqui um palanquim, alli uma rêde, acolá uma velha traquitana, mais longe uma sege patriarchal; porém os bailes são numerosos — e o gosto e a regularidade que preside a essas funcções, mostra sobejamente ao estrangeiro que não se acha entre um povo inculto.

A 20 de novembro desaferrámos do Funchal com destino ao Rio de Janeiro — e logo ao anoitecer partimos outro mastaréo da gata, e outras vergas. — «Está visto! exclamavam os fatalistas; querem es-

tender a viagem para mais longe, ahi tcem novo aviso... Não acaba bem! » — « Oh! lá isso de certo! » repetiam diversas vozes. — E a fragata seguindo para o sul.

Que não me esqueça mencionar a execução que démos ao artigo 5.º do capitulo 1 do regimento provisional da armada, que manda dizer missa nos dias santificados, e rezar a ladainha á noite; ainda assim não se cumpriu á risca a letra da lei, porque sempre se disse uma missa só, em lugar de duas que lá determina c a ladainha era só aos sabbados, em lugar de ser todos os dias, como o livro recommenda; mas por isso era cantada em vez de rezada, e com acompanhamento musical.

O sacrificio da missa é solcmne no mar: — vêr o sacerdote no momento de elevar a hostia consagrada, vacillar por um encontrado balouço, como se tremesse ante a magestade do Senhor, e os assistentes curvarem-se ás vezes mais do que tencionavam em seu orgulho feroz, como se poder sobrenatural os obrigasse a uma genuflexão profunda; a onda pura rociando o sacrificante c os ouvintes, como sc fôra a agua do Jordão, que viesse laval-os da culpa; — tem tudo isto um certo cunho de mysteriosa grandeza que nos faz contemplar com mais respeito aquella ceremonia no convés d'um navio, do que na lage do templo.

A fragata corre soberbamente, já temos á vista a ilha de Santo Antão, uma das que formam o archipelago de Cabo-Verde — mas como não aportámos a

ella, tambem eu nada direi do seu sólo, povoação, costumes, etc. — porque não é uma obra scientifica que me propuz escrever, mas unicamente *recordações de viagens*. — Tambem não farei como um celebre viajante inglez, que passando á vista da ilha da Madeira em um barco a vapor, dirigiu o oculo para a terra, e ao cabo de dez minutos de observação lançou esta nota no seu *album*: — Na ilha da Madeira está a civilisação em grande atrazo.

A fragata continúa em sua carreira ordinaria de nove a dez milhas por hora, e eu darei descanço ao leitor em quanto não nos acercamos mais da costa do Brazil.

II

Um grande livro perdido para os vindouros — Um assassinato a bordo

Fui já mais chegado ao novo do que ao velho mundo, que eu tive o primeiro pensamento de escrever um diario, roteiro, memoria, ou quer que fosse, d'esta minha viagem ao sul da America. Fechei-me no meu estreito camarote, e ahi tracei, a sós, um prologo para a futura obra, que saiu como se segue:

Vou escrever um livro, quasi todo só para minha propria leitura — com alguns capitulos para serem vistos por homens que me parece conhecer — com poucos para o vulgo, que além de *profano,* diminuta porção de gozo acharia no folhear de suas paginas. Não é a narração circumstanciada d'uma viagem, não é a satyra d'uma corporação — nem historia, nem romance; é uma cousa que não haven-

do de ser aferida na almotaceria dos criticos, não aspirando ao brilhantismo do prelo, nem á bibliotheca do curioso, póde ser livremente como a imaginei, isto, é — recordações de viagem de mistura com alguns factos de vida intima, tudo entrelaçado d'uma pouca de philosophia, tal qual a possuo — e de laivos de poesia, que — lançados ao acaso n'uma cabeça de mancebo, sahem — mesmo a seu pezar — a estampar-se no papel — como tudo que imagina um rapaz de vinte e tres annos, lhe transparece no rosto, nas acções e palavras — se elle tem boa fé — se crê em Deus, e em mais alguma cousa... Ora ahi está o que é o meu livro, que de certo não ha-de incommodar pessoa alguma contra sua vontade; feliz, que não está sujeito a regras, — livre, que não attende a conveniencias — contando um verdadeiro amigo (o mais raro dos dons — hoje e creio que sempre —) que sou eu. — *Bordo da Diana, á vela,* 12 de dezembro de 1844, ás 2 horas da tarde, em lat. S. — 16° 30′. — Long. O. de Grenw. — 35° 30′.

Por alguns mezes trabalhei com afinco no meu livro — e tinha-lhe amizade. — Promettia ser volumoso... feliz da humanidade se elle chegar a completar-se! Desgraçadamente para os vindouros, aconteceu-lhe o contrario: — ides vêr como se perdeu esta grande obra.

Lembrou-me um dia que para nada servia o estar moralisando commigo mesmo — que obrava mal preparando uma seccatura para amofinar os ouvidos

dos meus poucos amigos intimos — e que o melhor era entreter-me com o publico; um tão philanthropico pensamento não podia deixar de ser abraçado pela minha consciencia (embora sacrificasse o meu prologo tão querido) — queimei a parte que só a mim pertencia (fiai-vos lá em amizades de poeta!) — escondi-a dos amigos, porque algum dia póde a sua apparição ser necessaria, para lhes provar que em nenhum caso da vida os olvidei, e... zás! — reuno a outra frandulagem, e eis-me aqui como capitão de navio naufragado, que perdeu a melhor parte das fazendas que trazia — fazendo leilão dos restos avariados da carga, que vieram ter á praia.

— Ora vejam que massada! exclamam n'este ponto alguns dos leitores — que nos importa a nós saber, como e quando imaginaste escrever essas sandices! dize-nos o que succedeu na viagem, e mostra-nos alguma cousa interessante dos paizes que percorreste. Sobretudo, não falles de ti, que é mau costume, posto que muito usado — ainda por homens que se tem em grande conta. — Eu poderia responder que — muito pedaço d'asno por ahi tem fallado de si, á falta dos contemporaneos lhe darem importancia, e que assim tem ganhado nome e fama... mas isso seria um nunca acabar, poder-nos-hia conduzir ao campo das personalidades, e por conseguinte das malquerenças; — e eu quero desmentir a gente que por ahi me assoalha como homem de genio questionador e embirrento... — E elle outra vez a fallar de si!... — Nada, já não digo nada;

nem mais palavra a meu respeito. — Cá me metto a bordo; com licença.

Estamos em meio do oceano: — o céo e o mar começam a tingir-se de negro, porque o sol escoou-se, horisonte abaixo, quasi uma hora. Vinte dias são passados, desde que, deixando a frondosa ilha da Madeira, partimos em demanda da terra de Santa Cruz; vinte dias da mais deliciosa viagem, — sem desgostos, sem incommodo algum (aqui havia uma nota, das que foram queimadas no meu auto de fé litterario) — achámo-nos na latitude da *Bahia de Todos os Santos,* — a noite do dia 10 de dezembro vai-se deslisando calmosa — e a fragata resvala com serenidade sobre a superficie das aguas; — o céo, o mar, o navio e os homens, tudo parece submerso em socego profundo... quando uma voz, sinistra — como o dobrar do sino de finados, — echôa nas amuradas da *Diana:* — Mataram um homem... acudam!... Eis-ahi o brado que soltando-se da prôa, percorre a tolda, repercute no convés, e vai sumir-se na coberta, alvorotando toda a guarnição que corre baralhada sem saber onde acudir. Vejamos a origem d'este grito, e contemos já como aguada a satisfação da deliciosa viagem.

Foi o caso. — Um moço (Manoel Fernandes era o seu nome, de alcunha o *Bixarouco*) quasi possesso — não sei porque motivo — creio que não embriagado, atravessa o convés arrebatadamente pisando tudo que encontra no caminho e clamando — Oh! hoje hei-de levar pau! (é a expressão com que os

marinheiros designam vulgarmente o castigo das chibatadas) — um aspirante a guarda-marinha, muito joven ainda, quer impedir-lhe o passo e fazel-o calar, mas o monomaniaco derriba-o com um bofetão, e passa; — o aspirante corre a dar parte do acontecido, mas sôa immeditamente o grito fatal que mencionamos: — Mataram um homem! — já serão tardias as providencias.

Eis-aqui como nos contaram o acontecido: — Manoel Fernandes seguira para o castello depois da insubordinação mencionada, encontra alli um rapaz que nenhum damno fazia, e maltrata-o sem razão alguma; — um marinheiro — bom no porte e na figura — tenta evitar que o possesso commetta maiores disturbios, admoestando-o convenientemente — desgraçado! — Quer ficar sem cabeça? — são as primeiras palavras de Fernandes; mais alguns ditos, poucos, — e a faca do monstro traça um largo rasgão na garganta de Manoel Martins (o marinheiro) — outro golpe á barriga que é evitado pelo inerme, e recebido no braço — e desapparece.

— Agarra o Bixarouco!... — é o grito unanime que se ouve — mas o matador não apparece por alguns minutos em parte alguma do navio; então o commandante determina que se forme a guarnição na tolda, e Manoel Fernandes responde no seu lugar e pelo seu numero — ignora tudo, estava dormindo, nada viu, de nada sabe, e até nem fallou n'esse dia com o ferido! — O commandante (o snr. J. M. F. do

Amaral) tem a lembrança de comprimir-lhe o peito com a mão — n'aquelle coração não havia mais que o pulsar ordinario — a alma do assassino não sentia um remorso pelo destino da sua victima — não sonhava o seu proprio futuro: — era uma fera sob a apparencia humana!

Recordei-me então de que elle já promettera uma vez cortar as guelas a um outro marinheiro, soffrendo por isso um pequeno castigo corporal; um aspirante affirmou tambem ter-lhe ouvido da propria bocca, contar aos camaradas da gavea, que, em um bordel, matára um homem e ferira outro, fugindo depois pelo telhado.

Acreditareis que eu o vi chorar, no momento de lhe pôrem dous pares de machos de ferro aos pés? — pois é verdade! — Com as mãos na cabeça, exclamava: — Eu, que não fallei com aquelle homem hoje, senão quando o vi ferido a clamar contra mim, e que me abracei com elle dizendo-lhe: — Homem, não fui eu que te fiz mal!... (São expressões textuaes).

O marinheiro ferido, que tinha as sympathias de toda a guarnição, apparecia coberto de sangue, e cercado de cem pessoas que lhe queriam prestar soccorros; por entre gemidos dilacerados, exclamava a espaços: — Ladrão! que me mataste sem te eu fazer mal, — eu, que estava tão socegado!... Minha pobre mãi... minha velha... que será de ti? — Estas palavras pronunciadas por um moribundo,

eram crueis de ouvir... E eu conhecia a velha, vi-a muitas vezes á porta da sua pobre casinha no Funchal ; — afastei-me do desgraçado.

Que painel ! — a victima revolvendo-se n'um charco de sangue, e a poucos passos de distancia o assassino negando o attentado com a mais hedionda hypocrisia ! — Cheguei a ter asco á humanidade n'aquelle momento; pareceu-me vêr todos os homens debaixo do mesmo typo de fera que tinha presente. — E depois, quando toda a guarnição fallava no horrivel crime, quando todos desejavam trincar o coração do monstro — elle, a quem haviam arrancado vestes salpicadas do sangue da sua victima — elle, coberto das maldições de quatrocentos homens, — elle, ameaçado d'uma morte dolorosa — o infame dormia placidamente o seu somno de condemnado ! — Ainda não eram nove horas, pouco mais de uma havia passado sobre o acontecimento, e o malvado repousava tranquillamente, a sua respiração era uniforme — posso affirmal-o, porque tive a curiosidade de me deitar por alguns momentos ao lado d'elle. — É espantoso ! inacreditavel !

E as esperanças de salvar o marinheiro perdiam-se; dous cirurgiões que velaram toda a noite junto d'elle, receavam vel-o expirar a cada momento... mas Deus obrou um milagre !

Manoel Martins escapou da morte ; ao dar fundo no Rio de Janeiro já se levantava para vêr o paiz, e depois d'alguns dias começou a trabalhar ; — ninguem tal esperava, porque o golpe fôra profundo.

E o facinora, do fundo da sua reclusão (um paiol quasi no fundo do navio) pedia que o castigassem, e que o não tivessem mais tempo preso; — com toda a segurança, como se tivesse a esperar commiseração de alguem onde todos o odiavam, — desprezando o mais flagellante de quantos castigos sanccionam os codigos penaes da Europa, no seculo actual — os açoutes!

Formou-se um conselho de officiaes para o julgar, e o malvado foi interrogado. Confessou o crime sem hesitar, acrescentando que só a embriaguez o fizera faltar á verdade na noite do homicidio! — Achou-se face a face com a sua victima e não vacillou! — Acabado o interrogatorio, é mandado de novo para ferros; e esse homem em completa abnegação de si, pede outra vez que o castiguem de prompto.

E os dias substituem os dias, sem que se ouça a bordo fallar do malvado, sem que ninguem mais o veja, do que o companheiro que lhe leva a refeição diaria.

Desculpe agora o leitor, que — atacando a veneravel lei das unidades, nas suas formulas de lugar e tempo — o transporte a Loanda, para assistir á conclusão d'este sangrento drama, que escapou de ser tragedia por duas vezes.

Depois de largos mezes de isolamento em um paiol, foi o Bixarouco mandado sentar praça no corpo de infanteria de linha de Angola, para ir servir em um dos presidios do sertão (não sei por sen-

tença de que authoridade porque não assisti ao desfecho — curo por informação); porém o caso é, que o homem fugiu aos *Empacasseiros,* que o conduziam para o quartel, e que até hoje não se soube mais d'elle. — Alguem me disse que regressára a Lisboa, em um dos navios de guerra que sahiram por esse tempo de Loanda. Não sei. É o grande percalço de quem conta historias verdadeiras — não saber muitas vezes como ha-de terminar; o que não acontece aos novellistas, que até quando Deus quer, parecendo-lhes pequenos os premios e castigos da terra para os seus anjos e demonios ideaes, os fazem transportar no fim da obra — ao céo ou ao inferno — conforme os seus merecimentos.

Haja vista ás *Memorias do diabo.*

Porém, tempo é de conduzirmos o leitor ao Brazil; — alli descançaremos tres mezes das fadigas de vinte e seis dias de viagem.

III

Rio de Janeiro

Estamos á vista da costa do Brazil: — o Rio de Janeiro que demandâmos, lá se vê ainda longe, guardado pelo descommunal *Pão d'Assucar,* atalaia do porto e da cidade, e pela pitoresca *Serra dos Orgãos,* que campêa no fundo da bahia, quasi sempre coroada d'um diadema nebuloso. — Mais ao sul avulta a *Gávea,* montanha assás distincta, pela semelhança que tem com a parte do navio assim chamada, e por ser o ponto mais alto d'esta costa. Áquem o *Corcovado,* que antes appellidaram *O Capacete,* pela semelhança que tem o seu cume com esta peça de armadura, — e em seu prolongamento para o norte um grupo de serras, a que os descobridores puzeram o nome de *Gigante Dormindo,* com sobeja ra-

*

zão, pois que a natureza por um extraordinario capricho, semelhou, quanto é possivel, a um homem deitado, esse agglomerado de montes: — parece-nos vêr o Genio do Brazil, aguardando que seus filhos incuriosos — os homens da terra de Santa-Cruz, sacudindo a molleza que os subjuga, empreguem esforços reunidos — com valor, actividade e acêrto — para elevarem o seu paiz ao grau de prosperidade de que é susceptivel: — então o gigante acordando de seu ferreo somno de seculos, bradará: — Estaes livres; sois dignos da minha protecção; caminhai, e eu velarei por vós.

Deixando á direita a ilha de *Cabo-Frio,* primeira terra que descobre o navegante que vem do norte procurar o rio, — caminha-se por entre grupos de ilhas verdejantes até ao *Pão d'Assucar,* môrro escarpado, em volta do qual se quebram as ondas. — Esta estreita passagem é defendida por um forte á beira do mar, na base do *Pão d'Assucar*, e pela fortaleza de Santa-Cruz, na outra margem, de bella apparencia mas de pouca importancia militar; mais acima e para o meio do rio, está o forte de S. João, isolado sobre uma lage; e depois a pequena ilha fortificada de *Villegainon,* quartel dos imperiaes marinheiros; e a pouca distancia da cidade a *ilha das Cobras,* ponto o mais importante da defeza do rio, e que serve de deposito de artilheria.

Cêrca d'essa ilha estavam fundeados os poucos navios de alto-bordo que tem a marinha brazileira; — a nau de *D. Pedro II,* que serve de escóla-na-

val, e as fragatas — *Constituição, Principe Imperial,* e *Paraguassú,* — a ultima bastante damnificada.

A perspectiva da cidade de S. Sebastião, capital do imperio do Brazil, não é para incutir grande impaciencia de desembarcar nas suas praias: é um aggregado de casas irregulares e pouco elegantes, assentadas á beira do rio, sobre as quaes se elevam as torres da *Candelaria* — as mais bellas da povoação — e as de *S. Bento,* pequenas pyramides quadrilateras, ligadas d'uma massa de granito, que é o convento dos *Cruzios.* Alguns morros que entram pela agua, como vigias da cidade, são os mais formosos pontos que attrahem as vistas do navegante. — Na margem opposta, está a moderna cidade de Nitherohy (vulgo — Praia-Grande) — séde do governo da provincia, mas que todavia não passa de ser um arrabalde do Rio de Janeiro; mesquinhos são todos os seus edificios. Do ancoradouro, a vista alcança uma porção de ilhas disseminadas pelo rio, de pouca importancia quasi todas, mas onde a natureza ostenta as suas galas. A olhos vistos se descortina qual seria a grandeza a que poderia elevar-se esta região — se as intrigas, as ambições, os odios, as dissensões dos partidos, não trabalhassem acintosamente por entorpecer-lhe o progresso material.

Governos incuriosos, estupidos, ou facciosos, teem conservado estacionario um paiz, que tantos recursos possue, como o Brazil; — semelhante á de Portugal é a sua sorte, — mas tem ante os olhos um futuro mais brilhante do que o nosso; porque o Brazil

é um paiz novo e vigoroso — ao passo que Portugal está muito velho e cachetico.

E eu a moralisar!... Desembarquemos no *Pharoux*.

Não posso perdoar á camara municipal d'aquella cidade, ou a quem quer que isso pertence, o estado miseravel em que vimos por tantos mezes, uma tosca escada de mão, por onde se sóbe á terra, quasi em frente do paço imperial, algumas vezes faltando-lhe dous e tres degraus — assim a vimos e a deixámos na torna-viagem!

Entremos no largo do *Paço;* ahi está o palacio que foi outr'ora residencia dos nossos vice-reis e governadores; hoje, posto que seja propriedade imperial, apenas serve para as audiencias solemnes e cortejos, nos dias de grande gala: a residencia ordinaria do imperador é em S. Christovão (a uma legua da cidade), palacete dado por um particular a D. João VI, — que, em minha opinião, é muito inferior ao da cidade, contra o pensar da mór parte das pessoas com quem tenho fallado a tal respeito... mas que interessa isto aos leitores?

E que interessa o resto da narração?...

Avancemos pela rua *Direita* (aliás muito torta) e dobrando á esquerda caminhemos pela rua do *Ouvidor,* tão afamada pelos ricos e elegantes estabelecimentos estrangeiros de todos os generos, que a guarnecem por um e outro lado: — esperemos que anoiteça para gozar do brilhante espectaculo d'uma illuminação profusa em todas as lojas, e da presen-

ça de bem adereçadas senhoras, entre as quaes encontrareis bellos rostos e olhos feiticeiros... e as suas maneiras? — Quem não gosta dos *melindres* d'uma brazileira? — Passámos a rua do Ouvidor, estamos no largo de S. Francisco de Paula, ahi tendes o templo que lhe deu o nome; entrai, que é o melhor edificio sagrado do Rio de Janeiro: afóra elle encontrareis a igreja de Nossa Senhora da Candelaria, que está incompleta, — e a capella imperial, junto ao paço da cidade — e mais nada que vos recorde a piedade dos monarchas portuguezes, e d'um povo tão catholico: causa realmente espanto não encontrar no Rio uma d'essas velhas cathedraes, chamadas vulgarmente gothicas, que com tanta profusão construiram nossos maiores, por diversas partes do mundo. — Além está o edificio da academia militar, construido de pouco. — Cruzemos essa pequena rua (á esquerda nos fica o pequeno theatro de S. Francisco) e entremos no *Rocio:* á direita vos apparece o theatro de S. Pedro d'Alcantara, construido pelo risco do de S. Carlos de Lisboa, pouco menor, e com menos uma ordem de camarotes: — uma companhia dramatica portugueza, aonde figura ainda a nossa velha actriz Ludovina Soares, e outra companhia italiana de canto, mas de pouca força, ahi dão as suas representações alternadamente. Ainda ha mais um theatro — na praia de D. Manoel (o de S. Januario) — e outro em Nitherohy (o de Santa Thereza).

Atravessemos o largo, e mettendo-nos na rua do *Conde,* vamos direitos ao campo de Sant'Anna, ou

da Acclamação. — Por entre as arvores que circumdam a praça, lá se vê o palacio do Senado, o edificio mais notavel da cidade, — amplo parallelipipedo cravejado de vidraças, que se apresenta como uma estufa gigante, aos olhos do viajeiro. — A casa da camara dos deputados, é por detraz do largo do paço, e não merece particular menção a nenhum respeito. Agora sigamos através de ruas e travessas, mais ou menos frequentadas, até ao passeio publico: subamos a essa varanda limitada por dous bellos torreões, em cuja base vem despedaçar-se as ondas, — ahi está a fonte, onde um menino lança a agua pela bocca d'um kagado, com a letra = Sou util ainda brincando = lá estão em baixo as duas pyramides do ultimo vice-rei, com as dedicatorias = Á saudade do Rio — e — Ao amor do publico. =

Já percorremos as ruas cortadas em varias direcções, sombreadas por frondoso arvoredo, orladas de vistosas boninas... perdoai que me demore um pouco, contemplando através da gradaria das suas janellas, duas habitações das cercanias, que tão dôces recordações de amizade teem para mim!... vamos, que o largo da *Lapa* é contiguo ao passeio, e ahi passam varias linhas de carruagens-*omnibus,* que vão para os arrabaldes da cidade na direcção da barra; — escolhei o sitio que pretendeis ir vêr primeiro — todos são agradaveis e risonhos: — As Laranjeiras — Bota fogo — ou o Jardim Botanico? — Indo para qualquer d'esses lugares, passareis pela deliciosa praia dos *Flamengos,* e pelos aristocraticos bair-

ros do *Catête* e *Gloria;* gozareis do panorama da bahia, admirareis uma vegetação prodigiosa... mas cuidado com a trovoada da tarde, que talvez vos côrte um agradavel passeio, ide em outro dia ao Engenho velho, e S. Christovão na direcção opposta, voltareis tambem satisfeitos, se a chuva vos não incommodar, o que infelizmente acontece muitas vezes. Mais de espaço dareis um passeio ao *Corcovado,* desfructareis um excellente quadro do tôpo d'essa montanha; não vos esqueça visitar as cataratas do *Tejuca* (Orgãos) — achareis curiosa a apparição do gêlo, em um clima calido como o Rio de Janeiro; um excellente *hotel* ahi vos aguarda — o *Victor* do Brazil, n'esta Cintra dos tropicos.

Permitti que vos abandone n'este ponto, condescendente leitor, que em outro lugar do mundo voltarei a tomar-vos a mão — não vos faltará que vêr e que analysar. — Agora concluirei esta primeira visita ao Rio de Janeiro, com duas palavras de interesse particular.

Os officiaes da fragata *Diana,* foram mui bem recebidos n'aquella capital, por seus numerosos compatriotas, e por muitos brazileiros de distincção; repetidos convites para bailes, passeios e jantares nos eram endereçados de continuo. — Para testemunhar a nossa gratidão e reunirmos um avultado numero de amigos, démos um sarau poucos dias antes de deixarmos o Rio, e tivemos o gôsto de vêr concorrer a elle perto de mil pessoas. As bandeiras — brazileira e portugueza — ornavam os tectos das duas

salas de baile. Creio que, todos nós, deixámos saudosos aquelle paiz hospitaleiro.

No dia 10 de março do anno da redempção — 1845 — como diria um romancista — ou aos 10 dias do mez de março do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo — 1845 — como escreveria um letrado — sahimos a barra do Rio de Janeiro, pondo a prôa no sul — afastando-nos ainda dos nossos penates.

IV

O rio da Prata e o Pampeiro — Montevideu e as Señoritas

De ha muito desejava eu ardentemente fazer uma viagem ao rio da Prata — vêr as duas cidades principaes assentadas nas suas margens — os furores do Pampeiro e a belleza das *Señoritas*. Toda esta somma de desejos se eumpriu amplamente em dez mezes.

Nós — os officiaes da marinha de guerra — somos os entes mais felizes que o sol alumia!

Estas aguas são do Prata, que a sonda mostra apenas 12 braças de fundo; estamos no rio que Solis trilhou primeiro que nenhum europeu, e onde deixou com o nome a vida — para mais tarde os homens esqueecerem uma e outra cousa. Vaidade humana, como é transitorio o teu imperio! Ao rio trocaram o nome de *Solis* — pelo de *Prata*, metal precio-

so que viram nas mãos de alguns indigenas, d'onde inferiram a existencia de minas — como as do Potosi — por aquellas margens. — E do descobridor ninguem hoje se lembra na Hespanha — ninguem procurou n'outro tempo dar-lhe ao menos sepultura em sagrado — como convinha a um christão e cavalleiro, que ia levar a fé ao Novo-Mundo !

Mais ditosos que o ousado navegante hespanhol, nós vinhamos como neutraes, presenciar essa lucta — em que metade da republica do Uruguay se esforçava por degolar outra metade, prodigando-se mutuamente os mais affrontosos epithetos — e com igual razão. O fim d'estes *republicanos* era decidir se o arbitro das vidas, da honra e da fazenda das familias — devia chamar-se D. Manoel Oribe, ou D. Fructuoso Rivera.

O partido caudilhado pelo primeiro (*los blanquillos*) sitiava a cidade de Montevideu, protegido pelo dictador de Buenos-Ayres. — *Los colorados* encerrados na praça eram protegidos pela França e pela Inglaterra. Á sorte das armas e ao poder da diplomacia, estava reservado o proclamar quem tinha razão, e por consequencia o nome do presidente *legal* da republica.

Porém sulquemos o rio, que o vento é de feição, ainda que a nebrina nos obscurece o horisonte pela prôa.

Mas um tiro de canhão vem ferir-nos os ouvidos, depois outro — e dez — e trinta — e a terra sem apparecer. — Será a nevoa que nos encobre o

campo de batalha ondc os blanquillos e colorados se canhoneiam — ou um combate naval? Nada d'isso.

A nebrina começa de recolher-se ao elemento d'onde sahira, e um raio de sol — meio desmaiado — alumia fracamente o cume d'uma montanha.

— Terra! — brada o gageiro de sobre a verga de joanete.

— É Maldonado — prosegue o mestre.

— Não tem duvida, continúa um tenente, é a terra mais alta que se encontra n'esta margem do rio.

Depois apparece-nos a ilha dos Lobos, e mais tarde a das Flores — e o seu farol. Á meia-noite a corrente d'agua e a calma nos obrigam a fundear.

E agora querem os meus leitores saber d'ondc partiam os sons d'artilheria que nos surprehenderam? — Era um navio de guerra inglez, que — como em todos os mares — é o primeiro objecto que se encontra: a corveta *Coração,* que fazia exercicio no porto de Maldonado, c que parecia indicar com aquella detonação, aos recem-chegados — que estava alli uma das aguias a quem Deus confiou o senhorio dos mares no seculo XII, como outr'ora fizera a outros povos.

Que recordações tão dolorosas para os homens que então chegavamos ao Prata! — o pavilhão das quinas tremulava na pôpa do seu navio.

Quinta-feira santa (20 de março) soltavamos a

ancora em frente de Montevideu. — Os navios mercantes surtos no porto eram mui poucos — as desavenças intestinas paralysavam o commercio; — mas os vasos de guerra eram bastantes, que despregando os respectivos pavilhões, davam a entender, ás partes belligerantes, que era preciso respeitar os estrangeiros. — Duas fragatas francezas, duas corvetas inglezas, uma portugueza, quatro brazileiras, uma sarda, e uma dos Estados-Unidos, alguns brigues e escunas — eis-ahi uma força sufficiente para manter intactas as vidas e propriedades dos seus compatriotas.

A alguma distancia do porto se viam dous brigues, com bem pouca apparencia de navios de guerra, mas que a bandeira e flamula argentinas denunciavam como taes; faziam parte d'uma pequena frota — mais tarde aprisionada pela esquadra anglo-franceza — commandada pelo almirante Brown, irlandez ao serviço de Buenos-Ayres — e achavam-se alli para protegerem os sitiados.

Quando cessou aquelle movimento confuso que é inevitavel, na occasião de chegar ao porto — subimos eu e alguns amigos a um estrado da popa, para gozarmos do espectaculo sempre bello d'um paiz que se vê pela primeira vez.

O panorama, que se abraça do ancoradouro, é uma vasta campina, muito pouco elevada acima do nivel do mar, terminada ao oriente pela povoação, e ao occidente por uma montanha (*el cêrro*) coroada d'uma fortaleza e d'um farol.

A cidade, fundação hespanhola que não conta ainda seculo e meio de existencia, mostra no agglomerado de seus edificios — pequenos, regulares, e mui alvos — o typo das modernas construcções: engraçadas soteas e miradouros, coroando as habitações, formam uma outra cidade, aerea, aonde as senhoritas vem gozar no verão a briza suave da tarde, e no inverno os quentes raios do sol, tendo por tecto o firmamento, e debaixo dos pés os torpes calculos e lodosas paixões da humanidade. Crê-se vêr a côrte de Semiramis, passeiando por sobre os jardins de Babylonia. D'entre essas chusmas de edificios, ergue um templo o seu zimborio e as suas torres, como proclamando a elevação dos pensamentos divinos, sobre as idéas profanas. Em duas fortalezas á beira-mar fluctua a bandeira da republica, e em roda da cidade o mesmo pavilhão e o argentino.

Serei mais extenso na descripção do que vi n'estas paragens, porque o rio da Prata é menos conhecido dos portuguezes do que o Rio de Janeiro, a Madeira e os Açores — por onde passei de corrida com o leitor; — acrescentarei mesmo, que foram as gratas recordações d'esses lugares, que me incitaram a publicar os apontamentos de viagem, que hoje veem a luz da imprensa no Porto. — A veracidade do que diremos sobre os costumes do paiz, foi mesmo sanccionada por alguns orientaes e argentinos, que não deviam ter-se por muito lisongeados; e quanto ás notas que acompanham a traducção de al-

guns fragmentos no *Constitucional* de Montevideu, apenas advertem pequenas inexactidões, quasi todas em respeito á politica dos dous partidos. Fugirei quanto me seja possivel de tocar n'esse ponto, que aliás os leitores encontram mui bem desenvolvido em uma memoria publicada na *Restauração* de 18 de setembro ultimo, sob o titulo de — *Esclarecimentos á questão da guerra do rio da Prata, por um official da marinha portugueza.* Dous dias depois da chegada, descemos a um escaler, e aproamos á cidade.

Desembarcamos sobre uma ponte de madeira, lugar ordinario da communicação com o mar — e dirigimo-nos — como era de suppôr — á igreja-matriz, condecorada por nós com o pomposo titulo de cathedral, em razão da perspectiva lisongeira que apresenta ao navegante; — mas ai! os hespanhoes que levantaram este templo não foram os mesmos que elevaram o Escurial — nem herdaram dos arabes esta cidade, para santificarem uma mesquita, como a das mil columnas em Cordova. Não — aqui não ha a admirar nem architectura, nem esculptura, nem quadros dos grandes mestres — o ouro não denuncia os senhores do Mexico e do Perú — as torres e o zimborio, são rodeadas, forradas d'azulejo, do peior gosto — poucas e pobres as obras de madeira — alguns quadros toscos na sacristia. — Apenas o baptisterio, obra de marmore e trabalho italiano, que tem esculpida a recente data — 1842 — póde fixar por alguns minutos a attenção do viajante.

Sahindo da igreja, passámos a percorrer a cidade em todas as direcções — é pequena. As ruas são quasi todas cortadas perpendicularmente por outras ruas, formando quadras mui regulares; porém poucos edificios teem segundo andar, e não sei se algum terceiro. O bello effeito das sotêas e miradouros, ainda se repete dentro da cidade — é uma impressão phantastica.

Não procureis construcções notaveis por qualquer maneira em Montevideu, que não as encontrareis — é uma cidade puramente republicana nos seus edificios — a irregularidade ahi está escripta em cada porta, em cada ventana, em cada pateo, e em cada um de seus jardins ambulantes.

Fatigados de passeiar, procuramos o *hotel do Commercio,* que nos fôra indicado como lugar mais proprio para achar um bom jantar — e depois de termos passado duas ou tres horas alegremente a julgar do merito do seu cozinheiro, dispozemo-nos a começar as nossas visitas.

A primeira senhora a quem tivemos o gosto de sermos apresentados, nos deu a mais vantajosa idéa do bello sexo oriental: era uma joven de dezesete annos, d'um perfil regularissimo; brilhantes e buliçosos olhos negros — tão negros como os seus lustrosos cabellos — pequenas e alvas mãos torneadas, pezinhos arrebatadores — e d'uma elegancia ao mesmo tempo grave e voluptuosa. — Quem a visse então, como nós, passeiar um olhar perscrutador sobre os estrangeiros que a cercavam, e amortecer

docemente esse mesmo olhar, no momento em que era observada por algum d'elles — descahir languidamente o corpo — tão airoso — sobre o sophá, apoiando os pés em um feliz tamborete... oh! sentir-se-hia fascinado, exclamaria como eu: — É um anjo ou um demonio! — E se lhe dissessem ao ouvido, como então me disseram: — Nada d'isso; é uma mulher como todas as do Prata, elegante, viva e acariciadora dos estrangeiros — responderia ainda como eu, uma só palavra: — Incredulo!

O companheiro de viagem que me dirigiu aquellas palavras, já havia estado em Montevideu alguns annos antes — o meu enthusiasmo provocou-lhe o riso. — Ora devo acrescentar, para descargo de consciencia, que eu não tinha então mais de vinte e tres annos.

Porém não vades julgar que todas as mulheres em Montevideu, são como esta fada, que vos delineei — não. Eu, que sahi do Prata, sem deixar o coração enredado nas aureas ou negras tranças d'alguma das suas nymphas (como diria um arrebicado seiscentista) — posso fallar desapaixonadamente. As orientaes do Uruguay são, em geral, bellas sem serem formosas, e elegantes sem primor. — Não encontrareis alli senão raramente — o rosto assetinado da parisiense, a alvura da ingleza, e lindo pé da andaluza — e o seu trajo todo no gosto francez, vos fará lamentar a ausencia da mantilha hespanhola. Quanto a caracter, teem a mais bella apparencia: — as *senhoritas* fazem-se respeitar sem ceremonial,

e conversam tão francamente com os estrangeiros, como fariam com um amigo de infancia — são as suas maneiras affaveis, que sobretudo os enfeitiçam: — de resto, mais amaveis, geralmente fallando, do que as europêas, teem com ellas um ponto de contacto — é serem muitas vezes falsas.

Vamos concluir o passeio do primeiro dia, e ficará para outro capitulo o mais que observei nos subsequentes.

Ao pôr do sol dirigimos os passos á linha de defensa. Como a cidade está edificada em uma lingua de terra, o numero dos reductos era mui limitado, e d'um volver d'olhos se abraçava toda a fortificação — nada ahi havia de notavel. É este o passeio ordinario das senhoras; triste sem duvida, porque só se observam ruinas de bellos edificios, alguns mesmo não concluidos, quando principiou o cerco em 1843... mas se não ha outro? — O que nos fez mais sensação n'este lugar, foi vêr homens de todas as idades e de todas as nações, armados de varias maneiras — sem uniforme, sem sapatos, quasi sem pão e sem tabaco — francezes, inglezes, portuguezes, hespanhoes e italianos, imberbes e decrepitos, de 12 até 70 annos — de mistura com uma porção de negros, tambem armados, e que por isso deixaram de ser escravos... eram os unicos que sabiam por que se batiam! — Aquella reunião de miseraveis, esfomeados e blasphemando — fazia lembrar a escoria do povo romano clamando pela lei agraria em Monte-Sacro.

*

Visitámos ainda algumas *senhoritas* essa noite, apresentados pelos officiaes da corveta *D. João I,* que durante uma estação de tres annos, haviam contrahido relações com muitas das familias da cidade. Fomos recebidos em toda a parte com mostras da mais cordial franqueza. Seis dias depois fazia-se de vela a fragata demandando a costa d'Africa, d'onde regressaria a Lisboa, tendo dado uma volta inteira em roda do Athlantico.

E com effeito ancorou no Tejo a 31 de outubro de 1845.

Porém eu havia ficado em Montevideu na corveta *D. João I* — por motivos que nada interessam ao leitor — demorar-me-hei alli alguns mezes, podendo assim fazer mais amplas observações na cidade e cercanias, como verá quem lêr o seguinte capitulo.

E o Pampeiro ? — De todo me ia esquecendo o fallar d'esse genio mau do Prata, que sob a fórma de uma tempestade, se arroja das montanhas dos Pampas sobre este rio, estendendo seu poder até á costa do Brazil: — é magestoso e solemne o bramir d'esse executor da ira divina — torvo e sinistro o colorido que elle da ás aguas do rio, com o lodo que lhes arranca do fundo. — Ai do pobre navio descuidado a quem rebentou a ultima amarra, que lá vai fazer-se pedaços n'alguma praia! Felizes os naufragos se podem salvar a vida.

Mas, com quanto seja medonho o aspecto d'estas tempestades, não me parecem dignas de occupar

— como acontece — um lugar mais distincto nas relações dos navegantes, do que os outros temporaes fortes de qualquer parte do mundo.

Já não ha Adamastores que prestem, nem Hercules que saibam defender as entradas dos seus dominios!

V

Ainda Montevideu. — Cercanias da cidade. — Costumes

Conduzirei o leitor a uma casa qualquer de Montevideu — em todas ellas encontrará a mesma amabilidade, o mesmo espirito nas senhoras. Entrai, que já nos convidam a tomar lugar alternadamente com ellas — e depois do estylo: *Usted gusta de Montevideu?* a que respondereis affirmativamente, como é de suppôr — seguir-se-ha o lamentarem o estado da guerra, que difficulta as reuniões, já pela ausencia de muitas familias, já pelo desgosto de outras. — Em tempo de paz, vos dizem ellas com uma graça toda castelhana, ha continuamente tertulias em Montevideu, ainda que mui poucos bailes formaes... Oh! se *usteds* viessem n'esse tempo, divertir-se-hiam muito! E os seus grandes olhos pre-

tos se animam sobre aquellas faces morenas, que um sorriso voluptuoso vem nacarar ligeiramente.

A palavra *tertulia* é electrica para as mulheres de Montevideu — não assim para os homens... porém que são os homens n'este paiz? — Não recebem as visitas dos estrangeiros, nem mesmo sabem ás vezes quem frequenta a companhia de sua mulher e de suas filhas — e não é difficil que um forasteiro, depois de ter passado vinte ou trinta serões em casa das *senhoritas* de *** — veja casualmente na rua um homem, que lhe apontam como pai ou irmão das ditas senhoras, com quem vive na mesma casa e na melhor harmonia.

Referirei aqui um facto succedido, durante a minha estada no rio da Prata, que vem perfeitamente ao caso.

O snr. *** é um homem sisudo, casado com uma senhora estimavel, que lhe deu quatro filhas encantadoras; a sua casa é muito frequentada pelos estrangeiros, e passam-se ahi deliciosas noites. Ora, acontece que um dia recolhendo-se o snr. *** mais cedo que de costume, se lembrou de entrar na sala — o que mui poucas vezes faz; os estrangeiros porém que não eram *des habitués de la maison,* nenhuma attenção deram ao recem-chegado, e as *niñas* continuaram alegremente a conversação. O homem, ferido no seu amor-proprio, levanta-se arrebatado e vai topar com um compadre seu, que assomava á porta: — Que é isso, compadre? — lhe brada este ao vêr a afflicção do snr. *** — Que ha-de ser?

— responde aquelle mui colerico — está a sala cheia de *carcamanos* que veem namorar minhas filhas, e que fizeram tanto caso de mim quando lá entrei, como d'um criado que fosse servir copos de agua.

Eis-ahi um typo de chefe de familia em Montevideu; inutil e desconhecido ao estrangeiro, lega geralmente ao sexo amavel o cuidado de fazer as honras da casa ao visitante.

Do que deixamos referido, talvez tire uma consequencia bem errada o leitor, que não presenciou ainda este bello trato, resultante da educação hesponhola — pensará talvez que Montevideu é uma cidade digna do fogo celeste... pois engana-se. Em que peze a maldizentes e invejosos, proclamaremos a honestidade das *senhoritas* do Prata — e direi mais ainda, para vergonha e confusão de europeus ingratos, que encontrei alli uma mulher-typo, como se póde figurar nos sonhos mais dourados o mais apaixonado amante, como se vêem delineadas nos mais patheticos romances. — Quereis um documento d'esta verdade? ouvi as palavras d'um atheu ácerca d'esta maravilha:

— Não creio em Deus, nem acreditava nas mulheres — me disse elle em tom solemne. — Tenho visto alguma cousa do mundo: na Europa aonde nasci, sob as palmeiras da Asia, sobre as areias africanas; tenho encontrado mulheres com rosto de anjo, tenho-as estudado, e tenho conhecido que — aquella mascara celeste cahe ao sôpro da lisonja, do capricho ou do ouro... algumas vezes — poucas —

do amor! Mas hoje, na America — em Montevideu, eu creio n'essa virtude que não podia comprehender... encontrei finalmente uma mulher perseguida e resignada, — accusada de infidelidade e fiel, — conservando intacta a honra de dous nomes, um herdado — e respeitavel! — outro adquirido a contra-gosto seu... É muito! — Desejava fazer patente o seu nome; mas quem me authorisou a levantar o véo sagrado, que ella lançou sobre a sua corôa de martyr? — Só Deus o poderá mandar.

Porém este devaneio já cheira a romantismo, e todos sabem — ou devem saber — que o romantismo é um dos maiores peccados d'este seculo, já de si tão peccador; por consequencia regressemos ao positivismo.

Ha na cidade um theatro — não bom — porém melhor que qualquer dos nossos — do Salitre, rua dos Condes, ou Gymnasio, — onde representam algumas sociedades de curiosos lyrico-dramaticos francezes, italianos, hespanhoes e americanos. — Estão lançados os alicerces de outro theatro muito espaçoso.

Havia uma praça de touros, que foi derribada para construir uma bateria, — falta que eu senti bastante, porque, contra a opinião de todos os philosophos e philanthropos — nascidos e por nascer — gosto muito d'uma corrida de touros.

A policia, durante a noite, é feita pelos *serenos;* estes homens, envoltos em uma ampla capa negra e armados de lança e lanterna de furta-fogo, teem um

aspecto mysterioso; ao começar da noite apparece cada um em seu quarteirão, e não se somem antes de romper o dia; — são uma especie de morcegos. Vigiam pela segurança das casas no seu districto, e não consentem a estranhos demorar-se perto de alguma porta, assim como avisam as familias que, por descuido, teem deixado alguma janella aberta até deshoras; — conhecem todos os visinhos e as visitas mais frequentes de cada casa. — O estrangeiro, que ignora o caminho para a pousada d'um homem a quem tem precisão immediata de fallar, dirige-se a qualquer *sereno,* indica o nome e a rua em que a pessoa que procura reside; — o *sereno* apenas informado passa a entregal-o ao seu companheiro do quarteirão immediato, — aquelle a outro e assim successivamente até que é levado á porta da habitação que procura.

De trinta em trinta minutos o *sereno* annuncia em alta voz — a hora e o estado atmospherico; — quando se está distante — em um navio surto no porto, por exemplo — produz aquella voz uma sensação melancolica, parece o lamento d'uma victima.

Custa a crêr como tenho escripto tantas paginas sem fallar do *mate,* d'esta bebida que é para os povos das margens do Prata, como o café para os turcos — um vicio, uma necessidade. O *mate* é uma herva do Paraguay, de que se faz infusão, semelhantemente ao chá, misturando-lhe assucar e algumas vezes leite; lança-se em um pequeno globo ôco, ao qual se applica um tubo de prata ou de outro metal

— *la bombilla* — e toma-se da mesma fórma que se fuma por um cachimbo. A mesma *bombilla* serve a todas as pessoas presentes. É necessario sorver de espaço, para não se escaldar, e por consequencia divertir as *senhoritas* que não perdôam essa falta de experiencia ao recem-chegado; — é como uma surriada ao novato em qualquer das nossas escólas.

E já que o *mate* é tomado até aos confins das republicas do Prata, o fallar d'elle nos sirva de transição entre a cidade que vamos abandonar, e o campo que vai receber-nos.

Nas vastas planicies que cercam a cidade, nada ha que admirar. Campinas razas a perder de vista no horisonte, cobertas aqui e alli por bastas manadas de gado, algumas casas, soltas, de pouco lisongeira apparencia, uma ou outra quinta em desalinho, — eis-ahi tudo.

A melhor casa e quinta que se encontra nas cercanias de Montevideu, pertence a um portuguez — é situada á margem do *Miguelete,* riacho que caminhando por um acanhado leito se vem precipitar no Prata, não longe da cidade — depois de ter percorrido uma grande extensão de paiz em sinuosas voltas, semelhantes ás roscas d'uma serpente-gigante. — Algumas vezes, durante o cerco, fui recebido hospitaleiramente n'aquella casa pela familia do caudilho D. Manuel Oribe, que então a occupava. Aproveitarei esta occasião para confessar gostoso que — em todas as casas que frequentei no campo e na cidade,

pelas familias dos mais encarniçados sectarios d'um ou outro partido — fui recebido perfeitamente.

Seja-me licito registrar tambem aqui um protesto de gratidão eterna para com duas senhoras hespanholas — cujo carinho de mãi, cuja franqueza de irmã me tornaram tão suave o viver do exilio. Aceitem, ellas que me conhecem, este tributo de sincera amizade, enviado cá de tão longe pelo *marino* portuguez.

Tres lugares distinctos ha nas proximidades de Montevideu, que fixam as attenções do viajante, e que são como as balizas da demarcação d'esse territorio. — A oeste o *Miguelete,* que tomou a denominação do riacho que o fertilisa — no centro o *Corrito,* pequena eminencia defendida por uma bateria, e em roda da qual acampava o exercito sitiador, quando eu a visitei; — a éste o *Buceu,* pequeno porto, desabrigado, semeado de escarcéos, e com pessimo desembarque, era a via de communicação maritima dos *blanquillos* antes que as esquadras francezas e inglezas reunidas o bloqueassem; desde esse momento os navios mercantes fizeram-se á vela, e a alfandega mudou de pouso.

O aspecto das tropas nacionaes é grotesco: usam de gorros á hespanhola, jaqueta escarlate, calça branca franjada na parte inferior, — e alguns de um pano envolvendo alternadamente cada uma das pernas, do joelho para cima, o que não os impossibilita de montar a cavallo — dão-lhe a denominação de *chiripá.* Desde o general até ao soldado,

todos usam por sobre as outras peças do uniforme, uma especie de capote azul, aberto pelos dous lados e forrado de vermelho; este sobretudo, a que chamam *poncho,* é o signal caracteristico dos habitantes do campo, desde as margens do Prata até á cordilheira dos Andes. — Nota-se bastante ferocidade n'estes homens, o que é sem duvida proveniente do costume em que estão, de vêr matar todos os dias muitissimo gado — para exportar os couros, principal ramo do commercio do Prata — por isso não é estranho vêr, mesmo um chefe, degolar de sua propria mão um prisioneiro de guerra! — por vergonha da humanidade, ainda alli se faz uso — e frequente! — do horrivel castigo da *estaca.* Esta barbara execução, de que outr'ora já se abusou tanto na Europa, consiste em segurar a quatro estacas cravadas no terreno, as mãos e os pés d'um homem, por meio de tiras de couro de boi, molhadas: o sol, que não tarda em seccal-as, e por consequencia encolhel-as — faz distender com dôres infernaes os membros do infeliz — e o estertor do moribundo substitue em breve o lamentar do condemnado.

Concluimos, quanto a Montevideu e seus contornos; — que nos desculpem se fomos exagerados ou demasiadamente extensos.

VI

Navegação do Prata. — O banco de Ortiz. — Buenos-Ayres

No dia 17 de novembro largamos de Montevideu com destino a Buenos-Ayres.

A navegação do Prata é difficil pelos muitos baixios que se encontram, mesmo na pequena parte navegavel para embarcações de maior lote. Um piloto é indispensavel.

Tomou-se um, que fôra indigitado como apto, para dirigir a corveta; — era portuguez, e os seus papeis estavam em regra. Seguimos, rio acima, ao som do monotono bradar do prumador, que annunciava com pequeno intervallo de tempo — as braças de fundo que ia encontrando.

— Quatro braças e meia — dizia o marinheiro ao soarem as cinco horas da tarde do dia 19. — E o

piloto subia a enxarcia para reconhecer a terra que a nebrina começava a descobrir por estibordo.

— Tres braças e meia — continuava o prumador, quando já o piloto descia apressado: porém no momento d'este soltar a voz para mandar orçar, bradava aquelle: — Tres braças escassas.

E o navio levantou á superficie da agua uma columna de arêa, estremeceu, deixou ouvir um som rouco que parecia partir da quilha — e ficou parado, com todo o seu pano cheio.

— Mestre pratico — bradei eu — que é isto?...

— O navio que varou — respondeu o piloto com uma expressão onde se pintava a estupidez e o susto.

— E agora?

— Se o vento não vier a mais e a agua crescer, não ha perigo.

Tres dias estivemos sobre o banco de Ortiz (que é n'esse lugar que encalhára a corveta) — pouparemos o leitor á fastidiosa descripção das diligencias repetidas que fizemos para a salvar — bastará que imagine qual seria a deliciosa vida que passariamos — trabalhando constantemente, sem dormir, quasi, sem comer; lançando ao mar — mantimentos, agua, ferragens, material de guerra, tres mil balas, e por fim a artilheria... Oh! fôra mister ser completamente egoista para deixar de commover-se diante d'aquelle quadro! — Os canhões, primeiro distinctivo do navio de guerra, sahindo de bordo para serem lançados ao mar, lá bem longe de nós — como se a corveta houvera commettido algum crime, pelo qual

fosse exautorada das honras militares!... E, depois, todos nós nos haviamos encostado cem vezes áquellas peças; haviam sahido da patria no navio — devia ser uma scena bem triste! lembrou-me o desconsolo de uma pobre familia ao sequestrarem-lhe os moveis que tem para ella dôces recordações, — e quasi chorei ao desapparecer a primeira caronada, como se fôra a poltrona em que meu velho pai tivesse d'uso sentar-se.

Durante a noite de 21 para 22 conseguimos finalmente quebrar as algemas que nos lançára Ortiz, e cuidando em não fugir do canal, navegamos até avistar as torres da colonia do Sacramento. Esta cidade, que foi possessão nossa — como Montevideu — está tambem situada na margem septentrional do Prata: importante como ponto commercial, não merece todavia o pomposo nome de cidade com que a adereçaram, pois que é apenas como uma villa europêa de segunda ordem quanto aos edificios — hoje arruinada, pobre e profanada pelo saque, incendio e desacato dos vandalos do sul que a invadiram.

D'alli partimos a demandar a margem do sul, aonde está assentada a cidade de Buenos-Ayres, antiga séde do vice-reinado-hispano, do Prata, e hoje cabeça da confederação Argentina. Como a terra é muito baixa, não pudemos avistal-a até á noite, porém enxergava-se no horisonte um indicio certo da sua proximidade: era uma fragata ingleza ancorada, como acontece por toda a parte do mundo.

No dia 23 entrámos no porto: nem um só navio

de commercio existia alli, — n'aquelle lugar aonde um mez antes ancoravam centenares de embarcações de todos os lotes e de todos os paizes; — ao largo, uma fragata e uma corveta inglezas fechavam por um lado o porto, — e pelo outro uma corveta e uma escuna francezas demonstravam que a França e a Inglaterra combinadas, resolveram bloquear estrictamente este porto, o mais importante da confederação. Por entre o arvoredo que circumda a cidade, appareciam d'um lado alguns tôpes de mastros; — eram embarcações pequenas do commercio de cabotagem subtrahidas aos cruzadores dentro do *Riachuélo,* pequeno rio que desagua n'aquellas cercanias.

O aspecto da cidade encarada do porto e em seis milhas de distancia onde nós ancoramos — apresenta a pouco magestosa vista d'uma povoação edificada em planicie, — é uma linha de habitações semelhantes, interrompida aqui e alli por alguns campanarios, que se erguem para o céo — como as preces do povo que se lhes arrasta ao sopé, e que geme escravo, desmoralisado e pobre, sob a toga republicana.

Na tarde de 25 dirigi-me para terra em uma baleeira, — embarcação propria d'aquelle porto, demandando pouca agua, — e ao aproximar da praia, vi caminhar para nós um carro tirado por dous cavallos, e entrar no rio até encostar-se á baleeira; saltei para dentro d'elle, e fui apear-me commodamente no meio da praça. *La carretilla* é o meio usual de

communicação entre a terra e o mar; talvez muitos dos leitores ignorassem que havia um lugar no mundo aonde se desembarca em carruagem; e assim se carregam e descarregam os navios.

O lugar do desembarque é um passeio assombrado de arvoredo, e que se prolonga pela margem do rio em grande extensão; chamam-lhe *L'alameda*. É o lugar de reunião nas tardes calmosas.

Dirigimo-nos (eu e outros officiaes da corveta, novos companheiros das minhas aventuras) a casa do encarregado de negocios de Portugal, e fômos recebidos pelo snr. Leite d'Azevedo, como o são todos os nacionaes e estrangeiros que buscam a sua pousada, com um requinte de delicada franqueza. Apresentou-nos immediatamente a sua filha, e tivemos então lugar de reconhecer quanto era exacta a descripção que nos tinham feito da sua extrema amabilidade: — a maneira graciosa por que fui sempre recebido n'essa casa, ficou eternamente recommendada á minha gratidão. — O snr. Leite teve depois a bondade de apresentar-nos em casa do governador e capitão general da provincia — o celebre e mysterioso D. João Manuel de Rosas — porém não nos foi possivel fallar-lhe: o que tem acontecido a pessoas de todas as categorias, e que hão vivido largos annos no paiz. — Sua filha D. Manuela, cujo caracter é o mais puro contraste d'aquelle genio incommunicavel, e de que a amabilidade se tem tornado proverbial, como é proverbial a rigidez de seu pai, — nos recebeu sem ceremonial, sem etiqueta alguma,

*

convidando-nos a ir passar na sua casa e quinta, as horas que tivessemos desimpedidas de quaesquer afazeres.

Fôra desnecessario dizer que não olvidamos aquella offerta, nos poucos dias que nos demoramos alli.

Manuelita Rosas é uma senhora alta, muito elegante, e se não de extrema formosura, pelo menos adornada de olhos expressivos, e tez reveladora de engenho; — d'um espirito superior, de mui regular instrucção, sem orgulho pela alta posição de seu pai — dictador da America do Sul — ella recebe os estrangeiros de todas as classes, sem que seja necessaria mais apresentação do que um simples bilhete de visita, levado pela propria pessoa.

O caracter das senhoras argentinas é mui conforme ao das orientaes do Uruguay, apesar de que existe entre ellas grande rivalidade, — como acontece sempre entre povos limitrophes. O leitor achará nos antecedentes capitulos os pormenores d'este caracter.

Buenos-Ayres, velha fundação hespanhola, é uma cidade regularissima, em que as ruas se cortam todas em angulos rectos, deixando entre si espaços perfeitamente iguaes; mais extensa do que Montevideu, é comtudo muito menos bella; quanto ao interior dos edificios seculares são semelhantes. — Os templos, cujo numero é assás crescido, não nos revelam tambem, como a matriz de Montevideu, a poderosa vontade e devoção dos senhores reis das

Hespanhas e das Indias. — A cathedral, primeiro templo que visitamos, e que nos fôra recommendada como uma fabrica sumptuosa, não é mais que um monstruoso agglomerado de irregularidades architectonicas; a abobada é mui baixa e sustida por columnas branqueadas de cal com seus capiteis dourados, e a entrada unica é por um dos lados da nave, porque a facliada principal que ornam algumas columnas de tijolo, erguidas em massa — como se vê em alguns theatros da Europa — não está ainda concluida, e as portas permanecem entulhadas. Esta facliada fórma um dos lados da praça principal (Plaza de la Victoria), sendo os outros tres occupados por edificios publicos, assentes sobre arcadas que formam um passeio acobertado em roda do largo; no meio está uma tosca pyramide cercada de marcos de tijolo, e gradeada de ferro: é o monumento da Independencia; chamam-lhe a *Pyramide de maio*. — O dia 25 d'esse mez é o anniversario da sua emancipação politica, e por isso estenderam a todo elle o nome de *Mez da America*, em substituição de maio. É notavel a coincidencia que teem n'esta eliminação — os argentinos com os nossos algarvios.

Os outros templos que visitamos, e que são os principaes da cidade, a saber S. Domingos, o Collegio dos Jesuitas, Nuestra Señora de las Mercedes e S. Francisco, são vasados no molde da cathedral, dão idéa d'um celleiro, hospital, ou quartel de tropa grandiosos, mas não d'um templo christão; falta-lhes aquelle aspecto grave dos mosteiros go-

thicos, são demasiadamente brancos e alegres, para incutirem o religioso recolhimento que faz elevar preces fervorosas, e leva a contrição aos intimos seios da alma; — apenas o ultimo d'aquelles templos (S. Francisco) por menos rebocado e caiado, se conforma d'alguma maneira com os mysterios da nossa igreja.

Em S. Domingos ha cinco bandeiras inglezas pendentes da architrave, como trophéos da confederação argentina, — e na cathedral fluctuam quatro bandeiras brazileiras, e dezoito hespanholas, tomadas a seus antigos possuidores; estão quasi todas rotas e chamuscadas, e em uma d'ellas se lê ainda a custo: Viva Fernando VII.

Todos os confederados trazem uma fita vermelha em roda do chapéo, e no lado esquerdo do peito alli selê: — Viva a confederação Argentina, e morram os immundos e asquerosos selvagens unitarios! — D'esta regra não são exceptuados os frades, os meninos, nem as senhoras, que mesmo em casa trazem sempre o *distinctivo federal*, preso no cabello.

Aquelles pertencem á *Sociedade Popular*, a quem os unitarios chamam *Mashosqueiros*, ou assassinos — trazem tambem no chapéo um pequeno penacho vermelho; — emigrados da republica oriental do Uruguay acompanham a fita escarlate de outra branca — como usa toda gente no acampamento do exercito de Oribe.

Ainda mais — o que é incrivel! — os actores não

representam sem divisa federal, — e Carlos Magno, Barba-rôxa, ou Cromwel, Boadicéa, Lucrecia e Joanna d'Arc — se ostentam federaes antes da independencia americana, e até mesmo antes de descoberto o Novo Mundo!... ao levantar do pano apparece no tablado um actor, e brada a bom bradar: *Viva la Confederacion Argentina, mueran los salvajes unitarios, viva el señor gobernador — brigadier-general D. Juan Manuel de Rozas, etc.* — e torna a baixar o talão. — Depois começa o espectaculo annunciado pelos cartazes.

Não julgará o leitor que estamos redigindo uma relação de viagem no gosto das de Gulliver?...

Que se afigure o effeito que nos produziria, ao atravessar a cidade em noite escura, — sentir romper o silencio uma voz aguda, cantando com monotona toada: — *Viva la federacion, mueran los salvajes unitarios, viva la Representacion! — Son las once y media, y... sereno.* — Era o vigilante ou *sereno,* — que como em Montevideu como na Hespanha — annunciava as horas, precedendo essa noticia d'aquelle prologo, segundo a ordem; armado, não de lança, como nos citados paizes, mas de espingarda e cartucheira como os nossos guardas-municipaes. Estes homens constituem em Buenos-Ayres um corpo de tropa regular, mui bem disciplinado, e que faz a policia da cidade com uma perfeição admiravel.

As portas e janellas são pintadas de vermelho (côr federal) — e em todas as lojas, nos jornaes e

nas cartas particulares, se lêem os vivas e morras — que deixamos mencionados; — até no cemiterio publico fomos descobrir escripto sobre os tumulos — *Viva la federacion.* — Além da campa chega o enthusiasmo pela liga.

E é por causa d'estas excentricidades que se tem inventado historias maravilhosas, tetricas, inconcebiveis a respeito da familia Rosas e seus agentes; succedendo — o que é mais raro! — serem acreditadas por pessoas mediocremente instruidas. Um semi-diplomata me perguntou um dia com toda a seriedade se — era certo tocar-se a degola em Buenos-Ayres, todos os dias logo que anoitecia!!!

Aproveitemos os poucos momentos que podemos demorar-nos em terra, buscando vêr o mais notavel do paiz — que a sahida está por breve.

Os passeios mais curiosos que ha nas cercanias de Buenos-Ayres, são: uma excursão pela margem do *Riachuelo* cuja corrente tortuosa e pouco abundante entra no Prata em um lugar mui pitoresco; ou o caminho que conduz á quinta do governador, tambem á beira do rio, mas do outro lado da cidade.

Esta quinta, situada em um lugar denominado *S. Benito de Palermo* está uma legua distante da cidade; é cultivada cuidadosamente sob a direcção de Rosas, e tem um soffrivel jardim — distracção de D. Manuelita! — uma casa não coucluida para habitação do governador no estio, e algumas barracas para diversos misteres, imitando a tosca construcção das choças dos *Gaúchos.* — Á beira do rio está um bri-

gue que o temporal para alli arrojou, transformado em habitação terrestre, direito e bem escorado para resistir ás enchentes do Prata. Não tem genero algum de luxo, apesar do soberbo nome *Buque-Palacio* com que é decorado pelo povo. — De resto o que o europeu encontra alli mais digno de fixar-lhe a attenção, são as manadas de abestruzes que lhe cruzam o caminho nas proximidades da quinta.

Porém se as bellezas naturaes não abundam n'este lugar, a vontade d'uma mulher — prodigiosa como a vara d'uma fada — sabe transformal-o em uma mansão de delicias! — Manuelita Rosas, apresenta-se alli cercada de suas jovens e encantadoras amigas, seguida de estrangeiros a quem convidou para um passeio a cavallo, limitado por esta quinta, mas quando elles já crêem acercar-se o momento da retirada — os accordes do piano os chamam ao salão... é um baile improvisado! sem etiqueta, sem a monotona circumspecção do sarau da cidade, — alegre e risonho como uma festa campestre.

A contradança hespanhola, séria como um *hidalgo*, é seguida pela quadrilha franceza, leviana como um *dandy* — e ao delirio da walsa succede o circumspecto minuete, depois a polka, idolo das argentinas.

E os homens vem dar uma serenata sob os balcões da sala que abrem sobre um elegante jardim, recordando os tempos cavalleirosos das Hespanhas — e as *senhoritas* agradecem com uma dôce e voluptuosa canção castelhana — e os bons ditos circu-

lam. Só se trata de prazer, todos os soffrimentos ficam em completo olvido.

Assisti a um d'esses festins, em que encontrei um attractivo magico, — não seria capaz de descrevel-o, mas tambem não me será facil riscal-o da memoria. Não tinha visto ainda, nem tornei a vêr, uma tão ruidosa expansão de alegria entre gente de boa sociedade... ultimas classes do povo, parecem quasi sempre entregar-se mais vivamente ao prazer d'uma festa.

Passou-se deliciosamente essa noite — a de 5 de dezembro — graças a D. Manuelita Rosas, a essa amavel senhora, tão grosseiramente calumniada pelos inimigos politicos de seu pai — comparada por elles a Medêa, e a Lucrecia Borgia... Infames! — O respeito que consagro áquella excellente senhora, me impede de dizer uma só palavra em sua defeza, receaaria offendel-a, e cahir no seu desagrado, se um tal escripto lhe passasse por ante os olhos, remetterei pois os meus leitores para algumas circumspectas relações de viajantes desapaixonados, que em França e Inglaterra teem escripto sobre Buenos-Ayres.

E tratarei de concluir este esboço, em que demasiado me alarguei.

Ha na cidade uma pobre bibliotheca, e um museu em que avultam como primeiras raridades — o chapéo, farda e espada de *Rivera* — a espingarda com que foi morto o general *Lavalle* — as *bolas* com que laçaram a *Paz,* e uma chamada *maquina infernal,* caixa de 16 tiros, enviada ao general Rosas,

com a intenção de assassinal-o, porém que não disparou na occasião de ser aberta por D. Manuelita.

A camara dos representantes da republica é uma especie de theatro, em que o presidente e secretarios occupam o tablado, os deputados a platêa, e o povo os camarotes.

Ha nos usos e costumes uma tal analogia entre Buenos-Ayres e Montevideu, que o leitor poderá avaliar d'aquelles, pelo que fica escripto nos anteriores capitulos a respeito d'estes; assim se livrará do trabalho de lêr uma repetição, evitando-nos a semsaboria de copial-a, e deixando-nos o passo livre para largarmos aquelle ancoradouro, e seguirmos rio abaixo em cata de novas aventuras.

VII

Regresso a Montevideu e ao Rio de Janeiro. — Santos

No dia 14 de dezembro de 1845 largamos de Buenos-Ayres.

Conduziamos duzentos estrangeiros de varias nações, homens e mulheres, que deixavam aquelle paiz em consequencia do bloqueio anglo-francez, e aproveitavam a occasião d'uma passagem gratuita.

A 16 chegamos a Montevideu: — a 31 vimos pela ultima vez nascer o sol por entre as torres da cidade; já iamos velejando.

E no dia 16 de janeiro de 1846 davamos fundo no Rio de Janeiro.

Seria abusar da paciencia do leitor se voltasse novamente a fallar-lhe d'essa cidade, que metade

dos portuguezes conhecem tão bem como eu. — Entretel-o-hei da minha ida a Santos.

O imperador do Brazil andava viajando pelas provincias do sul, e ao cabo d'uma longa excursão resolveu embarcar em Santos. O commandante da *D. João I,* de combinação com o nosso ministro da côrte do Rio de Janeiro, assentou em ir com a corveta esperar, e acompanhar o imperador no seu regresso á capital. E assim se fez; velejamos... creio que no dia 10 d'abril, e a 12 estavamos ancorados na embocadura do rio de Santos ao lado d'uma fragata, duas corvetas e um brigue-escuna da marinha de guerra brazileira. Como a partida de sua magestade estava annunciada para o dia 14, era necessario aproveitar o unico dia que nos restava em visitar o paiz. Na manhã de 13 partimos por consequencia para terra.

O rio de Santos, na provincia de S. Paulo, é como um tapete de lhama de prata, lançado negligentemente sobre uma planicie de verdura.

Estreito, mas fundo, abrigado de todos os ventos, presta por mais d'uma legua facilima passagem aos navios de qualquer porte, que por entre duas fileiras de matto rasteiro seguem o capricho das aguas em seu leito de graciosos contornos. Encravado no rio, o viajante não descortina passagem que o leve fóra do continuo circulo de vegetação em que se acha; e mais ao longe — e por toda a parte — os recortes de altas montanhas parecem negar-lhe a communicação com o oceano.

Ao cabo d'uma legua de navegação, encontra-se a cidade de Santos, assentada na margem direita do rio. Durante o trajecto — mui poucas casas penduradas nas montanhas, ou banhando-se na praia, duas fortalezas meio arruinadas, e alguma canôa de negros — indicam apenas a passagem do homem por aquelles lugares. Navios de varias nações, surtos em frente da cidade, demonstram todavia que ha ahi movimento commercial.

A cidade é — como póde suppôr quem a não viu — uma pequena povoação de provincia, em que nada ha a mencionar quanto a monumentos d'arte; disseram-me porém que em uma capella das cercanias existe uma imagem da Virgem que anda em fôro de milagrosa, e cuja provecta idade a recommenda, pois se diz trazida de Portugal pelos primeiros povoadores d'aquelle paiz, que foi o primeiro lugar do Brazil colonisado pelos portuguezes, sob o nome de capitania de S. Vicente.

No dia da minha chegada estava a cidade adornada festivalmente; bandeiras e galhardetes fluctuavam sobre algumas casas, razes e damascos pendiam de varias janellas, foguetes e salvas d'artilheria denunciavam a aproximação do imperador, que chegava n'esse momento da cidade de S. Paulo, capital da provincia. Á noite, arcos illuminados, entre os quaes sobresahia o dos subditos portuguezes na praça principal, e uma representação no theatro, completaram o divertimento do dia.

O theatro é bonito e não mui pequeno; estava

VIII

Torna-viagem — Fayal — Lisboa — Conclusão

Emfim, no dia 25 de maio d'este anno de 1846, largámos do Rio de Janeiro para Lisboa, com escala pela ilha do Fayal, para onde reconduzimos alguns d'esses pobres colonos, que julgaram ir buscar a fortuna ao Brazil, mas que regressavam tão pobres como haviam deixado os seus lares, tendo passado todo o genero de incommodos e vilipendios. A escassez das brizas só nos consentiu que tomassemos o ancoradouro da Horta ao cabo de 55 dias; ahi tivemos apenas uma semana de demora para refazer de aguada e mantimentos, quasi esgotados apesar da mais estricta economia. — Encontramos n'aquelle povo hospitaleiro o mesmo acolhimento que outr'ora; mas eu creio que nunca gostei tanto do

*

Fayal como d'esta vez! — Os seus campos pareceram-me mais verdes, o clima mais ameno, mais saborosos os fructos, e mais amaveis as senhoras... Illusão! — Ainda dez dias de viagem, e avistavamos a costa de Portugal, a terra d'onde andavamos expatriados depois de tanto tempo!

— Ella lá está! — clamava um — é terra de Portugal!...

— Não tem duvida — respondia outro risonho — d'esta vez sim!...

— Em que estado acharemos este pobre paiz? — acrescentava outro meditabundo.

E todos se penduravam pelos bordos para vêr a costa, que o sol começava a illuminar erguendo-se por sobre ella.

Contar a impressão que me causou a entrada do nosso Tejo aos habitantes das suas ribas — parece desmesurado gosto de escrever; mas não é assim. Tem-se pintado mil vezes, e com mão de mestre, as sensações do homem que se afasta de Lisboa, não assim os diversos pensamentos do que se acerca do Tejo: — tem-se descripto os objectos na proporção decrescente de grandeza e de luz, é necessario debuxal-os avultando, e avivando as côres. — Esboçarei esse grande quadro, e concluirei com elle a exposição d'esta viagem, que — bem o vejo — já vai demasiadamente larga.

Era na manhã do dia 6 de agosto. O norte soprava rijo, e a *D. João* costeava a terra na proximidade da *Roca*. Tomou-se um *piloto da barra*, ho-

mem musculoso, tez requeimada, e de linguagem patriarchal; vestido em um gibão de saragoça, a cabeça enterrada em amplo barrete catalão, e as pernas escondidas no bojo de botas impermeaveis, — o commandante e officiaes, os passageiros e maruja, véem ao portaló receber este homem com alegria, e acompanham-o ao tombadilho, fazendo-lhe mil perguntas, e attendendo ao mesmo tempo ás ordens que elle dá sobre a navegação; — o mestre pratico começa logo a fallar com uma volubilidade extraordinaria — ora sobre a maré que é de feição para entrar, ora sobre o novo ministerio, — já em respeito á carestia de pão, logo ácerca das eleições — e depois sobre os navios que entraram ou sahiram ultimamente. Passada a grande impressão, causada por este grave acontecimento, todos voltam a mirar a terra, repetindo um a um todos os nomes dos cabos, povoações, praias e montanhas que vão descobrindo. — Lá está a serra de Cintra com o seu palacio acastellado no topo, as vagas espreguiçando-se na praia das *Maçãs,* Cascaes e o seu castello, o pharol de *Cabo-Raso,* e emfim o Bugio, isolado — como um vedeta de Lisboa.

E a corveta segue, inclinando-se toda a estibordo, que o vento augmenta de força na proximidade da terra; — sob um céo puro como o de Napoles, por entre flocos de escuma que levantam as ondas quebrando-se nos baixios, entestámos com a barra, e lá nos apparece ao longe o pontal de Cacilhas que parece terminar a margem do sul do Tejo, domina-

da pelo castello de Almada; chegamos a S. Julião, orçamos a rasteár a lagea, e um panorama soberbo se nos descobre de repente.

São todas essas povoaçõesitas, que esmaltam graciosamente as campinas, desde á *Cruz dos Arrependidos* até á torre de Belem; — casas nobres encravadas entre formosas quintas de copado arvoredo, — o palacio de Ajuda, que, incompleto como está, mostra a grandeza de quem o mandou levantar, — e o mirante de Caxias, e as *Escadas de Jacob,* e S. José de *Riba-mar,* a *Boa-viagem* e Pedrouços... e sobre tudo isso a cidade, moldurada em montanhas alvacentas, que mal destacam da côr anilada do céo. Lá bem longe se erguem as torres e o zimborio da *Estrella;* as unicas torres elevadas, o unico zimborio que o viajante percebe ao acercar-se de Lisboa. Á proporção que navegamos, deixa a torre de Belem de encobrir a parte baixa da cidade: — o Terreiro do Paço, com seu soberbo monumento, parece entrar nas aguas a saudar os recem-chegados, e após elle o resto dos edificios que se estendem pela orla do rio até Alcantara.

Durante o transito fiz notar a uma passageira — senhora de variada instrucção — o aqueducto das aguas-livres, o convento e a torre de Belem; estes pareceram tocal-a pelo grandioso da architectura. Era a primeira vez que contemplava em vulto um monumento gothico, — não se fartou de miral-os. — Ainda bem que já estava destruido o barbaresco remendo de cal e arêa, com que haviam tornado a

torre mais *confortable!*... A outra passageira, que regressava á patria, eram os lugares de que lhe ouvira fallar durante a viagem, que eu mostrava com o dedo... E que reservava para mim?... a grata lembrança d'abraçar os meus, de ir emfim dormir uma noite sob o tecto paterno — pobre expatriado!...

IGNOTO DEO

I

A côrte de Affonso V

São passados quatro seculos sobre os successos que vamos narrar. Os corações que então palpitavam de amor, de ambição ou de orgulho esfriaram ha muito, e dos soffrimentos, das dôres, das agonias d'esses homens ninguem já cura hoje. Os principaes personagens d'este mysterioso drama, devem á elevada posição que o destino lhes assignou na escala social, a vantagem de seus nomes haverem chegado até nós, em citações passageiras de alguns chronistas; se tivessem nascido na humilde condição do romancista, que tenta agora applicar o galvanismo a seus mirrados cadaveres, fôra impossivel salval-os da podridão do olvido. Só Deus, porém, teria força para resuscitar o homem, animado do fogo das paixões que o dominaram; ao escriptor, que em bre-

ve será pó, como os seus heroes, apenas resta o poder de lhes emprestar uma vida ficticia, pondo em movimento as sombras dos que repousam na eternidade.

O sol de um formoso dia de 1447 inundava de calor e luz o palacio da Alcaçova, no castello de Lisboa, aonde se festejavam duas bodas reaes, e dava de chapa sobre o povo, que se apinhava no terreiro contiguo, para fruir o seu quinhão de prazer n'aquelle folguedo.

E não era a arraia miuda quem menos gozava. Não podia, é certo, subir a grande escadaria do atrio, e invadir as ricas salas do palacio, cuja entrada guardavam cuidadosamente os archeiros; mas contentava-se em admirar os lindos panos de Flandres, os tapetes e colchas de razes e de brocado, que pendiam das janellas; as figuras tecidas, bordadas em vulto, que formavam a varanda do andar nobre, onde eram os aposentos d'el-rei; e as lhamas d'ouro e prata, que guarneciam o pavimento superior, em cujas salas houvera *sarau* na vespera. O povo extasiava-se perante todo aquelle luzimento, que era fructo do seu suor, apanhava as flôres que damas desdenhosas deixavam cahir da mão, quando assomavam aos balcões, embriagava-se com os sons discordes das charamelas, adufas, trombetas e outros instrumentos em guerra com a harmonia, e para mostrar o seu contentamento, e alliar-se mais estreitamente á festa real, soltava enthusiasticos vivas ao rei, ao regente, e aos noivos, e formava danças,

acompanhadas de gaitas e pandeiros, cantava, berrava e tripudiava em vertiginoso delirio.

Lá dentro a alegria era menos ruidosa, e, ainda assim, menos sincera. Por entre as flôres da festa nupcial, escondiam-se como as viboras, odios rancorosos, projectos de vingança, pequenas invejas de grandes, que em menos de dous annos iam rebentar com estrondo, cobrir de sangue o paiz, povoar as terras do exilio, e diminuir o apoucado numero dos homens probos, leaes e desinteressados do paiz. Entrai. Não vêdes o ar triste com que se recosta no espaldar d'essa cadeira de velludo carmezim, um homem ainda robusto pela idade, mas já quebrado pelo desgosto, e como que presagiando desgraça maior? E junto a elle, de pé, e encostado á espada, sua unica esperança, não observaes esse outro cavalleiro, cujos olhos faiscam chammas de colera, e que parece abafado pelas telas do paço, como quem só nos campos de batalha costuma respirar livre? É o infante D. Pedro, duque de Coimbra, e regente do reino durante a menoridade de Affonso v, e o seu fiel amigo D. Alvaro Vaz de Almada, conde de Abranches, e alcaide-mór de Lisboa; ambos esforçados batalhadores, ambos conhecidos por suas viagens em toda a Europa, e, d'ahi a pouco, ambos martyres no sitio da Alfarrobeira! Perto d'elles, apenas se vêem tres mancebos passeando, D. Jayme, D. João e D. Pedro, dignos filhos do regente, que obtiveram em tenra idade, mais por suas virtudes do que pelo berço em que nasceram, um o chapéo cardinalicio,

outro a regencia do reino de Chypre, outro o estoque de condestavel, o mestrado de Aviz, e depois a corôa de Aragão, dando todos claras provas de prudencia, de saber e de valor. O resto da côrte afastava-se do infante, que estava para largar a regencia, como o povo fugiria do contacto de um leproso ou de um judeu. As dissenções politicas dos nossos partidos de hoje, não dão a medida d'estes implacaveis odios de familia, que se apoiavam em diversas parcialidades de nobres e prelados, e ás vezes no auxilio do estrangeiro, sem que o povo tomasse parte na contenda. Posto que não tenhamos intenção de desenvolver a ampla intriga d'essa época fatal da nossa historia, é comtudo necessario apresentar ao leitor os principaes vultos da côrte de Affonso v, onde tem de se passar algumas das scenas d'esta legenda; e por isso o convidamos a deixar a camara aonde pousa o sabio regente e seus melhores amigos, para contemplar os outros grupos, que formam os altos relevos d'esse quadro, repugnante em parte, posto que moldurado em ouro e pedraria.

O centro da conspiração contra o regente ahi está na varanda dos aposentos reaes, representado nas pessoas do duque de Bragança, bastardo de D. João I, do conde de Ourem, seu filho, do arcebispo de Lisboa, e d'alguns outros fidalgos de menos nomeada. Todos haviam sido partidarios da regencia de D. Leonor, viuva de D. Duarte, a favor da qual sahiram a campo, porém vencidos pelo infante D. Pedro, não bastou um generoso perdão para lhes desarmar o

odio injusto contra o vencedor. Contando insinuar-se no animo do novo rei, apenas entrado na adolescencia, os conjurados saboreavam de antemão o prazer de uma vingança ignobil sobre o homem mais honrado e talentoso de toda a Hespanha.

Na sala do docel estava a parte neutral da côrte, rodeando os principes de Portugal, todos ainda jovens, exceptuado sómente o veneravel infante D. Henrique, digno irmão do duque de Coimbra, do infante santo, que morrêra poucos annos antes nas prisões de Fez, do fallecido rei D. Duarte, do tambem finado condestavel D. João, e da preclara duqueza de Borgonha, D. Isabel.

Nenhum rei da christandade teve mais heroica prole do que D. João, o mestre d'Aviz. Cavalleiros como seu pai, instruidos como nenhum outro principe europeu, os filhos legitimos do soberano popular viveram para a gloria do seu paiz, e morreram por ella.

Dissemos que na sala do docel estavam os moços principes de Portugal: eram elles el-rei D. Affonso v, que contava apenas 15 annos de idade, mas em cujo rosto, ainda imberbe, transparecia a magestade real e aquella vontade immutavel, que mais tarde lhe foi fatal; D. Isabel, sua prima e desposada, da mesma idade que el-rei, e filha do infante regente; suas irmãs, D. Leonor, D. Catharina e D. Joanna, ainda meninas; seu irmão D. Fernando, cujo consorcio com D. Brites, ou Beatriz, filha do infante D. João, se celebrava n'esse dia; e D. Isabel, tam-

bem filha do infante (morto havia cinco annos), que, á mesma hora do consorcio de sua irmã mais nova, desposava por procuração a el-rei D. João II de Castella, representado em Lisboa pelo seu embaixador D. Garcia Sanches de Valladolid.

É notavel que estas duas irmãs, casadas no mesmo dia, deram o sêr aos dous grandes monarchas, cujos nomes estão vinculados á descoberta das Indias orientaes e occidentaes. Do consorcio de D. Isabel com D. João de Castella nasceu a rainha Isabel a Catholica, e a união de D. Brites com D. Fernando deu a Portugal o rei D. Manoel.

Festejava-se nos paços da Alcaçova esta dupla boda, como mencionamos, e uma pleiade de fidalgos moços, e de formosas donas e donzellas cercavam as desposadas, e alongavam os olhos até ao throno, onde brevemente se ia collocar outra cadeira para a nova e infeliz rainha, e d'onde mais tarde tinha de descer a primeira chuva de titulos de nobreza sobre Portugal, chuva que foi engrossando de então para cá, até se tornar uma torrente em nossos dias.

Ahi estavam em embryão os primeiros condes de Abrantes, de Olivença, de Arganil (bispo de Coimbra), da Feira, de Cantanhede, da Atalaya, de Penela, de Valença, de Loulé, de Penamacor, de Caminha, de Faro, de Monsanto, de Marialva, de Mira, de Villa Real, de Atouguia, o primeiro visconde que houve em Portugal (de Villa Nova da Cerveira), o primeiro barão (de Alvito), o primeiro marquez (de Valença), os marquezes de Villa Real, Monte-mór, e

Villa Viçosa, o duque de Guimarães, primogenito de Bragança; e ao lado de D. Diogo da Silva, que tambem depois foi conde de Portalegre, notava-se um mancebo, que então passava por ser modêlo dos mais gentis cortezãos, e o mais avisado de todos os fidalgos do seu tempo. Ao braço de João de Menezes da Silva (era este o nome do mancebo) encostava-se uma linda senhora de vinte e tres annos de idade, que era tida pela mais formosa mulher de toda a Hespanha (dizem as memorias da época); chamava-se ella D. Beatriz da Silva, irmã, como João de Menezes, do futuro conde de Portalegre; porém a estes dous reservava-lhes o céo outra corôa mais refulgente que as da nobreza, outros titulos que a realeza não póde dar.

Aos curiosos de genealogias, diremos, fundados no testemunho de Duarte Nunes de Leão e de outros não menos conspicuos escriptores, que estes tres irmãos haviam nascido do consorcio de Ayres Gomes da Silva, alcaide-mór de Campo-Maior e Ouguela, com D. Isabel de Menezes, filha do conde D. Pedro de Menezes, primeiro capitão de Ceuta. Agora, aos que apreciam mais as perfeições do corpo e da alma, de que a estirpe e os titulos de cada um, vamos offerecer os retratos d'estes dous irmãos no sangue e na desgraça, que acabaram por buscar a consolação aonde só póde encontrar-se, no seio immenso de Deus.

Todos os chronistas são conformes em celebrar a peregrina belleza da filha de Ayres da Silva, e as

mil graças com que a natureza a dotára: nem a estatuaria nem a pintura reproduziram nunca uma santa nem sonharam uma deusa, que possuisse o todo harmonioso d'esta encandora donzella. D. Beatriz era mais alta do que baixa, em relação ao commum das estaturas meridionaes; alva como poucas hespanholas, e airosa como nenhuma outra mulher; a garça real invejar-lhe-hia o collo, um annel lhe serviria de cinto, e uma criança não calçaria os seus pantufos dourados. Beijar-lhe a mão causava vertigens. De uma côr indefinida, uma das mil variantes do castanho, os olhos pareciam mais ou menos claros, conforme a disposição da luz a que eram observados; mas sempre maviosos, posto que não amortecidos, agradavam igualmente ao fanatico pelos olhos pretos, ao sectario dos azues, ao proselyto dos verdes, ao admirador dos pardos, a todos emfim, porque aquelles olhos magicos tinham o condão de combinar todos os gostos, pareciam creados para fundir em uma só todas as seitas do bello, como esses genios cuja palavra eloquente arrasta após si as turbas, reunindo n'um pensamento commum as opiniões disparatadas dos corrilhos. Os cabellos e pestanas sedosas, as sobrancelhas ramudas tinham a mesma côr cambiante dos olhos; o nariz parecia talhado expressamente para não perturbar a harmonia do rosto; e a bocca, ciosa dos lindos dentes, occultava o seu esmalte por dous beiços côr de romã. Uma pallidez graciosa lhe velava de continuo o roseo assetinado das faces, e mesmo sob o mais amavel sor-

riso se conhecia que a linda dama guardava cuidadosamente um segredo, talvez um mysterio d'amor. Galanteios dos mais formosos mancebos, propostas de casamento dos mais nobres senhores, tudo engeitára Beatriz, e parecia disposta a recusar mesmo uma corôa real. Séria, como nenhuma outra donzella da côrte, mas não desdenhosa, já fôra innocente origem de varios duellos entre alguns dos fidalgos que a requestavam, e a essa causa attribuiam muitos a sua habitual tristeza; porém, se assim era, porque não remediava o mal, preferindo um dos seus adoradores?...

João de Menezes da Silva era, n'essa época, o antipoda de sua irmã a respeito de alegria. Quasi da mesma idade que Beatriz, cortejado pelas mais bellas donas da côrte, fazendo palpitar mais de um coração virginal, o esbelto e valente mancebo ainda não sentira o que é o amor; adivinhava-o, comtudo, e as suas idéas romanescas faziam-lhe presentir um futuro de desgraças para quando chegasse o dia de se abandonar á paixão de uma mulher digna d'elle. Em quanto porém não soava essa hora, D. João passava o tempo em saraus, em galanteios, e ás vezes em alguma briga com os irmãos, noivos ou maridos das suas damas; ninguem melhor do que elle dançava a *alta* e a *baixa,* o baile *mourisco* e o *vilão,* que até nas salas do paço se executavam, nem dizia mais finos conceitos ao ouvido das esquivas (que nunca o eram para D. João); da mesma fórma ninguem sopeava melhor um cavallo, nem

*

monteava mais desembaraçadamente o javali. Os homens tinham-lhe inveja, as damas morriam por elle.

Estes dous irmãos, cuja mutua amizade todos exaltavam, iam agora separar-se. D. Beatriz acompanhava a Castella a nova rainha D. Isabel, como sua dona de honor, e João de Menezes ficava em Lisboa, com projectos de ir *metter lança em Africa* logo que houvesse outra expedição aos Algarves de além-mar, o que se esperava para breve.

O dia do casamento era tambem o da partida para a princeza D. Isabel, e poucas horas restavam já agora áquelle carinhoso amor fraternal dos filhos de Ayres da Silva... depois só teriam a saudade da ausencia, até ao tumulo.

Chegou emfim a noite, e tratou-se do embarque da rainha, que ia atravessar o rio em um bergantim real, para seguir para o Alemtejo até Tordezilhas, aonde estava a côrte de Castella. O prestito poz-se em movimento dos paços de Alcaçova para o caes da Ribeira, precedido dos arautos, reis d'armas e passavantes, e de cem alabardeiros, que abriram caminho por entre o povo apinhado nas ruas do transito, e ao estrondo de mil fogos d'artificio. Seguiam-se os senhores da côrte em duas alas, com tochas accesas, depois o rei, o regente, os infantes, as princezas e o embaixador de Castella, todos a pé, e silenciosos, e por ultimo D. Guiomar de Castro, condessa d'Atouguia, que ia acompanhar a princeza até á fronteira de Hespanha, e as donas de honor que a

seguiam a Castella. Alguns alabardeiros e immenso povo precipitavam-se atraz da real comitiva, como uma torrente despenhada das alturas do castello sobre as ribas do Tejo.

Emquanto sobre a ponte de madeira, armada á pressa para o embarque de D. Isabel, se despedia a joven princeza de seus reaes parentes, com as lagrimas que uma tal separação pedia, estreitavam-se em um ultimo adeus, no terreiro contiguo (onde el-rei D. Manoel levantou depois novos paços) os irmãos do conde de Portalegre.

— Eu, que sou homem, chóro, Beatriz; e tu, mimosa donzella, não tens uma lagrima para dar a este momento de angustia?

— Oh! tu não adivinhas a força que tem a alma de uma mulher! Não choro, não, e sinto-me morrer n'esta hora!

— Adeus, irmã.

— Adeus, meu João... adeus!

— Espera!... Um beijo por despedida...

— Um beijo? Sim... um beijo ardente!...

Beatriz lançou os braços á roda do pescoço de seu irmão; mas logo recuando mais pallida do que nunca, e tremula e convulsa, exclamou:

— Oh! não... não... não!...

E precipitou-se para a ponte, desapparecendo immediatamente entre as pessoas do sequito real.

— Meu Deus! que terá ella? — murmurou João de Menezes, pregado no mesmo lugar, como por uma força superior — sempre acreditei que um amor

occulto causava aquella tristeza de Beatriz, e agora mais certo estou que esconde um segredo mortal... Porém fugir de mim!... Que tenho eu com os seus amores? Devem de ser honestos, como convém á filha de nossos paes, ao sangue de Menezes e de Silvas.

O mancebo fugia d'um pensamento que, a seu pezar, lhe apparecia confuso, mas horrivel! Só o arrancou d'esta melancolica abstracção o som da artilheria, salvando ao largar da ponte o bergantim real, que tambem conduzia Beatriz. Correu para o rio, a dizer adeus, ainda uma vez, áquella irmã querida, porém os vivas do povo e o estrondo dos tiros cobriam-lhe a voz; nem o bergantim já pôde vêr, que se sumia entre nuvens de fumo; e quando, por ultima recordação, contemplava a esteira que após si deixára o barco, vieram ondas invejosas desfazer-lhe a illusão, e o Tejo ficou tranquillo, como se não acabasse de separar para sempre dous entes que se adoravam.

II

A infanta D. Leonor

Quatro annos eram passados, dia a dia, depois que estivemos com o leitor nos nobres paços da Alcaçova, quando uma solemnidade semelhante á que presenciamos então, tinha lugar n'aquelle mesmo palacio. Que differença, porém, no aspecto da côrte d'Affonso v!

O infante D. Pedro morto, seus filhos e partidarios foragidos, e D. Isabel, posto que coroada rainha, exposta á vingança dos novos privados, os inimigos de seu pai, que por fim conseguiram envenenal-a, se não errou a voz do povo; eis o quadro lutuoso da época, que se seguiu á sabia regencia do duque de Coimbra.

Havia, porém, sarau nos paços do Castello, em a noite de 9 d'agosto de 1451, para festejar os esponsaes que, n'esse dia, acabavam de celebrar-se

entre D. Leonor, filha de D. Duarte, e Frederico III, imperador de Allemanha.

Affonso V já não era então a criança que vimos nas bodas de D. Isabel e D. Brites. Alto e robusto, a sua magestosa presença inculcava mais idade do que na realidade tinha. Naturalmente lhano e de facil accesso, o moço rei patenteava, comtudo, nos gestos e nas palavras o sêllo d'uma verdadeira superioridade. Como guerreiro, mostrou depois que era um dos melhores cavalleiros do seu tempo, e o sobrenome que os contemporaneos lhe deram, recorda á posteridade as proezas do *Africano;* como estudioso, todos sabem que D. Affonso reuniu nos paços d'Evora uma livraria soffrivel para aquella época, que foi muito dado ás sciencias e favorecedor dos sabios, e que fallava a lingua portugueza com tal fluidez e correcção, que sempre suas fallas pareciam estudadas. Magnanimo, como nenhum outro soberano, o filho de D. Duarte queria mostrar aos embaixadores do czar o que era a côrte e Portugal em toda a sua pompa, o ouro que cobria os seus navegadores e guerreiros d'Africa, e que a alliança solicitada havia tanto tempo pelo imperador, não nobilitava uma princeza do seu sangue, a irmã de Affonso V.

O casamento fôra contractado em Napoles, na presença de Affonso o Sabio, rei de Sicilia e d'Aragão, pelo doutor João Fernandes da Silveira, primeiro barão d'Alvito, embaixador de Portugal; e da parte de Frederico III pelo bispo de Trieste, o barão Jorge de Vellesdorff, e Miguel Phulendorff, secretario do im-

perador. Concluido o contracto em 10 de dezembro de 1450, vieram a Portugal, no seguinte anno, dous capellães do imperial noivo, para celebrarem os desposorios com a infanta D. Leonor em seu nome por palavras de presente, como já os emissarios tinham feito em Napoles por palavras de futuro, e acompanharem a nova imperatriz a Roma, onde deviam ter lugar as bençãos e a coroação.

Na grande sala do pavimento superior do paço, forrada de marroquim dourado, com repostciros de damasco vermelho agaloados de ouro, e amplamente illuminada por grossos brandões de cêra, enfileirados ao longo das paredes, estavam muitos dos fidalgos que mencionamos no precedente capitulo; os embaixadores de Allemanha, Jacob Motz e Nicolau Valrensteyn; o infante D. Henrique; a rainha D. Isabel, que era um anjo de belleza, mas a quem consumia uma occulta doença; o infante D. Fernando, então duque de Beja e Salvaterra, condestavel do reino, e grão-mestre de Santigo, que amadurecia o projecto, dado pouco depois á execução, de ir ganhar gloria como soldado na praça de Ceuta; D. Brites, sua esposa; el-rei D. Affonso v, e suas irmãs, D. Leonor, D. Catharina e D. Joanna. A musica tocava sem cessar, a dança agitava-se, posto que com certa gravidade propria do lugar, as mesas preparavam-se para a cêa; emfim estava o sarau em pleno brilho.

No meio, porém, d'aquella ruidosa alegria, um vulto sinistro appareceu na grande sala. O repostei-

ro da entrada principal franzindo-se para um lado, deu passagem a um homem ainda moço, mas de figura cadaverica, trajando gibão de damasco alvacento com passamanes de prata, e segurando na mão uma gorra de velludo preto, onde se via esculpida uma ara com a letra IGNOTO DEO!... Ninguem conheceria n'esse homem o gentil mancebo de ha quatro annos, João de Menezes da Silva; como já ninguem se lembrava na côrte d'aquella estrella formosissima que a abrilhantára outr'ora, D. Beatriz da Silva.

Um fidalgo apartou-se do grupo dos embaixadores e ministros para ir ao encontro do recem-chegado: era o conde de Portalegre.

— Que é isso, irmão! vens á festa real trajando côres de penitente, e com rosto de beguino?

— Cumpro o meu fado!

E mostrou ao irmão a inscripção da sua gorra.

— Ai, João! que te não percam os altos pensamentos que os livros tem arraigado n'essa cabeça mais de escolar que de cavalleiro!... Tudo tens esquecido por esse *ignoto deo,* até a irmã, tão querida, ainda ha pouco, de teu coração, a pobre Beatriz!

— Esquecel-a, a infeliz, que, como eu, tem o seu *ignoto deo*... oh! não!... Crê-me, Diogo, nossa boa irmã soffre muito, arde n'uma paixão que a consome.

— Mas não me pedes novas d'ella?...

— Que? Chegaram noticias de Toledo? Falla, falla...

— Bem más, irmão; a filha do bom infante D. João odeia a filha de nossos paes.

E o conde narrou circumstanciadamente o que soubera de Castella a respeito de sua irmã. A rainha D. Isabel tinha-a presa em Tordezilhas, por causa das brigas que cada dia se travavam entre os senhores da côrte, pretendentes á sua mão ou ao seu amor; como se a pobre fosse culpada da formosura que Deus lhe dera, quando nem por gestos nem por palavras, animava nenhum dos competidores com a mais longinqua esperança, nem authorisava ninguem a fazer-se seu campeão!

João de Menezes estremeceu; passou-lhe novamente pela cabeça aquella idéa sinistra, que não lhe chegou aos labios, mas que o horrosisou, no caes da Ribeira:

— Vou escrever-lhe, disse elle a D. Diogo; felizmente que Beatriz aprendeu tambem essa divina arte, desconhecida a tantas das presumpçosas que ahi estão; contar-me-ha os seus males, e, fé em Deus, havemos de encontrar-lhe remedio; ainda que fosse necessario perder a honra de acompanhar a imperatriz D. Leonor, e ir pessoalmente a Castella reptar quem quer que sustentasse a injustiça d'essa rainha desleal.

Concluindo estas palavras, D. João afastou-se do conde, como quem ia meditar sobre o assumpto; mas é que o ar lhe faltava, porque na força do enthusiasmo pronunciára um nome que lhe escaldava os beiços, como a imagem representada por elle

lhe abrazava o coração, e lhe desvairava a cabeça.

Caminhou para o docel, impellido por força irresistivel, e beijou as mãos d'el-rei, da rainha, e das tres infantas; quando se retirou para o outro lado da sala, estava tremulo como o criminoso diante do juiz, como o assassino ante o cadaver da victima.

Porém João de Menezes não tinha faltas de que accusar-se: criminoso só o podia ser no fôro intimo da consciencia; assassino era, mas de si mesmo.

O mancebo contemplava em extasis uma d'aquellas tres graças, molduradas em formoso arco de flôres, que servia como de sobrecéo ás suas almofadas de brocado de ouro. Frescas do viço da mocidade, as irmãs de D. Affonso v formavam um grupo semelhante ao das filhas do regente, que hoje se admira na galeria de Versailles; os rostos mimosos e fascinadores que aquelles retratos copiam, não menos voluptuosos do que as rosas que lhe tecem a cercadura, dão idéa do quadro que o mancebo tinha diante dos olhos na época a que nos referimos.

D. Joanna, que apenas entrava na idade de doze annos, já mostrava na mobilidade das feições, no rasgado dos olhos, no sorriso provocador, o que seria a futura rainha de Castella, a amante de D. Beltrão de la Cueva, de quem o pudico D. Antonio Caetano de Sousa não pôde eximir-se a dizer que era «mais desenvolta do que convinha á sua real pessoa».

D. Catharina, d'uma belleza mais classica, possuia aos quinze annos todos os attractivos da mulher;

o que não evitou que morresse solteira, depois de contractada para casar por duas vezes.

A mais formosa das tres, porém, era D. Leonor, a desposada de Frederico III, que completára dezesete annos de idade; risonha época da vida, quando a saude, a riqueza, o grau e a formosura cercam d'uma aureola brilhante o rosto virginal da donzella.

Cabellos louros-castanhos, descendo em graciosas espiraes, afagavam o rosto oval de D. Leonor, que não era deslumbrante de alvura, mas cuja pelle fina, liza e transparente, como que deixava vêr a circulação do puro sangue que se ia transmittir á casa d'Austria; seus olhos lascivos, nem verdes nem azues, mas oscillando entre as duas côres, como o mar durante a bonança, promettiam inexhauriveis gozos áquelle sobre quem se fixassem com amor. Este rosto appetitoso alteava-se garbosamente em um nariz digno da estatuaria grega; e terminava tão seductora physionomia a bocca mais de beijar, que nunca beiços rosados entreabriram para deixar vêr tão lindo marfim de dentes. A estatura da princeza era um pouco acima do usual, mas nem por isso o corpo tinha menos flexibilidade, ou seus meneios careciam de donaire. Trajava a côr purpurea dos czares, em cujo throno ia sentar-se, e a corôa de diamantes que lhe cingia a fronte, terminava em um pequeno globo, insignia do imperio, feito do primeiro ouro que trouxeram a Portugal os exploradores da Guiné.

Todo entregue á contemplação das mil perfeições de Leonor, o irmão do conde de Portalegre não via o circulo de aulicos que se estreitava em roda d'elle, uns soletrando o distico da sua gorra, outros procurando lér-lhe no rosto o nome da mysteriosa divindade; e alli permaneceria toda a noite se a travessa Joanna não chamasse a attenção da imperatriz, sua irmã, para o alvo da admiração geral. D. Leonor córou levemente ao encarar com o adorador de um deus ignoto, e, talvez para disfarçar a sua perturbação, porque cria ter adivinhado o segredo do mancebo, ergueu-se vagarosamente, e apoiando com languidez o seu bem torneado braço sobre o debil braço de Joanna, caminhou para o meio da sala, onde estavam em grupo, como dissemos, muitos homens da côrte.

— Senhor almirante, quando estará prompta a armada, que deve conduzir-nos a Italia? perguntou a graciosa imperatriz, em meio do silencio dos cortezãos, provavelmente com o intuito de afastar de D. João as vistas impertinentes d'aquelles homens.

— Imperial senhora, respondeu submissamente Pedro Rodrigues de Castro, que servia o cargo d'almirante pelo ultimo dos Peçanhas, então residente no Algarve; são grandes as difficuldades com que temos a luctar para pôr de verga d'alto uma frota de dez naus, as maiores e as mais luzidas que nunca sahiram de Lisboa; mas no principio de outubro espero que possam largar do Tejo.

— Não vos esqueça, Gomes Eannes d'Azurara,

continuou D. Leonor, voltando-se para outro cortezão, de fazer chronica dos successos d'esta armada, quando concluirdes a dos descobrimentos de Guiné, em que andaes occupado.

— O senhor bispo Nicolau, que presente está, respondeu o chronista-mór do reino, apontando para um dos embaixadores de Frederico, já me prometteu escrever em latim a narração d'estas festas reaes e da viagem até Allemanha; sabedor, como sua reverendissima é, fal-o-ha muito melhor do que um pobre leigo, como eu.

— Não, amigo; interrompeu o infante D. Henrique, que se aproximára do grupo, não consentirei que em minha presença uses de falsas modestias, como não permittiria que outros menosprezassem as tuas letras; pódes, de fronte erguida, apresentar á Europa os primeiros capitulos da tua chronica d'Africa...

— Escriptos sob a direcção e insinuações de vossa alteza, apressou-se a addicionar o guarda-mór da torre do Tombo.

— Em Portugal não faltam os engenhos, nem a cultura necessaria, disse beatificamente o bispo allemão; e quando os principes são protectores das letras, o talento desenvolve-se grandiosamente á sombra do throno.

— Aqui tendes, proseguiu o infante designando a João de Menezes, outro Vasco de Lobeira, para fazer novellas de cavallarias e amores.

— Senhor, o *Amadis de Gaula* é inimitavel! bal-

bulciou D. João, tremendo de se tornar o alvo das attenções, quando alli estava o *ignoto deo* dos seus sonhos.

— Sois dos que nos acompanham a Roma, senhor D. João, disse a imperatriz com placidez; não podeis achar melhor ensejo para delinear um d'esses livros do que na viagem que vamos fazer: podeis ser ao mesmo tempo author e heroe do romance.

João de Menezes sentia-se desfallecer; mas aquella gente sem alma estava alli toda para lhe interpretar o menor gesto; era necessario ter coragem para se não trahir; porém soffria cruelmente, e aquella tortura não era supportavel por muito tempo. Em boa hora começaram as sacabuxas e charamelas a convidar os senhores e damas da côrte para uma volta de dança; o grupo desmanchou-se, e Menezes aproveitou a occasião para se retirar ao vão d'uma janella, d'onde aspirava o ar fresco da noite, e adormecia o pensamento com a vista das aguas, que se balouçavam melancolicamente, lá em baixo, no seu leito profundo.

D. Leonor, sentando-se na cadeira de velludo, em cujo espaldar se viam esculpidas as insignias do imperio, com a cabeça cingida da corôa dos czares, e envolta no manto de purpura e arminhos, olhou com tristeza para o pobre trovador, e disse comsigo mesmo:

— É um louco, que póde perder-se, e perder-me... mas, sobretudo, é muito desgraçado!... E eu?...

Esta interrogação anuviou o rosto da princeza; a resposta não lhe veio aos labios.

Entretanto o descuidoso mancebo d'outro tempo, que uma paixão occulta consumia agora, apoiando a face na mão, e o cotovêlo no peitoril da janella, pensava assim:

— Pobre coração, que tanto te agitas, e não estalas, e não acabas por uma vez com estes delirios do pensamento, com esta paixão que todos devem ignorar, que nem mesmo quero que se suspeite... ai, coração, com quanto fogo a amas, e has-de amal-a, ainda vendo-a nos braços de outro! E ella não terá adivinhado este amor? Nunca o saberá?... É impossivel que eu me não tenha trahido! E vou seguil-a a Roma, á Allemanha; hei-de vêl-a unida a outro homem!... E sacrifico a um amor sem esperanças o socego de toda uma existencia, as mais nobres aspirações do coração!... Oh! Beatriz! minha boa irmã, é necessario salvar-te, em quanto eu mesmo me não perco. Corro a Toledo; estarei de volta em breves dias. A esquadra só parte em outubro, e a minha presença em Castella valerá de muito mais do que uma correspondencia tardia.

Cruzando a sala com passos desiguaes, e olhando a furto para Leonor, o mancebo desappareceu por detraz das pregas do reposteiro.

Com os primeiros raios do sol cessára o ruido nos paços da Alcaçova, por haver terminado o sarau; e começava na Ribeira das Naus a azafama dos carpinteiros e calafates na empreitada de prompti-

ficar as dez naus, que haviam conduzir a Leorne a infanta-imperatriz. Á mesma hora um ligeiro barco atravessava o Tejo, conduzindo a Aldêa Gallega o nosso João de Menezes da Silva, que ia a Toledo saber as causas da desgraça de sua irmã, a formosa Beatriz.

III

Os votos de castidade

Começava o mez de setembro de 1451. Toledo, a formosa capital, e residencia então da côrte de Castella, jazia submersa na tristeza, e os seus moradores accusavam a rainha Isabel d'uma atroz injustiça para com a mais linda e a mais modesta das suas donas de honor. Todos os nobres estavam promptos a sahir a campo em defeza da virtude d'aquella offendida donzella, mas não achavam competidores, porque a calumnia tinha partido de outras damas, invejosas das mil perfeições de D. Beatriz da Silva, e com essas não havia que quebrar lanças.

Tres dias eram passados depois que a gentil portugueza fôra fechada em estreito e escuro desvão, sem lhe darem nenhum alimento, nem uma

sêde de agua, quando entrou na cidade um cavalleiro portuguez, que vinha de longe vingar a affronta feita ao nobre sangue de Menezes e Silva. Era D. João. Apenas chegado a Toledo, dirigiu-se ao palacio real, a impetrar uma audiencia da orgulhosa rainha de Castella, e resolvido a luctar até ao ultimo sôpro de vida pela liberdade de sua querida irmã.

D. Isabel conhecia o mancebo da côrte de Portugal; estimára sempre a Beatriz, e cedêra á intriga das invejosas donas, primeiro com reprehensões severas, depois com mais asperos castigos, porque ellas lhe figuravam a donzella como motora de todas as rixas e duellos que haviam inundado de sangue as ruas de Toledo. Vendo, porém, o abatido rosto de D. João, e lembrada da amizade que sempre lhe consagrára a sua fiel dama, resolveu logo dar a liberdade a Beatriz, ordenando comtudo que no mesmo dia sahisse de Castella.

Com que impaciencia esperou D. João de Menezes a execução d'aquella ordem! porém quando contava estreitar nos braços a irmã adorada, recebeu d'ella um bilhete concebido n'estes termos:

«João. Acabo de saber que chegaste a Toledo, e alcançaste salvar-me da morte cruel que me estava preparada, e cuja aproximação já sentia; mas não te verei mais, querido irmão, porque n'este isolamento fiz voto de perpetua castidade, e dedicar-me-hei sómente a Deus, no mosteiro de S. Domingos o Real, cujas portas a rainha permitte que se me abram.

Volta a Lisboa, e cuida em que esse *ignoto deo* a quem adoras, não murche a tua felicidade na terra, e te faça perder a salvação eterna. Beatriz».

— Não me quer vêr! — bradou D. João, acabando de lêr a missiva. — Ao cabo de quatro annos de ausencia fugir de seu irmão para se encerrar perpetuamente em um mosteiro!... Meu Deus! meu Deus! Se eu adivinharia! Se a desgraça é ainda maior do que a suppõe o mundo!

E as lagrimas corriam em fio pelos sulcos que a paixão cavára no rosto do mancebo.

— Vou escrever-lhe — disse emfim, depois de larga pausa — confessar-lhe-hei o mysterio dos meus amores, e exigirei que me conte o seu, porque ella tambem occulta um segredo... estou certissimo!

E João de Menezes traçou á pressa estas linhas:

«Beatriz do meu coração. Vou revelar-te o mysterio d'esta ara consagrada a um deus occulto. Ha dous annos que perdi a alegria, e que me sinto morrer, porque ousei levantar os olhos para muito alto, e cravar a vista na radiante imagem do sol. Querida irmã, eu adoro em segredo a formosa Leonor, a filha dos nossos reis, a futura esposa do Cesar: eu, simples cavalleiro, atrevi-me a amar uma princeza, e nada é capaz de me arrancar do coração este louco amor! Ella creio que já o percebeu, mas

finge ignoral-o... Póde-o fazer, que é mulher, e não ama! Mas eu, imaginas acaso as torturas que passo cada dia, cada momento que estou ao pé d'ella? E comtudo como me julgaria feliz se pudesse estar sempre ao seu lado!... Sabes o meu segredo, Beatriz; vês que esta vida de tormentos não póde ser longa, e que a morte tem de rematar em breve o martyrio; porém tu, que és um complexo de virtudes e de belleza, porque vaes sepultar-te entre as paredes de triste convento, quando podias dar a felicidade a um dos muitos que te adoram, escolhendo esposo digno do teu amor?... Ah! Beatriz, occultas um segredo que te mata lentamente, e eu quero partilhar as tuas dôres, e se fôr possivel, dar-lhe ainda remedio. Exijo que me confesses esse segredo; bem sabes que fica depositado em um coração leal. — João».

Em quanto o desgraçado fidalgo espera anhelante pela resposta ao bilhete que se acaba de lêr, vamos nós ao convento de S. Domingos, na mesma cidade de Toledo, observar o effeito que produz aquella leitura sobre a nova reclusa, que, no habito secular, passára trinta annos n'este mosteiro «fazendo vida santissima, diz Nunes de Leão, e de muita abstinencia e grande exemplo», preparando-se para estreitar ainda mais os laços religiosos com o divino Esposo.

Depois de tantos soffrimentos, e de ter opposto a resignação á fome, á sêde, aos maus tratos, e ás

vozes da calumnia que maculavam a sua reputação, Beatriz encerrada em pequena cella, com os olhos cheios de lagrimas, mas ainda formosos, lia a affectuosa carta de seu irmão. Chegando ás ultimas palavras, o rosto da donzella tornava-se ora pallido ora vermelho, porque o sangue corria-lhe desordenado entre a cabeça e o coração; o peito parecia que lhe estalava. Aquella alma que aspirava a um mundo melhor, não tinha podido quebrar de todo os laços terrestres. Contava triumphar, com a ajuda da Virgem, que lhe apparecêra no carcere, mas bem via que ainda não era chegada a hora de attingir a perfeição; faltavam a arrancar profundas raizes, d'estas que o maior vendaval não desarreiga, e que só o tempo tem poder de consumir.

— Mal sabes o que pedes, infeliz—exclamou ella por fim, unindo as mãos, como em fervorosa prece. — Não basta para consumir-te a seiva da vida essa louca paixão por uma mulher que não póde pertencer-te, queres ainda devassar os segredos d'este coração, que é um abysmo, que faria de tua irmã, da filha de nosso honrado pai, a maior das peccadoras, a mais vil das mulheres, o espanto do mundo, se uma voz de cima a não segurasse á beira do precipicio, e se as provações que Deus lhe enviou, pela sua ineffavel bondade, não mostrassem claramente á alma transviada que ainda era tempo para o arrependimento!... Não te verei mais, não, unico sêr a quem tenho adorado, unico esposo que o meu coração escolheria, se Deus o permittisse, e a cuja

imagem só posso antepôr a imagem do proprio Deus, pois que só elle me póde fazer esquecer de ti!... Exiges uma resposta? Tel-a-has, mas breve e derradeira. Coragem, meu Senhor!

E Beatriz sentou-se junto a uma tosca mesa, e escreveu:

«Meu João...»

— Meu?... não! — proferiu dolorosamente a virgem, rasgando o papel onde havia lançado aquellas duas palavras. Depois começou outra carta n'estes termos:

«João. A nossa separação quer Deus que seja eterna... Ai! nem mesmo na presença do justo Juiz devemos encontrar-nos! Um mosteiro será o meu tumulo em vida, um habito de freira a minha mortalha. Se tu pudesses, como eu, fugir do mundo, e abraçar-te com a cruz do Redemptor, que do alto do Golgotha proclamou o nada das vaidades humanas! Mas não, sê feliz no seculo; porém abate a ara do *ignoto deo,* porque Deus só ha um, não desconhecido, porque d'elle dão testemunho o céo, o mar, a terra, toda a creação, e só a esse se devem erguer altares. Adeus, irmão, adeus para sempre... para sempre! — Beatriz».

Calculai a afflicção do bom Menezes ao receber este bilhete. Não era uma confissão franca, mas era uma revelação bem clara da causa que motivára os desgostos de Beatriz. Aquelle horrivel pensamento

que ha quatro annos lhe vagueava na mente, confuso, indefinido, tomava agora as proporções da realidade, e fixava-se d'uma maneira indelevel na cabeça do mancebo, para acabar de lhe torturar o coração, já tão ulcerado pelo amor sem esperança! Que faria, o desgraçado? Contaria ao conde de Portalegre o segredo de sua irmã? Não, que era augmentar o numero dos infelizes, sem diminuir as amarguras de ninguem.

João de Menezes leu e releu a carta de Beatriz; aquellas palavras cheias de unção evangelica estiveram quasi a fazel-o largar o mundo, e ir esconder-se no convento de Nossa Senhora de Guadalupe, de frades Jeronymos, onde já tinha passado alguns dias, porém dias risonhos, sem idéa de clausurar-se. E Leonor?... deixar de a vêr ainda uma vez! O infeliz não podia tanto. Fez voto de castidade já que não lhe era dado esposar a unica mulher que amára, mas não teve força para arrancar da gorra o altar do deus ignoto.

Partiu de Toledo no mesmo dia; e ao apparecer de novo na côrte de Portugal todos perguntavam se o filho de Ayres da Silva voltava de alguma peregrinação á Terra Santa, ou se, pelo contrario, fizera pacto com Satanaz e o acompanhára nas entranhas da terra em busca de metaes preciosos.

IV

A viagem da imperatriz

Grossas nuvens se acastellavam no poente, rasgando-se a espaços em fitas de fogo; o Tejo dormia, mas roncava nas praias d'além, como o scelerado cujo espirito se agita sonhando na maldade que ha-de seguir ò seu acordar; porém Lisboa adornava-se de todas as suas galas, o povo corria as ruas com danças e tangeres, e uma vistosa frota com as bandeiras de Portugal e do imperio, com flammulas e galhardetes de mil côres, balouçava-se garbosamente sobre as aguas quietas, mas turvas do rio.

Era o dia 20 de outubro do mesmo anno 1451 em que passaram os successos dos dous anteriores capitulos, e para tal dia fôra destinado o embarque

da imperatriz D. Leonor. Ás onze horas da manhã sahiu dos paços da Alcaçova toda a real comitiva, com direcção á cathedral, onde havia missa solemne. El-rei D. Affonso v levava de rédea o cavallo em que montava a imperatriz, e da mesma fórma o infante D. Fernando guiava aquelle que conduzia a rainha; D. Henrique dirigia o ginete em que cavalgava a infanta D. Catharina, e o marquez de Valença cuidava da graciosa infanta D. Joanna. O resto da côrte, a pé, seguia a real familia. De todas as janellas, guarnecidas de formosas damas, pendiam ricas alcatifas, e os archeiros mal podiam abrir caminho para o cortejo por entre as ondas do povo, que corria a contemplar pela ultima vez o lindo rosto de D. Leonor.

Ouvida a missa de pontifical, que celebrou o arcebispo de Lisboa D. Martinho Vaz da Costa, despediu-se a imperatriz de sua cunhada, a rainha D. Isabel, que, por muito incommodada, não pôde ir a pé até ao caes da Ribeira, como toda a mais comitiva. D. Leonor começou então a derramar sentidas lagrimas, e a scena tocante da despedida communicou o pranto aos olhos de todos os assistentes.

Tendo atravessado a longa ponte de madeira, fabricada sobre toneis, expressamente para este embarque, e junto á qual se via atracada a nau capitaina, a imperatriz voltou-se ainda uma vez para os principes, a dizer-lhe o ultimo adeus; porém querendo em seguida embarcar, pois que a luz dos olhos começava a faltar-lhe n'aquelle transe do apartamento, envolveram-se-lhe os pés no manto imperial, e

teria cahido ao mar, se mão vigorosa e prompta a não enlaçasse rapidamente pela cintura.

Ao grito unisono de terror que sahiu de milhares de boccas, quando a imperatriz resvalou para o abysmo succedeu o silencio da estupefacção, vendo-a logo salva do perigo, e todos se voltaram com inveja para o feliz mortal, que tivera tamanha dita. D. Leonor mandou-lhe o mais terno sorriso de agradecimento, e deu-lhe a mão a beijar... a mimosa mão de uma formosissima donzella de dezesete annos, imperatriz que ella não fosse! O salvador da infanta fôra João de Menezes da Silva.

— Leonor, magoaste-te? — perguntou Affonso v, correndo em soccorro de sua irmã.

— Oh! não — respondeu ella; este cavalleiro segurou-me muito a tempo. E abriu os labios em novo sorriso, que penetrou até ao coração de Menezes. Só perdi um sapato — continuou ella, designando com o dedo um pequeno objecto que deslizava pela corrente do rio, brilhando como uma estrella em céo caliginoso: eil-o lá vai.

Ao concluir estas palavras a princeza, sentiu-se nas aguas o baque d'um corpo pesado, e o povo attonito viu um homem nadando com vigor na direcção do indicado objecto. O leitor adivinha de certo quem era o louco que se arrojava ao mar em busca do pantufo imperial.

Houve um momento de silencio. Depois começaram alguns a murmurar em voz baixa; e o almirante mandou um esquife da nau a prestar soccorro ao

nadador. A esposa de Frederico III virou-se insensivelmente para D. Joanna, que estava a seu lado, e disse-lhe a meia voz:

— Ai, Joanna, que homem aquelle!

— Vale mais do que um imperador — respondeu ella, com um tom pouco em harmonia com a sua tenra idade; e continuou: Casam-nos com um principe que não conhecemos, e exigem de nós amor!...

D. Joanna ria com tal desdem, como se já fosse a mãi da *excellente senhora,* quando o povo lhe chamava a *Beltraneja,* a adultera!

João da Silva não quiz utilisar-se do barco que voára em seu auxilio. Como, mais tarde, Camões nas aguas do Mecon, salvando o seu immortal poema, o amante de Leonor nadava com um dos braços, e alçava o outro acima das vagas, segurando na mão um sapato de razo carmezim, avivado de canutilho de ouro pela parte superior. Chegado á ponte, saltou ligeiramente sobre as pranchas forradas de damasco, e ajoelhando diante da gentil imperatriz, apresentou-lhe o breve e gracioso pantufo sobre as dobras da gorra, onde brilhava em letras de prata o fatal *ignoto deo!*

D. Leonor empallideceu ainda mais do que no momento do perigo, mas disse-lhe com graça senhoril:

— Guardai-o, D. João; assim molhado far-me-hia mal calçal-o.

O cavalleiro apertou-o contra o peito, como um talisman; e de envolta com os outros senhores do sequito da imperatriz, embarcou na nau capitaina.

A procella ameaçadora que ennegrecia os horisontes, rebentou então com furor. Toda a côrte desappareceu da Ribeira, e o marquez de Valença, capitão-mór da armada, tratou de precaver as naus contra algum desastre que pudesse sobrevir. A capitaina, que tinha a seu bordo tão precioso deposito, afastou-se logo da ponte, segurando-se em distancia da terra com todos os seus ferros no fundo; as outras nove embarcações seguiram-lhe o exemplo. Á noite accenderam-se faróes, sobre os quaes se fixavam de continuo todos os olhos da real familia e dos cortezãos, através das vidraças do palacio da Alcaçova; e posto que a borrasca redobrasse de força a cada momento, a vigilancia dos mestres e da maruja foi tão grande, e tão acertadas providencias se deram, que nenhuma das naus soffreu o menor desarranjo.

Muitos dias passou a armada no Tejo, sem que o mau tempo lhe permittisse sahir á barra, e só a 12 de novembro pôde emfim velejar para o seu destino. Ainda assim a tormenta não cessára de todo, apenas dera alguma tregua, e investindo de novo com a armada na bocca do Mediterraneo, dispersou as naus que, a muito custo, se puderam reunir em Ceuta a 5 de dezembro. D'ahi, sempre açoutada pelos temporaes, entre repellões de vento duro e serras de mar encontrado, e tendo combatido contra tres naus e duas galés de piratas perto de Marselha, chegou emfim a desolada frota a ancorar no porto de Leorne, a 2 de fevereiro de 1452.

Com que prazer aferraram a terra os lassos via-

jantes! Apenas um, d'entre tantos, desejára tornar eterno aquelle trajecto maritimo; e, quem sabe, talvez outro, uma fraca senhora, apesar de todos os incommodos que soffrera, achasse que vinha cedo a hora de desembarcar na Italia.

Tudo estava preparado para receber dignamente a nova imperatriz de Allemanha. De Leorne marchou a comitiva para Sena, capital da republica do mesmo nome, a cujas portas veio receber a D. Leonor o imperador Frederico III, Ladislau, rei de Hungria, seu irmão o archiduque Alberto, e outros principes, nobres e letrados, entrando no numero d'estes o celebre Eneas Silvius, nascido n'esta mesma cidade, e que depois foi Papa sob o nome de Pio II. O embaixador portuguez em Roma, Luiz Gonçalves Malafaia, tambem acompanhava o imperador, bem como varios enviados do santo padre. O concurso de povo nas ruas era immenso: já n'aquelle tempo os republicanos folgavam de admirar a purpura dos Cesares, e os ornatos dos cortezãos! uma inscripção monumental ficou lembrando aos vindouros a grande honra que a republica recebera de ter dentro de seus muros o herdeiro de Carlos Magno.

Frederico contava então 36 annos; tinha um ar agradavel, unido a uma presença magestosa. Isento de paixões fogosas, e de todo o genero de excessos, sobrio na comida até quasi ao ponto de viver em jejum continuado, de costumes simples como qualquer burguez do seu imperio, o esposo de Leonor inculcava ser muito mais [illegible]ven do que na realidade era,

e tinha uma physionomia sympathica. Posto que, no futuro, elle desenvolvesse largos planos de ambição, e intrigasse para estender os limites do imperio, e deixar a corôa a seu filho Maximiliano, é certo que ao submetter-se á dolorosa amputação de uma perna ulcerada, já na idade provecta, exclamou: «Vale mais um camponez com saude do que um imperador doente!»

A formosa infanta de Portugal agradou muito a Frederico, e suppõe-se que o bondoso imperador nunca soube que a seguia um amante apaixonado. As damas que a acompanhavam tambem foram conquistando corações de italianos e tudescos, apesar de toda a reserva que lhes recommendava a cada hora a camareira-mór, D. Brites de Menezes, condessa de Villa Real, e parenta de D. João.

De Sena caminharam para Roma, aonde eram esperados por treze cardeaes, clerezia, e os magistrados da cidade, encarregados pelo Papa de comprimentar os Cesares, e preceder-lhe a marcha até á igreja de S. Pedro. O marquez de Valença, filho do duque de Bragança, que já conheciamos sob o titulo de conde d'Ourem, tendo feito entrega do precioso thesouro que el-rei confiára á sua guarda, havia tomado differente caminho de Sena para Roma; porém o bispo de Coimbra, Luiz Gonçalves Malafaia, D. Lopo d'Almeida, Pedro Vaz de Mello, João de Menezes da Silva, e outros portuguezes iam encorporados no sequito imperial.

Seguiremos a D. Lopo d'Almeida, que depois foi

conde de Abrantes, na descripção das ceremonias de bençãos e coroação em Roma. Elle as escrevcu miudamente em carta dirigida a el-rei D. Affonso, que se encontra nas *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*.

Quinta-feira, 13 de março, a hora de terça, se foi o santo padre Nicolau v á igreja de S. Pedro, apparelhado em pontifical, e seguido de muitos cardeaes e prelados. Já ahi o esperava Frederico III, com o embaixador de Portugal, e varios condes e senhores allemães. Depois chegou a imperatriz, acompanhada pelo rei de Hungria e de Bohemia, pelo archiduque Alberto, e os fidalgos portuguezes; e logo o imperador se foi vestir de capa, alva, amicto, estola c manipulo, como um sacerdote; seu irmão, de manto comprido de escarlate, forrado de arminhos, com a corôa imperial na mão, que era toda de diamantes e aljofres, precedia agora o Cesar, e antes d'elle vinha o duque da Baviera com o globo de ouro, tendo em cima uma pequena cruz do mesmo metal; um conde do imperio com o aureo sceptro; outro com uma corôa menor, tambem de ouro e pedras preciosas; e o mestre de ceremonias com a espada do imperador, cuja bainha era da maior riqueza. Frederico e Leonor ajoelharam ante o Papa, beijaram-lhe o pé c a mão, e Nicolau beijou na face o imperador. Depois das rezas do ritual, benzeu este os anneis que deu aos noivos, fez-lhe as perguntas do estylo, c mandou que se beijassem. Em seguida coroou o imperador com a corôa menor, e deu-lhe

de novo a beijar o pé e a mão. D. Leonor assistia á ceremonia vestida em uma cota de carmezim, e opa de brocado pardo, toucada com uma crispina rica, e cingida por um tecido de brocado branco. Os senhores portuguezes foram tratados pelos cardeaes e pelo Papa com mil distincções, e n'este acto designaram-lhes lugares entre os bispos e os condes.

No domingo seguinte, 16, teve lugar a ceremonia da coroação solemne dos Cesares, na mesma igreja de S. Pedro. Começaram por vestir ao imperador a sobrepelliz e o capello de conego, pois ficava com essa dignidade na dita igreja; e depois voltando ao seu traje usual subiu Frederico á capella-mór, onde já o esperava o santo padre, em quanto D. Leonor entrava no templo e a faziam parar no meio da nave, para ser ungida na espádoa, no braço e mão direitos. A imperatriz ia em cabello, apenas enfeitado por um fio d'ouro, e acompanhada por Ladislau e dous cardeaes. Tendo revestido uma cota de carmezim, foi tambem sentar-se na capella-mór. Então começou a missa, e antes do Evangelho collocou o Papa pela sua mão as corôas do imperio romano sobre as cabeças de Frederico e Leonor. Depois deu ao imperador a espada, que elle brandiu sete vezes, e em seguida cingiu-lh'a, e collocou-lhe nas mãos o sceptro e o globo d'ouro. Acabada a missa deu-lhe agua ás mãos o marquez de Valença, e todos se retiraram a seus aposentos, sendo D. Leonor a primeira a sahir, e atravessando a cidade com a corôa na cabeça, ao som de enthusiasticos vivas do povo romano. No do-

*

mingo da Paixão, 23 de março, partiram os imperiaes conjuges para Napoles, aonde os seguiram os fidalgos portuguezes que acompanharam desde Lisboa a D. Leonor, com excepção d'um só, o irmão do conde de Portalegre, que desappareceu n'essa occasião, sem que ninguem soubesse novas d'elle. A imperatriz tremeu a principio pela vida do infeliz mancebo, mas avaliando a importancia das obrigações que contrahira perante Deus e os homens, esqueceu aquelle louco amor, e foi uma digna esposa do imperador dos romanos.

*

V

O beato frei Amador

Alguns annos tinham decorrido após dos successos narrados no precedente capitulo d'esta singela historia, quando chegou a Roma o bispo de Evora e da Guarda, D. Garcia de Menezes, o qual, trocando o baculo pela espada, ia por capitão-mór d'uma frota, enviada contra os turcos por D. Affonso v, a pedido do Papa Xisto iv. O prelado guerreiro, que tão miseravelmente veio a acabar n'uma cisterna do castello de Palmella, em resultado das conjurações da nobreza contra D. João ii, estava ainda então no vigor da idade, e, reunindo o saber á valentia, accumulava com as funcções militares as de diplomata junto á côrte do Vaticano. O pontifice recebeu-o como convinha a um homem da categoria do bispo, e depois de larga conferencia a respeito dos negocios politicos e religiosos, fallou-lhe de um monge portuguez que ha muito tempo residia na capital do orbe catholico, e que da ermida de S. Pedro Montorio havia feito um mosteiro da Observancia, onde passava vida exemplar, compunha livros de cousas espirituaes.

Um dia, porém, que o beato Amadeu revolvia uma arca, aonde de envolta com os seus escriptos theologicos se achavam alguns objectos profanos, velhas recordações do seu tempo de cortezão, encontrou o que menos desejaria encontrar, o que talvez suppunha não possuir já: aquelle pantufo de D. Leonor, que elle foi buscar á corrente do Tejo! O primeiro movimento, irreflectido, do monge, foi apertar o sapato entre as mãos, e beijal-o com ardor; mas em seguida lembraram-lhe os seus votos, recordou-se de que a imperatriz estava morta desde 1467, e correndo ao brazeiro da cella queimou, até ficar em cinzas, aquelle testemunho do seu peccado; depois, na mesma arca, buscou umas asperas disciplinas, e ajoelhando diante d'um crucifixo, rasgou as proprias carnes com o açoute...

Castigava a sua ultima saudade do mundo.

EPILOGO

Em 1482, no mosteiro de Santa Maria da Paz, em Milão, falleceu o beato frei Amador; e aquella santa senhora, que fôra um modêlo de formosura, e inveja das outras damas, soror Beatriz, acabou com 66 annos de idade, na mesma capital, em 1490.

FIM

Esta publicação deve ser devolvida na última data marcada

5-1-74			

Mod. 105 - 63 - B

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE ASSIS
INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA E PSICOLOGIA

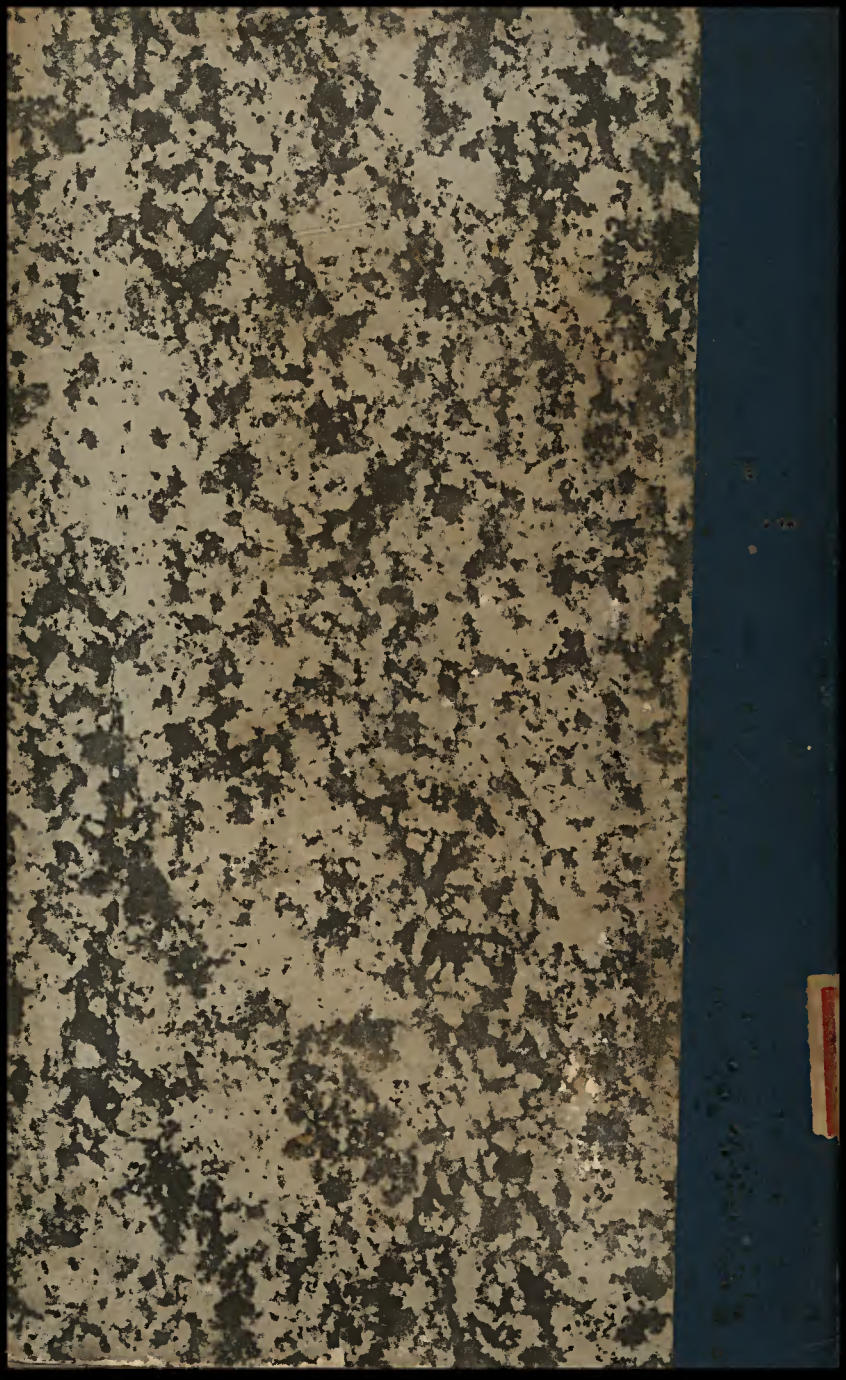
– BIBLIOTECA –
Tombo 46.458 Classe 869.3
B727r
Autor BORDALLO, Fco. Maria
Título Romances marítimos –
v.2

TOMBO: 46458

INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA E PSICOLOGIA DE ASSIS

BIBLIOTECA

Se este livro não for devolvido dentro do prazo, o leitor perderá o direito a novos empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para êste livro.

ILHPA – Mod. SBD/161